O time de Opinião está na página 4





José Eudes





JA POLITICAL DE LA POLITICA DE LA PO

SEMANÁRIO NACIONAL - ANO II - N.º 68 - Cr\$ 15,00 - 15 A 21 DE JUNHO DE 1979

# Metalúrgicos e estudantes brasileiros apóiam a insurreição na Nicarágua

O Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, realizado em Poços de Caldas, e a Diretoria Provisória da União Nacional dos Estudantes (UNE) manifestaram-se claramente a favor da luta do povo nicarague use contra a ditadura de Anastasio Somoza. agora em sua fase insurreicional. As posições dos representantes dos metalúrgicos e dos estudantes brasileiros estão na página 7 e na página 12. Na página 13 (Internacional), os riscos de continuidade do somozismo, mesmo após a derrubada de Somoza. E, aqui, os últimos lances do cerco à capital do país, Manágua, empreendido pelo povo em armas, liderado pelos guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).





O secretario de Estado norte-americano, Cyrus Vance, anunciou na última quarta-feira, quando fechavamos esta edição, que propôs a realização de uma reunião de emergência da Organização dos Estados Americanos (OEA), para tentar pôr fim ao conflito na Nicarágua. Vance deixou claro que os Estados Unidos são favoráveis a uma solução "política da crise" e que confia que "o sistema interamericano encontrará os meios de alcançar o cessar-fogo e o fim do envio de armas de ou tros países para a Nicarágua".

A fala de Cyrus Vance insinua uma saida in tervencionista. Na linha do que já dissera o senador Edward Zorinsky (democrata de Nebraska): "Carter deve agir diplomaticamente se for possível e militarmente se for necessário". São as últimas cartadas do imperialismo na tentativa de sufocar a revolução nicaraguense.

Apesar, de na última quarta-feira, os combates terem diminuido em torno da capital — e ter sido restabelecido o acesso ao aeroporto La Mercedes — (pelo menos é o que dizem os telegramas das agências de notícias provenientes de Manágua, sem duvida alguma censurados pelo agonizante regime de Somoza), o povo nicaraguense em armas, liderado pela Frente Sandinista de Libertaçao Nacional (FSLN) e outras organizações de oposição, está avançando contra a última cidadela do ditador. Ainda na noite do dia 13, um portavoz do Partido Socialista dos Trabalhadores da Colômbia (PST) informou que uma brigada de combatentes chegará no sábado à Nicarágua, para engrossar as fileiras sandinistas. A "Brigada Simon Bolivar" é uma entre muitas das que estão partindo de países da América Central e da América Latina como um todo Já na Bolívia o candidato à presidencia pelo Partido Socialista, Marcelo Quiroga, exigiu do governo do seu país "o imediato rompimento das relações diplomáticas com o regime de Somoza".

O regime brasileiro manifestou-se contra "medidas intervencionistas" na Nicarágua, mas a cada dia fica mais evidente que o Brasil está vendendo armas para a ditadura somozista. Na última terça-feira, um piloto que desertou das fileiras da ditadura voltou a denunciar o governo brasileiro como fornecedor de armamentos a Somoza.

Como os metalúrgicos reunidos no Congresso de Poços de Caldas e os estudantes representados pela UNE, os trabalhadores brasileiros de modo geral repudiam a ajuda do regime do general João Figueiredo a Somoza e exigem o rompimento das relações displomáticas do Brasil com a Nicarágua somozista.

## Patrão da Fiat quer greve. Operários

descobrem por quê

Patrões da Fiat e FMB (em
Minas) acumulam estoques e estão
estimulando um clima de
greve nas suas empresas. Os
trabalhadores contudo já descobriram
toda a jogada. Conheça a história
em detalhes na página 14.

### Debate sobre a greve dos jornalistas de SP

A posição da diretoria do Sindicato e 3 depoimentos de jornalistas com papel destacado no movimento grevista, pertencentes ao Comando Geral: Perseu Abramo, José Américo e Ricardo Moraes.

Pág. 11

### Resposta ao «Estadão»

David de Moraes, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, envia carta-resposta à direção dos jornais "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde", na tentativa de corrigir as mentiras publicadas por esses jornais sobre a greve dos jornalistas e restaurar a verdade dos fatos

Pág. 10

# **PAULEIRA**

Sequestro à gaúcha é rotina nos

pampas. Repressão política da

Argentina e Uruguai trabalham de

braco dado. E com eficiência.

É a internacional da tortura no

Cone Sul.

Pag: 5

# REPORTAGEM NO CAMPO

O "progresso" no Rio São Francisco ameaça oito mi lhões de lavradores em cinco estados. Uma denún cia da igreja ca tólica.

E mais: um movimento de oposição sindical brota na zona rura de Goiás para espantar o espanta lho do peleguis mo.

Págs. 8 e 9





### Diretoria da UNE faz seu balanço do Congresso

Numa mesa redonda exclusiva para EM TEMPO. 6 diretores da União Nacional dos Estudantes avaliáram, logo depois de sua reunião em São Paulo nos dias 7 e 8 últimos, as conquistas do Congresso de Salvador e as divergências políticas principais. O debate, as resoluções da reunião da diretoria, nas páginas 6 e 7.

O deputado federal Alberto Goldman, do MDB paulista, depois de votar contra a instalação de uma CPI (Comissão manos, teve a coragem mesmo seus compromisde dizer que "toda a distorno do vazio, do nada, do zero absoluto".

Se o deputado acha pressivo. (SA)

que as centenas de mortos e desaparecidos, os milhares de torturados, todos vítimas do regime, são um zero absoluto, Parlamentar de Inquéri- ou sua miopia está auto) para tratar das vio- mentando demais ou o lações dos Direitos Hu- deputado não honra sos. Afinal, quando ele cussão da CPI de tortu- foi eleito, dizia defender ra foi uma discussão em a anistia ampla, geral e irrestrita e o desmantelamento do aparelho re-



O ditador da Nicarágua, que está caindo, chama-se Anastasio Somoza Debayle. A pronúncia do nome dele é - em português -Anastácio sô moça de baile. Não é à-toa que ele está dançando. (RVN)



### Psiquiatria em debate

O Dr. Franco Basagla, renomado psiquiatra italiano, está em São Paulo, onde vai promover uma série conferências. O dr. Basagiia 101 Diretor Serviços de Saúde Mental da Região de Trieste, na Itália, onde iniciou uma experiência original e critica, dando novos rumos ao atendimento psiquiátrico. Sua experiência é mundialmente conhecida, sendo indiscutivelmente, na Europa, o psiquiatra que mais equipe psiquiátrica na co-

desperta polêmicas e deba-

O Dr. Franco Basaglia, vai dar duas séries de conferências. Uma para profissionais e estudantes de saúde, nos próximos dias 18, 19, e 21 de junho, sempre às 20h30, no Sedes Sapientiae (Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes), cujos temas serão: As técnicas psiquiátricas como instrumento de liberação ou opressão; A atuação da

munidade e A integração da psiquiatria nos programas de saúde pública. outra série de conferências, aberta à participação do público, será nos dias 20 e 22 no Teatro de Cultura Artística (Rua Nestor Pestana, 196)

Diz A ESTATISTICA

QUE A MEDIA DE

€ 61 ANOS ...

27 0 2 3 3

VIDA DO BRASILEIRO

As inscrições para as conferências podem ser feitas até o dia 15, sextafeira, nos seguintes enderecos: Rua Dr. Seng, 43; Rua Ministro Godoy 1484 e Al. Gabriel Monteiro da Silva,

### Show da Imprensa Alternativa

No dia 18 de junho, segunda-feira próxima, sera realizado um show musical na Sede Social do FLA-MENGO, av. Rui Barbosa, n.o 170, Morro da Viúva, com início às 21 horas. Sua renda se reverterá em be-nefício da Imprensa Alternativa.

Participarão do Show os seguintes artistas: João Bosco, Luiz Gonzaga Jr., Paulo Moura, João do Vale, Grande Otelo, Boca Li-

### Sindicalismo

O Sindicato dos Bancários de Porto Alegre está promovendo um ciclo de debates e estudos sobre problemas seciais, traba-lhistas e sindicais.

No próximo dia 16 Décio Freitas expõe o tema "His-tória do Sindicalismo Gaúcho e Brasileiro". No dia 19 a Associação dos Sociólogos discute "A participação política dos trabalhadores de ontem e hoje".

vre, Oswaldo Montenegro, Vital Farias, Elba Rama-lho, Geraldo Azevedo, Stepan Nercessian, A direção musical estará a cargo de: Aldir Blanc, Paulo Emílio

e David Tygel.
O espetáculo será uma promoção da Associação Brasileira de Imprensa — ABI, Sindicato dos Jornalistas Prof. do Município do Rio de Janeiro, Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos e Di-

### Teatro

O Teatro de Arena de Porto Alegre está outra vez em São Paulo, apresentan-do agora a peça "Jornada de Um Imbecil Até o En-tendimento", de autoria de Plinio Marcos.

O grupo permanecerá até social, em São Paulo, no dia 17 próximo no Teatro João Gaetano — Rua Borges Lagoa, 650, Vila Mariana — com ingressos únicos de Cr\$ 30,00 de O deputado estadual Antonicos de Cr\$ 30,00 de O deputado estadual Antonicos de Cr\$ 30,00 de O deputado estadual Antonicos de Cr\$ 30,00 de Cr\$ 30,00 de O deputado estadual Antonicos de Cr\$ 30,00 de Cr\$ 30,0 quarta a sexta e de Cr5 50,00 aos sábados e domin-

versões e dos jornais alternativos VERSUS, EM TEM-PO, REPORTER, COMPA-NHEIRO, MOVIMENTO,

LAMPIÃO e PASQUIM. Os ingressos custarão Cr\$ 100,00 e para os sócios do Flamengo Cr\$ 50,00 e estarão à venda antecipadamente nos seguintes locais: pilotis da PUC/RJ, DA do ICHH/UFF, outras Unversidades e na sede social da Gávea.

### Vivência

A DEURBE — Sociedade Brasileira de Defesa da Vi-vência Urbana — convida seus associados e amigos para participarem da instalação de sua nova sede

tonio Resk, presidente da DEURBE, falará sobre os objetivos da entidade.

### Democracia magalhânica

E o Magalha, o democrata Magalha, lembram dele? Isso, o dono do Banco Nacional que queria ser o presidente da República para redemocratizar o Brasil ( o que seria uma obrigação, afinal foi ele que começou isso tudo que está aí). O que anda fazendo Magalhães Pinto? Isso não sabemos mas o banco dele está cada vez mais safado. Vejam só: desrespeitou até recomendação da própria Federação Nadeu o abono de 20% para os bancários minei-

ganham salário-mínimo (existe isso no banco do Magalhães!) e assim mesmo a partir de ju-

ENTAD

Tô com

PEGUEI

50 30

SORTE:

ANOS ..

Os bancários mineiros estão protestando com muita razão - contra o Banco Nacional e nós — que não temos nada a ver com issa podemos nos dar por felizes por não ter o Magalhães Pinto mandando no salário de todo mundo. E' essa democracia que o senhor queria para o Brasil, Magalhães? Com dinheiro cional dos Bancos e não para os patrões (banqueiros, no caso) e miséria para os empregaros. Para não passar em dos? Para isso não prebranco, fez apenas uma cisamos de nenhum "recontraproposta de dar democratizador", já está 20% somente aos que assim (RVN)

### Maluf-Babá e os 40 ladrões

luf ao governo do Estado lário de um primo de São Paulo, algumas Amauri Prianti — de pessoas estão tendo 16 mil para 60 mil cruchance de vingar-se de maneira inesperada de seus desafetos, que são a justiça e outras instituições.

Assim é que o economista Eduardo José de Souza Prianti, considerado mau pagador pela Caixa Econômica Estadual, que o tinha na lista negra dos que não mereciam crédito, acabou agraciado por Maluf com o cargo de diretor daquela instituição. Como era de se esperar, imediatamente o sr.

Com a subida de Ma- Prianti aumentou o sazeiros e aproveitou para demitir a advogada da Caixa, Maria Margarida Tosta que, vejam só que coincidência, foi encarregada pelo Departamento Jurídico de cobrar, em 1975, as dívidas do próprio Prianti.

Esses são nossos dirigentes, esses são os padrões morais que servem de exemplo para os paulistas. A turma do Al Maluf está deixando longe a do Al Capone (RVN)

### Nós, imperialistas

Segundo o general Costa Cavalcanti, "para nós é importante a permanência de Stroessner, porque ele é um entusiasta de Itaipu". Ou seja, ao Brasil interessa a ditadura de Stroessner no Paraguai porque ela defende a submissão aos interesses brasileiros.

Este é o papel odioso dos imperialistas (no qual está se inserindo o Brasil): defender e apoiar ditaduras opressoras de outros povos em função de interesses próprios.

Triste fim está tendo

ca imoral. (RVN)

o "estado de exceção" instaurado no Brasil. Vendemos armas para ditadores como Somoza e Pinochet, desestabilizando governos progressistas (como foi o de Torres na Bolívia) e sustentando ditaduras vizinhas. Não se contentaram em encher de infelicidade o povo brasileiro e estão exportando essa infelicidade para todo o continente. O fim do "estado de exceção" precisa ser também o fim dessa práti-

# 31 MILHOES DE BRASILEIROS PASSAM FOME

### pro inferno

No tempo em que a Igreja — em São Paulo -- estava sempre de braços dados com o poder, era arcebispo aqui o cardeal D. Agnelo Rossi, que se relacionava muito bem com o governo. E o governador pauhoje esquecido Abreu tensamente em São Pau-Sodré. Para quem não lo. se lembra do governo Pois é, e Dom Agnelo

Sodré, lembramos que foi na sua época que foi criada a famosa Operação Bandeirantes (OBAN), precursora do Doi-Codi. Foi na época de Sodré, também, que começou a impunidade do delegado Fleury e que lista (o primeiro biôni- o Esquadrão da Morte

CONTROLA A PROPAGANDA DE REMÉDIOS?

### Socialismo arenista

Tem de tudo neste pais onde o governo ousa insistir na "abertura" mantendo intocável seu aparelho nacional de opressão e repressão.

Imaginem só que o arenista Alexandre Costa Jr., deputado estadual pelo Maranhão, disse que o socialismo tem que ser implantado no Brasil. E socialismo do tigo chines, que é próprio e "não é soviético ou cubano". Segundo ele é um regime democrático, anticapitalista, onde não existe a propriedade pri-vada e o Estado será o grande "administrador das coisas públicas"!

Essa é demais. Nem o Figueiredo quando candidato dizia tal coisa.

Esse deputado que tendo sido eleito com voto de curral sob argumento de que numa estrutura atrasada como a do Maranhão não tinha outro jeito, sô pode estar brincando! Ou, quem sabe, quer garantir seu lugar ao sol num momento político onde o movimento popular avança, fazendo um discurso esperando continuar enganando alguns. Olho nele: de arenista pra socialista, assim, assim... (SZ)

### Fogo neles

O governo fez, há 60 dias, um acordo de cavalheiros (?) com os supermercados para congelar o3 preços. Parece que a única coisa que ficou congelada esse tempo todo foi a vergonha na cara de ambos os

"cavalheiros". Segundo uma pesquisa da "Folha de São Paulo" os preços congelados subiram 5% nesses dois meses que durou o acordo. Só o chuchu (o culpado de sempre) subiu 377%, a abobrinha 274% e o repolho 200% . Na média, os produtos bortifruticolas (que é o que se come) subiram 39%. Ou seja, a comida vai continuar a pesar cada vez mais no bolso e cada vez menos no estômago.

Está na hora da gente botar fogo nesses "congeladores" fajutos dos preços.

Rossi achando tudo muito bom.

Agora, de passagem por Campinas, D. Agnelo declarou-se contrário à anistia aos que "praticaram atos de terrorismo ou assaltos a instituições financeiras". Ele diz: "Não se pode perco de São Paulo) era o agiu 1 i v r e e in- doar criminosos e terroristas, sem que se saiba rese não retornarão ao crime, para abalar a paz...". Acha ainda que as autoridades bra-sileiras "tem, em geral, boa vontade mas que nem sempre conseguem solucionar de imediato os problemas do país.

> Alguém esperava outra coisa de Dom Agne-10? (RVN)



### EM TEMPO:

CONSELHO EDITORIAL E ADMINISTRATIVO: Aluisio Marques, Carlos Tiburcio, Flaminio Fantini, Flavio Andrade, João Batista dos Mares Guia, José Luiz Nadai, Raul Anglada Pont, Robinson Ayres, Sérgio de Carvalho Alli, Tom Fausto Brito (Conselheiro-Presidente). Duarte, Neison Peniendo

Suplentes: Paulo Cavalcanti, Valmir Menezes, Luci Ayala, Maria Cândida.

DIRETORES: Flávio Andrade (Diretor Presidente), José Luiz Nadai, Tom. Duarte, Carlos Tibúrcio, Robinson Ayres.

Secretário de Redação: José Luiz Nadai Editor Geral: Carlos Tibúrcio

EDITORIAS: Nacional: Flaminio Fantini, Tibério Camito, Antonio Espinosa, Jorge Baptista, Antonina Silveira, Carlos Savério, Antonio de Pádua Prado Jr., Fábio Munhoz, Fátima Barbosa, Flávio Andrade, Maria Moraes, Paulo Sérgio, Sergio Alli, Elvira Oliveira, Jesus Varela, Wilson Prudente, Maria Candida, Sebastido Santos Jr. Terezinha V. Ferreira. Internacional: Carlos Eduardo Matos, Lionel Almeida. Aluisio José Monteiro, Altair Moreira, Cecilia Tompson, Cleide Ono, Eliezer Rizzo de Oliveira, José Veiga, Lana, Marineide Oliveira Olgária Matos, Suzana Rios, Virginia Pinheiro Suplemento Cultural: Flávio Aguiar (Coordenador), Antonio Espinosa, Inimar Santos, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Valderez

Arte e Produção: Coordenação Geral e Secretaria Gráfica: Paulo Roberto M. Borges Diagramação: Sergio Papi Ilustração; Sian, Martinez, Cadinho, Cida, Beto Maringoni, Claudio, Nilson e G.M.D. Fotos: Jesus Carlos e Ennio Brauns Filho; Revisão: Alfredo Maria de Souza. Arquivo e Pesquisa: Antonio Alfredo S. Nunes, J. Moura Marinho, Josephine Ghetti, Maria Martins, Maria Quinteiro, Silvestre Prado. Valderez Amorim.

SUCURSAIS: Belo Horizonte: (R. Bernardo Guimarães, 1884) Alberto Duarte (Chefe da sucursal), Edgar da Mata Machado, Ernesto Passos, Fernando Miranda, Lelio Santos Maizé Trindade, Mauridio Godinho, Paula Régis Paulo Vilara, -Ricardo Rabelo, Sergio Aspahan (redação); Mariza Araujo (administração). Porto Alegre. (av. Osvaldo Aranha, 1407 - loja 20) Ana Barros Pinto, Carlos Aveline, Gerson Schimer, Letânia Menezes, Sosa (redação), Adão Capa, Claudio Almeida Flávio Siqueira, João Rodrigues Soares, Luis Alberto Rodrigues, Lucy Ayala, Raul Pont Rio de Janeiro (r. da Lapa 200, sala 408) Adauto Novaes, Antonio José Mendes, Fernando Karan, Carlos Alberto Bahia, Clotilde Hasseimann, Fernanda Coelho, Jorge Ricardo Gonçalves, Luis Antonio de Aguiar, Luis Arnaldo Dias Campos, Marcelo Beraba, Margarida Autran, Maria Helena Malta, Olga de Assis. Orlando Guilhon Braga, Sergio Sbragio. Salvador:(Av Sete de Setembro, 202 - sala 501) Adelmo Oliveira, João Henrique

ESCRITORIOS - Recife: Antonio Sergio de Souza, Cecy Prestello, Orlando Mindelo, Fred Navarro, Márcio Tavares, Eliane Veloso, Marina Lima, Mario Everaldo, Riva M. Nogueira: Aracajú: David Dantas. Campinas: Rinaldo Barros, Maria Alice. Fortaleza: Fausto Aguiar (coordenação), Gervásio de Paula, Rogério Araujo (redação), Vinivio de Araujo (administração) e distribuição). João Pessoa: Aurélio Aquino, Geraldo de Araujo, Manoel Campos. Natal: Cicero Correia, Francisco de Assis. Maceló: Régis Cavalcanti. Campina

Diretor - Responsável: Robinson Ayres.

Grande: Jonas Araújo.

EM TEMPO é uma publicação da Editora Aparte S/A - Rua Bernando Guimaráes, 1884 - Lou:des (Belo 'Horizonte). Redação: Rua Mateus Grou, 57 - Pinheiros (São Paulo) - (EP 05415 - Telefones: 280-4759 - 853-6680 Distribuidora (Rio, SP, BH, Brasilia): Super Bancas.

Composto e impresso nas oficinas do Grupo Impressor de São Paulo Rua dos Italianos, 463 — Telefone 221-6929

### A festa continua

Estão falando agora em um "Partido Socialista Municipalista" com a si gla PSM, que corresponde às iniciais de Paulo Salim Maluf, que seria o cheje da agremiação (epa) Maluf socialista?! So se

tor nacional-socialista Municipalista? Não sei

Como o Maluf faz tudo para agradar o governo federal, poderia mesmo fundar um partido com a sigla PSM, mas com o nome por extenso um pouco diferente: Partido da Baumissão Máxima

### Tem gente mamando

A Companhia Estadual de Casas Populares — (CECAP) de São Paulo. comprou por Cr\$ ..... 7.474.838.80 um lote 26.76 hectares (ou cinco alqueires mineiros e meio ou. ainda. 11 alqueires paulistas) em Botucatu no ano passado. No preco do mercado, que já é alto apurou-se que aquelas ter ras valiam Cr\$ 1.968.799,50. A diferença de cinco milhões e meio de cruzeiras estão nos bolsos de uns e cutros por aí que agora Ëo ser processados.

Como sabemos que o processe não vai dar em nada. quem vai acabar pagando isso ai são os compradores das casas que vierem a ser construidas lá. Como sempre. uns mamam e muitos pagain.

### Trabalhismos

O trabalhista Olavo Setubal ataca novamente. Dessa vez, como prefeito de São Paulo, expulsou de sua sala um professor que fazia parte de uma comissão de professores que foi falar com ele.

Setúbal tem sido o patrào mais intransigente. que tem feito o possivel para ver os funcionários municipais na miséria to-tal e. era de se esperar. dizem que ele faz parte do

PTB da Ivete Vargas Esse PTB da Ivete vai acabar ficando só com ela,

o Setúbal e o Golbery

### O ubaldismo está chamando o ladrão

De vez em quando, é bom a gente pensar um pouco no resultado de certas ações se. em vez de praticadas contra gente normal. fossem dirigidas contra al-

gum grupo de direita. É o caso, por exemplo, da estranha perseguição de extremistas de direita con-tra a "Revista" do Henfil" em Brasília (isso sem falar em pichações e bombas contra jornais de oposição. como já foi vítima --- e não só uma vez — o próprio Em Tempo). Primeiro. esp lharam pregos especiais para furar pneus dos car-ros estacionados junto ao teatro e distribuiram panfletos contendo palavroes contra Ruth Escobar.

Depois, foram encontradas duas granadas nas dependèncias do teatro, sendo que a primeira foi localizada por um funcionário do teatro e a segunda—que ironia—pelo ator que faz o papel de "Ubaldo, o paranóico", personagem que tem um medo exagerado da repressão (o que provou que, talvez, na "abertura" atual ele é o mais correto).

No dia seguinte, três bananas de dinamite ligadas a um relógio foram encontradas sob as poltronas. A peça acabou sendo encenada ao ar livre, devido à falta de condições para utilizar o teatro.

Há algumas coisas estranhas nisso tudo. Uma delas é que as gra-

nadas escondidas no palco são de uso reservado do Exército. Outra é que a

própria polícia concluiu que as pessoas que colocaram as dinamites no teatro entendem paca de assunto. Já é um bom comeco para qualquer detetive de segunda classe. Mas. outra coisa interessante. cs competentissimos órgãos policiais tão eficientes para descobrir assuntos que lhes interessam até agora não descobriram nada. E nem vão descobrir. Quem descobre as ações violentas dos grupos de direita e seus agentes são pessoas que não têm nada a ver com os organismos policiais

como foi o caso do sequestro dos uruguaios em Porto Alegre, em que dois jornalistas acabaram fa-zendo o que a polícia não fez (ela estava do lado dos bandidos?).

E mesmo que alguém descubra alguma coisa, nada será feito contra os terroristas de direita. A cadeia não é feita para eles. Ou é? Lembremos quantas ações terroristas direitistas foram feitas de algum tempo para cá e quantas pessoas foram presas por isso: não há nenhum

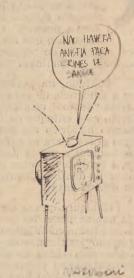
Enfim, voltemos ao primeiro paragrafo: e 🛰 fosse contra algum órgao on entidade direitista. qual seria o resultado? Provavelmente muita gente presa e. talvez, até uma des-culpa para novo endurecimento do regime. Infelizmente. quem está tendo razão nisso tudo é mesmo o Uhaldo.

(RVN - o neo-paranóico)

O Francelino já está tazendo escola. Isso ficou provado quando o ministro da Educação. Eduardo Portela. esteve em São Paulo, na semana passada

O ministro recebeu, além de uma comissão de residentes, uma comissão de diretores demitidos pela Secretaria Estadual da Educação que lhe contaram o que estava acontecendo aqui: os diretores que se negaram " dedo-durar os professores grevistas foram demitidos. O ministro falou que ele também não gosta de dedo-duro e que não sabia que isso tinha acontecido. Quem ficou sem graca foi o Secretário da Educação (péssimo, por sinal) que acabou falando que as sinopses enviadas ac ministro talvez rão estivessem

Agora, Minas tem um governador de sinopse e São (RVN) Paulo um secretário de sinopse. - RVN





### PT sem amenidades

O presidente do Sindiento dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, Luís Inácio da Silva, declarou no 10.0 Congresso Nacional dos Metalúrgicos que "um partido do trabalhador terá como meta uma sociedade socialista"

Isso contradiz o que esperam alguns pelegos, que pretendem um Partido do Trabalhador com características de uma extensão de seus sindicatos ina-tuantes. Partido do Trabalhador é o proposto por Lula — o resto são ameni-

das Convenções do Anhem

bi, em São Paulo, contac

do com as presenças (na abertura) do vice-presi-

dente de República, Aure-

liano Chaves, e do próprio

João Batista Figueiredo, na

fechadura, entre-

meadas pela participação

de vários ministros de Es-

tado, não só no Brasil co-

mo de vários países das

Tarefa árdua esta de

tentar racionalizar a inte-

gração capitalista, à luz

dos interesses empresariais tanto do Sul. como do Norte e do Centro. Apesar dos mais de 1.500 empre sários (não só das Améri-

cas, mas também da Euro-

pa), os três dias de reu-

niões plenárias e de deze-

nas de painéis revelaram

um certo esvaziamento, que

certamente frustrou as ex-

pectativas mais otimistas

Mesmo levando-se em con-

ta a sofisticada infra-es-

trutura do encontro. que

de almocos no Dinho's

três Américas.

### convescote da integração burguesa

Garnero, da Brasilinvest. presidente do Fórum das Américas, foi o principal

empresário Mario articulador desse congresso

os dias 11. 12 e 13 no Salão "A livre iniciativa e a integração continental", realizado durante



Camilo, Penna, ministro da Indústria Comércio, olha para a fotógrafa

### Em Tempo promove debates em Minas

A Sucursal de Belo Horizonte do jornal EM TEMPO promove na semana de 18 a 22 de junho, o PRIMEIRO SEMINÁRIO SOBRE CONJUNTURA E NOVOS PARTI-DOS, a ser realizado no auditório da Faculdade de Ciên cias Econômicas, à rua Tamoios, esquina da Curitiba Sempre às 20:00 horas. A programação consta dos seguin tes temas e debatedores: 18:6 — O MDB E OS NOVOS PARTIDOS

Alberto Goldmann, deputado federal

Debatedores: Didimo de Paiva (jornalista) e João Machado (economista)

S --- SOCIEDADE, DEMOCRACIA E PARTIDOS

POLITICOS.

Palestra de: Fernando Henrique Cardoso, suplente de senador pelo MDB-SP.

Debatedores: Fábio Wanderley Reis (cientista político) e Fausto Brito (Jornal EM TEMPO) 6 — O PARTIDO DOS TRABALHADORES: O QUE E

Palestra de: Lula (Luis Inácio da Silva), presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Debatedores: Ignacio Hernandez (operário meta-

lúrgico da Contagem)
Michel Marie Le Ven (sociólogo)

SOCIALISMO, DEMOCRACIA E PARTIDO POLÍTICO Palestra de: Eder Sader, sociólogo (Jornal EM TEMPO) Debatedores: Nilmário Miranda (jornalista do Jor-

nal dos Bairros) Bernardo Sorj (cientista político - UFMG) - SINDICALISMO E NOVOS PARTIDOS Palestra de: Paulo Mattos Skomov, Presidente do Sindicato dos Couros de São Paulo Debatedores: João Paulo Pires Vasconcellos (Sindi-cato dos Metalúrgicos de João Monlevade) Virgílio Guimarães (economista)

Preço do Seminário: Cr\$ 200,00 - Estudantes: Cr3

### Place (montado no loca!) a visitas, a desfile de modas de Cordovil para as namentais

De modo atabalhoado, contudo, surgiram teses sobre todos os aspectos que se possa imaginar. Um material que, apesar da reio rica, deve ser devidamente conhecido e analisado pe las oposições políticas brasileiras, na medida em que reflete, de fato, as tendências dos principais setores empresariais do Continente. Um mexicano, por exemplo. Reyes Navarro. presidente do Instituto de Estudos Interdiscipli nar de Planejamento Urbano, levantou a proposta de criação de uma "OPEP dos alimentos" pelos países latino-americanos, para se contrapor à OPEP verdadeira, a do petróleo. Foi umas teses que chegou a

Um fórum de estudos, não deliberativo, mas que revela o esforço da burguesia em dar respostas à crise enfrentada pelo capitalis-

repercutir em alguns seto-

O que não deixa de ser um exemplo para os tra-balhadores e suas organizações nas três Américas





Nos três últimos números, EM TEMPO tem chegado até o leitor com vários erros técnicos, particularmente de identificação de autores. E que estamos sendo forçados a mudar sucessivamente de gráficas e os erros devem-se a problemas de adaptação. Não é por nossa vontade que isso vem acontecendo, podem todos os leitores crer. Assim, publicamos abaixo uma ERRATA GERAL pedindo as oportunas desculpas aos leitores e aos autores prejudicados com os erros. Vamos lá:

EDIÇÃO N.0 67 — DE 8 A 14 DE JUNHO A ENTREVISTA DE JOSE BRAHIN, ex-presidente do sindicato de Osasco, em 68, foi concedida a Eder Sader, Tom Duarte, Marco Aurélio Garcia e Antonina Silveira. Fotos de Ennio Brauns Fo.

O artigo UMA ANISTIA POUCO AMPLA, NADA GE-RAL E MUITO RESTRITA é de autoria de Luiz Eduardo Greenhalg, advogado e dirigente do CBA-SP. Foi escrito para nossa página de OPINIÃO, mas entrou em lugar diferente. A foto também nada tem a ver com a matéria (talvez servisse mais para uma coluna social de um jornal da anistia...) - é que não foi feito o devido corte

O informe sobre o encontro partidário de São Bernardo - UNIDADE POPULAR CONTRA A DITADURA -NÃO é de autoria de Flaminio Fantini, mas de FLAVIO

O jornalista ANTONIO CARLOS FELIX NUNES não tem absolutamente nada a ver com a matéria sobre a greve da Mannesmann em Belo Horizonte, embora o texto apareça com sua assinatura. Trata-se de um capítulo inédito de um livro de Ignácio Hernandez, metalúrgico da região, como aliás, também diz a introdução

resenha VOCE VENDERIA UM COMPUTADOR A PINOCHET? acerca da internacional da repressão no Cone Sul, é de autoria de Flaminio Fantini.

Além disso, faltou o Lor no Piquetão com o "Ze acompanhantes dos empre-sários e autoridades gover-

EDIÇÃO N.0 66 — 1 a 7 DE JUNHO Foi uma pena que o logotipo EM TEMPO, da primei-

ra página, não saísse a cores! Limitações técnicas da impressora utilizada naquela semana impediram que o tradicional tom vermelho do jornal aparecesse (aló, aló, DOI-CODI, não interprete mal .). Mais uma vez o fotógrafo Cândido Fernandes, de Pa-

ris, leva a pior conosco. Infelizmente, suas fotos de Manoel da Conceição, o ex-lider camponês sairam sem as-A análise a respeito da greve dos jornalistas de São

Paulo, publicada na última página, foi redigida por CAR-LOS TIBÚRCIO, direto dos piquetes para a redação Lamentavelmente, a cobertura do principal assunto

da semana (a reconstrução da UNE) ficou prejudicada. por recusa da empresa gráfica em produzir nosso texto, devido aos atrasos decorrentes com a mudança de maquinário. Perdão, estudantes... EDIÇÃO Nº 65 — 25 a 31 DE MAIO

DOM PEDRO CASALDALIGA na pág. 11 está respondendo a uma pergunta, que não apareceu: POR QUE AS-SINAR MOVIMENTO?. Trata-se de um anúncio do semanário Movimento, em que o bispo recomenda sua assi-

A entrevista com LULA acerca dos planos do PT fol concedida a Flavio Andrade, Idem, idem, com o depoimento do sociólogo Fernando Henrique Cardoso

O texto NÃO CONCORDAMOS COM NENHUM CHA-PAO sain também sem qualquer referência. E' uma carta do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, a nós remetida, sobre a preparação do congresso da UNE

### POR QUE ASSINAR MOVIMENTO?

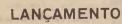
O jornal Movimento era praticamente o único jornal durante todos esses anos, desde a sua fundação, que a gente, quer dizer, nós os exilados poderíamos ler sabendo que estávamos lendo notícias e nos informando de uma maneira honesta e de acordo com os interesses do nosso povo. MOVIMENTO é um jornal que a grande maioria dos exilados deposita muita confiança, A gente procurava superar todas as dificuldades, próprias de quem está no exterior, de quem está longe da pátria, prá conseguir buscar este jornal Então quando a gente conhecia um companheiro que tinha conseguido uma assinatura. já era uma grande coisa, e o companheiro não conseguia ficar nem meia hora cem o jornal na mão, tal era a busca e o interesse que nós tínhamos. Daí o jornal circulava de casa em casa Inclysive na Bélgica, na "Casa Latino-Americana". onde eu trabalhava. o jornal MOVIMENTO, já depois



JOSÉ IBRAHIM

Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco nas greves de 1968: banido do país em 1968; exilado de 69 a 79; hoje no Brasil.

de alguns meses, estava chegando regularmente e era vendido na "Casa" onde todos os brasileiros iam buscar, tal era o interesse de ler esse jornal que sempre travou o combate pelas liberdades democráticas em nosso país



100.00 - Avulso: Cr\$ 60.00.

Foi lançado em São Paulo. o livro em quadrinhos "Sou Muito do Machudo. Meu Amor", de autoria de Beruja Correia de Souza. estando à venda nas livrarias. "Sou Muito do Machudo, Meu Amor" é um monólogo satírico narrado pelo personagem Ratazanus. Em termos visuais. trata-se de um show burlesco no teatro de revis-

# Assine EM TEMPO:

 
 Idade
 Endereço

 Bairro
 Fone

 Estado
 CEP

 End. Comercial
 Horario ...... Fone ..... Estou enviando o cheque nº. em nome da Editora. Aparte S/A Rua Bernardo Guimarães, 1884, Lourdes, Belo Horizonte MG CEP 30 000 Em São Paulo. Rua Matheus Grou. 57. Pinheiros. São Paulo - (SP)

Nome Profissão

Anual: Cr\$ 600,00 **Semestral: Cr\$** 350.00

CEP 05415, fone 853-6680



Exterior Anual: US\$ 90,00 Semestral: US\$ 50,00



# OPMAIO

## O MDB não é alternativa

Por José Eudes (\*)

S recentes greves mostraram coisas importantes para os trabalhadores e o povo. Ficou claro que nada há a esperar da mão estendida de Figueiredo, da sua falsificação da democracia. Intervenção nos sindicatos, pancadaria nos trabalhadores do ABC, ameaças à reconstrução da UNE, anistia pela metade, o AI-5 embutido na constituição através das salvaguardas, o adiamento de eleições municipais de 80, a inflação jogada nas costas do povo — eis a democracia dos generais. dos empresários.

Se a ditadura não age mais como no passado, prendendo, torturando, assassinando ou exilando líderes populares, é porque a crise econômica e política e o avanço do movimento operário a empurraram de uma proposta de distensão lenta e gradual para uma proposta mais ousada de reformulação segura de cima para baixo, como mínimo possível de participação popular e com o máximo de manutenção do arbítrio.

Mas para os trabalhadores e o povo, fica cada vez mais claro que só na força de sua unidade existe uma solução para os graves problemas que o Brasil vive. As recentes greves juntaram milhares de operários do ABC na luta por melhores salários e em defesa de seu sindicato. Milhares de professores do Rio de Janeiro, milhares de funcionários públicos de São Paulo e mais, fumageiros, garis, motoristas mostraram sua disposição de luta por seus direitos. A classe operária veio para ficar, quer ter participação direta nos destinos do país, quer andar de cabeca erguida

Avançou a unidade dos trabalhadores e do povo. A solidariedade e o carinho do povo se fez presente nos dias mais difíceis das greves, apoiando os trabalhadores e os seus sindicatos, apesar de toda a contra-propaganda do governo, dizendo ilegais as greves. Ilegal é a ditadura e Figuelredo, que ninguém escolheu; legais e legitimas são as greves, decididas democraticamente por milhares de traba-

Criaram-se os fundos de greve, unindo os sindicatos com toda a oposição popular. O 1.0 de maio unitário e de luta em São Bernardo, reunindo os sindicatos combativos, as entidades de bairros, os deputados populares, o CBA, O Movimento Contra a Carestia, os padres progressistas, o Movimento da Mulher, os estudantes e com a participação de 150 mil trabalhadores, reafirmou o caminho da solidariedade, o único caminho da unidade dos trabalhadores e do povo pelo fim desta situação de miséria e opressão.

A força e a unidade dos trabalhadores avançaram muito, e por isso a ditadura perdeu o ar arrogante. Mas essa unidade é ainda pequena e insuficiente. As lutas são por categoria e por região. Os trabalhadores rurais e os posseitos, apesar de retomarem suas lutas, ainda não têm uma ligação maior com os trabalhadores da cidade. A solidariedade que tem havido, embora grande no sentido moral e material, ainda é limitada. Os trabalhadores e o povo dão ainda seus primeiros passos no caminho da unidade. É preciso transformar essa unidade: tranformá-la em unidade política. É assim que vamos construindo essa frente que une operários, trabalhadores rurais, posseiros, funcionários públicos, estudantes, na luta pela mais completa superação da ditadura e da miséria, pela conquista da ampla participação popular nos caminhos do país.

O sentimento oposicionista aumenta, e a ditadura se antecipa aos trabalhadores e ao povo. E por isso, impõe a extinção do MDB, propõe a reformulação partidária, uma liberdade de organização partidária extremamente restrita.

No MDB, criado por um ato de força da ditadura, há adesistas, chaguistas, há moderados, há autênticos. Foi o canal de expressão do descontentamento popular e cada eleição, a partir de 74, se transformou num plebiscito de repudio ao arbitrio. Muitos companheiros valorosos, como Márcio Moreira Alves, Lisâneas Maciel, Alencar Furtado, tiveram seus mandatos cassados porque se puseram ao lado do povo. Outros, nos momentos mais decisivos, deram as costas aos interesses populares. Fo ram os que se "esqueceram" de estar presentes na votação da moção pela eleição direta, os que se omitiram nas greves do ABC, os que votaram contra o aumento dos professores no Rio de Janeiro, e contra a CPI das forturas

contra a CPI das torturas.

Assim, pouco a pouco, o povo vai separando o joio do trigo. Nas últimas eleições, cresceu em muito a votação dos candidatos mais comprometidos com as lutas populares. E hoje, um grande número de parlamentares coloca o seu mandato a serviço do povo e está presente ombro a ombro com os trabalhadores nas suas lutas. E temos lutado intransigentemente para fortalecer essa corrente popular do MDB, com a presença nas lutas, com as denúncias na Assembléia. com o combate cerrado aos adesistas, com as campanhas de filiação popular nos diretórios do MDB. Enfim, temos lutado pela unidade dos setores populares do MDB.

A ditadura quer superar o bipartidarismo antes que o povo o faça. Quer dividir a oposição popular. Devemos impedir que a rearticulação partidária se transforme numa derrota para o movimento popular. Iremos assegurar a unidade das oposições populares. Vamos dar a volta por cima e esta liberdade partidária restrita será uma cunha que irá ajudar os trabalhadores e o povo na luta contra a ditadura. Já no recente encontro de São Bernardo do Campo ficou claro que vários setores da oposição popular, embora se coloquem radicalmente contrários à extinção dos atuais partidos por um ato de força da ditadura, não vêem na unidade em torno do MDB, tal como ele é hoje, a solução para a representação do povo no cenário político. A solução está no compromisso entre as oposições populares. Além disso, revelou-se uma grande identidade de preocupações de alguns parlamentares com os sindicalistas autênticos.

Precisamos de um Partido que una todas as

correntes políticas hoje comprometidas com o rompimento mais completo com a ditadura militar, comprometida com a conquista das mais amplas liberdade democráticas, da anistia Ampla, Geral e Irrestrita, do desmantelamento mais completo do aparato repressivo. Precisamos da união de todos os que lutam pela melhoria radical das condições de vida e de trabalho, pela posse da terra a quem nela trabalha, contra o imperialismo. Queremos a unidade de todos os que se comprometem com uma saída para a crise baseada na mais ampla partici-

pação e deliberação populares.

Tal Partido — essa frente das oposições populares — será um valioso instrumento a serviço da unidade dos trabalhadores e do povo. E muito mais que presente no Congresso, estará presente nas ruas, nas fábricas, nas universidades, nos locais de moradia e no campo, ajudando o povo na sua luta. Unindo os verdadeiros democratas, trabalhistas combativos, cristão progressistas, socialistas, será um instrumento valioso para formar uma frente de todos os trabalhadores, de todo o povo, centra a ditadura, pela liberdade.

Estas são as tarefas que, em seu conjunto, expressam o caminho para avançarmos para a conquista de um governo que fique nas mãos dos trabalhadores e que garanta definitivamente o fim da exploração do homem pelo homem em nosso país.

(\*) José Eudes é Deputado Estadual, pelo MDB, no Rio de Janeiro

## Anistia não é perdão nem esquecimento

Por D. Helena Grecco (\*)

OM o projeto de anistia que em breve será apresentado pelo governo no Congresso, a questão dos exilados, ex-banidos e presos políticos mais que nunca está na ordem do dia. Petrônio Portela afirma que ela "será a mais ampla possível" (...) mas claramente discriminada o que ele com uma infelicidade incrivel classifica de "crimes de sangue" e alguns desavizados cognominam "de terror".

Contudo, na polêmica que ora se trava, notase a tendência de enfocar preferencialmente os possiveis "delitos" cometidos por estes brasileiros, isolando este enfoque de um exame profundo do momento histórico em que se deram. Trata-se de um erro grave. Para se entender a questão dos exilados, ex-banidos e presos políticos tal como se coloca hoje, é necessário voltar pelo menos a 1964 e acompanhar os desdobramentos do processo político que se iniciou então.

Qualquer que seja o grau de repulsa ou simpatia que se possa ter pelo movimento de 64, um fato se afirma como incontestável: a derrubada de um governo legitimamente eleito e legalmente constituido, com todas as suas sequelas de demissões, aposentadorias compulsórias, reformas, cassações e prisões constituiu uma violencia contra a consciência política do país. A sequência desse processo, com as sucessivas edições de Atos Institucionais vai cada vez mais mostrar a face de um regime essencialmente autoritário e anti-popular. Não cabe aqui descer a detalhes, mas episódios como a instituição de eleições indiretas para presidente e governador (Ato complementar nª 9 em maio de 1966) em resposta à vitoria de candidatos de oposição nos principais estados do país após o golpe de 64 (outubro de 65): o fechamento do Congresso Nacional por tropas do governo Castelo Branco em outubro de 66 (o Legislativo declarara ilegitimas as cassações de 6 deputados federais — e foi colocado em recesso); a cassação de 8 deputados estaduais no RGS para assegurar maioria ao candidato governista na eleição indireta de setembro de 66 (depois este processo seria repetido em mais 10 estados, inclusive SP e Rio: o governo cassando mandatos para garantir a maioria nos plenários das Assembléias...) etc., etc., devem ser lembrados para que se perceba até que ponto a oposição parlamentar era atingida, antes mesmo do fatidico AI-5, em 1968.

Este, editado ao final de um ano de crescimento popular (greves de Osasco e Contagem, passeatas estudantis, etc. — todas reprimidas com o maior vigor pelas forças policiais, com muitas mortes, das quais a do estudante Edson Luiz é apenas a mais conhecida), tornou-se um marco apenas para consagrar cabal e definitivamente o arbitrio de um regime cujo verdadeiro nome desde muito andava na boca do povo: ditadura militar.

Assim, com todos os canais de organização popular cerceados (sindicatos sob intervenção, organizações estudantis fechadas, etc.), com a polícia nas ruas respondendo à bala aos gritos de "Abaixo a Ditadura", com as prisões repletas de militantes políticos e sofrendo a enxurrada da propaganda oficial, e a tortura transformada em ritual obrigatório nos inquéritos, com a imprensa sob censura rigorosa e sofrendo a enxurrada da propaganda oficial, está delineado o quadro da sociedade brasileira em princípios de 1969.

É nesse contexto que alguns setores da oposição popular vão se lançar no caminho da luta armada. Não nos cabe julgar os erros ou acertos destes setores. Cabe-nos apenas assinalar o que é fundamental: na noite sombria que se abateu sobre a nação naqueles anos, a resistência armada era uma opção política (não importa se incorreta ou não) e como tal tem que ser encarada. Ou não seria política a opção dos tenentes da década de 20, dos insurgentes de 35 e 37 dos de Aragarças e Jacareanga? Seriam esses brasileiros também "terroristas", "criminosos comuns?"

Está bem viva em-nossa memoria a farsa do começo da década de 70 quando, as prisões repletas de opositores do regime, ministros, do governo vinham a público sustentar que no Brasil não havia presos politicos, mas sim delinquentes enquadrados na L.S.N...

Terror houve sim no Brasil e tem havido alnda, fruto da dimensão monstruosa do aparelho de repressão estatal que sequestra, prende, tortura é mata. O terror da prisão clandestina, das torturas mais desumanas. Esse terror que milhares de cidadãos brasileiros conheceram e conhecem ainda hoje. E toda a nação viveu o terror do arbítrio, da censura, dos "desaparecimentos" da ditadura enfim.

"Terrorismo político é a a ressão deliberada à população civil não combatante, desarmada, com o objetivo de lhe arrancar pelo medo colaboração ou neutralidade. Onde a agressão ao não combatente deixa de ser um risco indesejável para ser o alvo em mira". — Neste sentido, o uso do terror não é privativo das minorias revolucionárias" Pelo contrário, historicamente o uso de terror como instrumento político alcança sua escala máxima por parte dos que têm nas mãos o poder.

— Somos radicalmente contrários à qualquer tentativa de classificar exilados, ex-banidos e presos políticos como "terroristas" e "não terrorista", como "culpados ou não culpados de crimes de sangue". Todos os opositores do regime, perseguidos, presos, torturados e mortos merecem o mesmo respeito. Lutaram e lutam ao lado do povo por melhores condições de vida e trabaiho, ou seja, por uma sociedade justa e humana. Denuncia emos vigorosamente qualquer medida descriminatória, qualquer arremedo de anistia que se deseja nos impingir.

— Reafirmamos que mesmo este projete oficial incompleto e tendencioso de anistia não constitui uma concessão da benesse dos poderosos. A luta pela Anistia ganhou dimensão ta! que o governo ditatorial, pressionado pelo avanço dos movimentos populares, tenta atendê-la parcialmente, exatamente para restringir e esvasiar esta luta. É uma tentativa de isolar a oposição mais consequente, comprometida com os feais interesses do povo. A estas manobras governamentais responderemos com a intensificação de nossos esforços no sentido de ampliar nossas bases sociais, porque a Anistia pela qual lutamos é a que responde às aspirações das massas populares. A Anistia Ampla, Geral e Irrestrita é a liquidação do sistema que a tornou necessária. Não é apenas um pré-requisito de justiça, mas um passo para o fim do regime de exploração e opressão.

Para nós, Anistia não significa perdão (o arbitrio não tem nem a legitimidade nem a isenção para julgar o arbitrio), de maneira nenhuma, em que pese seu significado etmológico, o esquecimento. Exatamente lembrando o passado, julgamos que Anistia só se completa com a liquidação total do aparato repressivo, oficial ou não. Do contrário, estaremos todos nós, especialmente os anistiados, sob constante liberdade condicional, como se a espada de Democles pendesse sobre nossas cabeças. Neste sentido mais avançado da luta pela Anistia, e o desmantelamento do aparato repressivo, é que as amplas camadas populares o entendem perfeitamente, porque sofrem na carne, cotidianamente, todo o peso da repressão. A maioria da população, os trabalhadores torturados e até mesmo mortos por mera suspeita de um policial qualquer. Os trabalhadores do campo são constantemente espoliados pelos poderosos com o auxílio das forças armadas.

O caráter profundamente político desta repressão, que procura subjugar estas classes sociais, através da desmoralização e do sentimento de impotência diante de um estado todo poderoso — é facilmente captado pelas massas populares, que todos os dias vêem desmentidas na prática e justificativa ideológica da repressão, que se arvora em "instrumento da defesa e segurança do cidadão".

Repetimos: Continuaremos lutando vigorosamente pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, que exige o fim dos atos e leis de exceção, o restabelecimento de leis e mecanismos de livre participação e representação popular — e o DESMANTELAMENTO DO APARATO REPRESSIVO.

(\*) D. Helena Grecco é Presidente do MFPA-MG

## Democracia contra o imperialismo

Por Valmor de Luca (\*)

entrega de nossas riquezas, que afeta a preservação da integridade da soberania nacional, está embutida na imposição de um modelo autoritário, elitista, que privilegia uma minoria e é absolutamente dependente dos rumos do capital estrangeiro calcula-se que o crescimento da desnacionalização da economia brasileira, de 1973 a 1977, foi de 164 por cento, atingindo de maneira desigual os vários setores. Tendo-se concentrado, inicialmente, em setores como o da metalurgia, material elétrico. automobilístico, autopeças e comunicações, a presença e a hegemonia do capital estrangeiro hoje abrange quase todos os ramos, da economia, inclusive aqueles tradicionalmente em mãos do capital nacional,

Entre eles, aparece a funicultura, onde o controle dos capitais estrangeiros é praticamente total: nada menos de 98% por cento da indústria de fumos está nas mãos dos grandes grupos, particularmente da American British Tabacco, que detém o controle acionário da Souza Cruz. Recentemente, inclusive, fiz um discurso na Camara dos Deputados, denunciando os malefícios que advem desse monopólio, seja no que se refere aos favorecimentos que as multinacionais do fumo recebem do governo Federal, seja pela exploração que impõem, aos produtores nacionais de fumo, em sua quase totalidade. minifundistas que mal conseguem sobreviver com as rendas de suas terras. Sintomaticamente, nem uma só linha foi publicada pela grande imprensa: mas não é nada estranhável. quando se sabe que somente a Souza Cruz gastou em publicidade, no ano de 1978, a fabulosa soma

de Cr\$ 263 milhões.

E' o que denunciávamos em nosso discurso: denunciávamos que a Souza Cruz, que investiu apenas 2,5 milhões de dólares desde sua implantação no Brasil, remeteu, desde 1965, o montante de 82,3 milhões de dólares, ou seja, 33 vezes o total investido. Denunciávamos — como já disse — que ela e mais duas outras multinacionais, a Philips Morris e a Reinolds. controlam 98% do mercado brasileiro. Denunciávamos que a Souza Cruz, que é a sexta empresa que maiores lucros obtém no país, consegue seus extraordinários resultados (Cr\$ 2 bilhões e 419 milhões, somente em 1977) graças a política extorsiva que pratica junto aos pequenos produtores estimados em aproximadamente 480 mil famílias. Em 1978, por exemplo, as multis pagaram apenas Cr\$ 17

mil por tonelada de fumo em folha, recebendo, pelo mesmo produto, a média de Cr. 56 mil, no mercado internacional; isso sem contar as mil e uma manobras que os agentes dessas empresas utilizam para burlar os preços mínimos fixados pelo governo, ao procederem a classificação dos fumos.

Essa situação inclusive gerou a revolta entre

Essa situação inclusive, gerou a revolta entre os humildes plantadores que chegaram, no começo do ano, a se recusar a entregar sua produção à Souza Cruz, como forma de protesto, coincidindo com greve dos trabalhadores dessa companhia em Minas Gerais, que reagiram à exploração a que são submetidos.

O poderio da Souza Cruz lhe garante total impunidade e, pelo contrário, só lhe traz maiores benefícios: a fora os favores creditícios, basta dizer que o governo concedeu-lhe privilégios fiscais especiais: enquanto qualquer indústria de fundo de quintal é obrigada a recolher a cada 15 dias o Imposto sobre Produto Industriais (IPI), a Souza Cruz e as demais multis do fumo e cigarros, tem esse prazo dilatado para 45 dias. Novamente, nada há de estranho, quando qualquer um sabe que o ministro do Planejamento. Mário Henrique Simonsen pertence ao Conselho de Administração da Souza Cruz até hoje, enquanto o da Fazenda, Karlos Rischibieter é ligado à Philips Morris.

Mas tal situação não é fato isolado. Nos mais diversos setores a nação assiste à entrega de nossas potencialidades aos grupo imperialistas, favorecida pela permanência do Estado autoritário. O povo brasileiro está cansado disto tudo. O povo está saturado e não quer mais viver eternamente num regime autoritário, autocrático, que forjou uma multidão de infelizes e injustiçados.

Num estado verdadeiramente democrático, onde o cidadão é escutado sobre o seu destino e o destino do País, os grandes grupos teriam dificultada ou impedida a sua ação, os trabalhadores seriam menos explorados e oprimidos. A democracia nas sociedades contemporâneas tem chances quando a mediação de interesses econômicos torna-se difícil pela via autoritária e quando aqueles que estão à margem dos grandes setores econômicos têm forças para redefinir o Pacto Social.

★ Valmor de Lucca é deputado federal do MDR. cumprindo atualmente seu segundo mandato como representante de Santa Catarina. Do grupo "neoautêntico", é também, quarto secretário da Câmara.

# Não podemos dormir de toca

Por Zé Pedro da Silva (\*)

ERIA interessante começar com um esclarecimento a respeito da matéria dada pelo EM TEMPO na semana atrasada a respeito da minha situação na Oposição Sindical Metalúrgica de Osasco. O título da matéria dava a entender que a gente teria saído da Oposição — o que está claro no texto — continuamos defendendo as mesmas idéias de uma Oposição, não à diretoria do sindicato, mas à estrutura sindical e ao sistema político que está aí esmagando a gente

A novidade está em que estamos achando que, além do trabalho nas fábricas, temos também que levar os trabalhadores a terem uma ação dentro do sindicato. É desta forma que estamos trabalhando agora, senão a gente se isola. As divergências que temos com alguns companheiros da base se deve a eles acharem que não devemos conciliar com a diretoria do sindicato, não devemos distribuir material do sindicato. Eu não me envergonho de distribuir material do sindicato, pois na medida que a diretoria faça alguma coisa pelo trabalhador temos que estar juntos na ação. É neste sentido que há divergência com alguns companheiros. Mas continuamos sendo Oposição Sindical; discutimos com vários companheiros regularmente, a cada 8 dias, analisando a atuação, trocando experiência etc.

Tratamos também sobre como agir dentro do sindicato, como discutir com a diretoria; na medida em que dá para tocar um trabalho conjunto, vamos lá; na medida em que não dá, fazemos sozinhos. Mas sempre na perspectiva de organizar os trabalhadores, de organizar as bases; quem não organizar as bases vai acabar falando sozinho.

Quanto à imprensa, achamos o seguinte A Oposição Sindical é uma alternativa política para os trabalhadores e que não nasceu da vontade de ninguém mas sim de uma necessidade da própria realidade devido aos sindicatos terem ficado durante muito tempo barrados pela ação de diretorias comprometidas com o sistema. Mas a Oposição não se desenvolve só de fora do sindicato, paralelamente a ele, engrossando e inchando até o assolto final para tomar o sindicato. Para levar adiante esta concepção é necessária uma imprensa da Oposição

Sindical, que leve concepções políticas para o trabalhador, e já estamos discutindo isto em Osasco. Não um jornal de pixações à diretoria mas sim de Oposição à estrutura sindical, ao sistema político aos patrões.

Finalmente gostaria de falar um pouco sobre a unidade sindical. Hoje fala-se muito nisto. Unidade entre sindicalistas e aí nós nos incluimos também entre os sindicalistas. Unidade entre oposições, e situações autênticas ou mesmo qualquer outra. Eu gostaria de fazer um apelo a todos os companheiros e trabalhadores no sentido de deixarmos as vaidades de lado e sentarmos para conversar. Há muitos pontos comuns onde devemos somar.

Os patrões estão se organizando e se nós ficarmos nestas briguinhas de sempre não vamos cons truir o instrumento de que tanto precisamos para vencer este sistema que está aí nos explorando. E eu falo porque tem muitos companheiros que às vezes têm o poder de veto a outros. Isto é inadmissível, tem que largar disto.

A retirada de delegados por exemplo para um Congresso de trabalhadores não pode se dar pela indicação das diretorias; tem que se tirar delegados nas assembléias democraticamente. Se as Oposições porque discordam das direções, não são convidadas porque distoaria, então não estamos fazendo unida de, mas sim divisão.

As diretorias não podem temer as Oposições assim como não devemos também temê-los. As diretorias não são nossos inimigos, Simplesmente são companheiros que têm idéias diferentes. Agore isto depende de muita cabeça fria, de muita análise para que a gente não fique ai brigando e possa realmente construir uma verdadeira unidade. Porque senão mais uma vez a burguesia vai dar o tro co em cima da gente e a gente não pode dormir de toca.

(\*) Zé Pedro é membro da Oposição Sindian'

Metalúrgica de Osasco

A internacional da repressão no Cone Sul. Quarta de uma série.

Uruguai faz troca-troca de refugiados políticos às pampas

# Sequestro gaúcho: tecnologia veio da Argentina

O sequestro do casal uruguaio Universindo Dias e Lilian Celiberti, em Porto Alegre, é café pequeno perto do que a repressão política uruguaia conseguiu fazer em colaboração com os órgãos de segurança argentinos. Em oito meses, nada menos que 59 refugiados políticos uruguaios e mais quatro crianças foram sequestradas em Buenos Aires e outras cidades argentinas e conduzidas na marra para as prisões de Montevidéu muitos deles já assassinados. É o chamado "refoulement", uma aberração em termos de direito internacional democrático. Em Tempo prossegue a série de denúncias da rede internacional de repressão política que assola o Cone Sul, com a apresentação de um dossiê elaborado minuciosamente pelo Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai.

Por Flaminio Fantini

converteram os desdobramentos diários do sequestro do casal uruguaio Universindo Dias e Lilian Celiberti, em novembro passado, em Porto Alegre, na verdade já tinha uma série de capítulos anteriores, desconhecidos do grande público brasileiro, que mais uma vez pegou o bonde andando.

Esses lances preliminares - muitos deles realmente sensacionais até mesmo trágicos — são conhecidos na linguagem jurídica internacional pelo nome chique de refoule-ment, que significa a transferência de cidadãos de um país para outro sem que haja um pedido formal de extradição.

Quem quiser saber agora como foram os primeiros capítulos de toda a trama, poderá encontrá-los num farto dossiê de autoria do Secretariado Internacional de Juristas do Uruguai, SIJAU, uma instituição com sede em Paris. O relatório contém uma série de documentos reunidos pelo SIJAU a respeito da situação repressiva no Uruguai, a partir do golpe militar de junho de 1973, quando mais uma ditadura se instalou em mais uma republiqueta latino-ameri-

Enquanto o enredo vai se arrastando, com um desfecho imprevisivel, como nas melhores novelas globais, aos poucos a opinião pública vai tomando conhecimento, através de um caso muito concreto, da existência de uma ponta da intricada rede de colaboração existente entre os órgãos de repressão política do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai, os países do chamado Cone Sul. Pegando esta ponta, acompanhando o fio da meada pelo dos-siê do SIJAU, pode-se entender com muita facilidade o que ocorreu no sequestro gaúcho, quando dois uruguaios que residiam em Porto Alegre, foram parar num presidio de los órgãos de segurança do Brasil e do Uruguai.

Episódios como o de Universindo & Lilian são bastante frequentes de acordo com o informe do SIJAU, que dispõe de provas suficientes para comprovar

a) a atividade coordenada dos

A autêntica novela em que se serviços de segurança dos governos militares do Uruguai e da Argentina para a perseguição dos refugiados políticos uruguaios neste último país;

b) a presença de pessoal militar uruguaio em Buenos Aires, realizando com a colaboração de forças argentinas operações de sequestro e tortura de refugiados políticos. enquanto oficialmente se respondia em forma negativa a todos os requerimentos de informação sobre essas pessoas efetuados pelos advogados (habeas-corpus), pelo Alto Comis-sariado das Nações Unidas para Re-fugiados ou de seus familiares; c) a devolução (refoulement) ao

Uruguai, em forma clandestina e sem que se cumprisse nenhuma formalidade de procedimento ou processo de extradição, de um grupo de refugiados politicos, entregues diretamente aos serviços de inteligência militar uruguaios;

d) a montagem de processos militares fraudados sobre a base da confissão de fatos falsos, arrancada mediante tortura e ameaça às vitimas do refoulement.

> URUGUAIOS, OS MAIS **ATINGIDOS**

A comprovação destes cinco itens para o caso das relações entre o Uruguai e Argentina — pais que funcionou durante alguns anos como uma espécie de Meca dos refugiados políticos, pode ser estendida sem nenhuma leviandade para os outros países do Cone Sul, como o próprio caso Universinho & Lilian deixou suficientemente demonstrado — menos para as autoridades que se esquivam de reconhecer as evidências cristalinas que surgem a cada hora

A prática do refoulement não é uma exclusividade da ditadura uruguaia, de acordo com o relato do SIJAU: Refugiados de outras nacionalidades, especialmente chilenos e te neste processo de intercâmbio entre os órgãos de segurança dos países do Cone Sul. A título de exemplo, o SIJA cita o caso dos exilados chilenos Jorge Valenzuela Soto e Sérgio Quinteros Gelis, presos em Buenos Aires e enviados diretamente ao seu país, sem qualquer formalidade preliminar. Ao chegar ao Chile, o famoso campo de concentração de Três Alamos os recebeu como hóspedes, onde ficaram presos e internados, até varios meses, até que graças à inter-venção do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, ACNUR, foram liberados. Jorge e Sérgio viajaram então para a Dina-marca, onde residem. Outro caso lembrado é o de uma refugiada política paraguaia, a médica Gladys Meilleken de Saneman — sequestrada em agosto de 1975 em sua residência na provincia de Missione, foi encontrada por seus familiares vários meses depois, numa prisão no interior do Paraguai.

Mas, o SIJAU acentua que "não existem dúvidas a respeito de que a prática do refoulement atingiu com maior gravidade os refugiados uruguaios": "não só pelo número muito elevado de pessoas que foram vitimas dessa prática, mas porque através da coordenação dos serviços de segurança dos governos da Argentina e Uruguai, o refoulement veio a se tornar numa prática regular, cumprida de maneira planificada e sistemática para a perseguição, prisão e extermínio dos refugiados políticos uruguaios

A ROTA DA MORTE

Histórias com ingredientes mais ou menos trágicos começam a ocorrer com frequência a partir do inicio de 1975, afirma o SIJAU: é quando "a atividade dos serviços de segurança uruguaios na Argentina, operando em coordenação e com a colaboração com os órgãos deste país, se faz mais violenta". Assim, passa a "afetar a uma larga série de refugiados, terminando por criar um clima de insegurança em que a grande maioria deles se vêem obrigados a buscar refúgio em outros países a fim de salvar sua liberdade ou sua vida".

As cifras falam por si: entre fevereiro e outubro de 1975, são sequespolíticos uruguaios, aos quais se somam quatro crianças pequenas, filhos de alguns daqueles desaparecidos. As circunstâncias, os nomes e demais dados pessoais destes 59 fazem parte do extenso documento da instituição de defesa da anistia no Uru-

Um dos episódios exemplares relatados no informe do SIJAU é assassinato de cinco refugiados uruguaios que residiam em Buenos Aires, Argentina. No dia oito de novembro de 1974, grupos de civis armados sequestraram em seus domicilios os exilados Floreal Garcia e sua mulher Mirtha Hernandez, Heitor Daniel Braum e sua mulher Maria de Los Angeles Corbo, e Grabriela Marta Estefanelli.

Ao contrário do sequestro gaúcho dos uruguaios Universindo Dias e Lilian Celiberti, as denúncias da violência ocorrida em Buenos Aires tiveram pouco efeito. Os recursos de habeas-corpus, as noticias na im-prensa, a interferência direta do ACNUR, os testemunhos dos vizinhos que presenciaram os sequestros realizados em plena luz do dia e com emprego ostensivo de muitos veículos e policiais à paisana, não conseguiram sensibilizar o interesse autoridades policiais argentinas Tampouco neste caso teve-se conhecimento da abertura de qualquer tipo de investigação. Os familiares uruguaios dos sequestrados não conseguiram mover o interesse de nenhuma autoridade argentina responsável pelos serviços de segurança, e, ainda por cima, tiveram que superar todo tipo de obstáculos para obter um registro oficial da denúncia dos sequestros.

No dia 20 de dezembro, os cadáveres dos cinco uruguaios apareceram apunhalados à beira de uma estradinha rural, nas imediações de Soca, uma localidade próxima de Montevideu. Até hoje, não se conseguiu reconstituir a rota da morte, que conduziu os cinco exilados po-líticos da capital argentina para as proximidades da capital uruguaia Segundo o governo uruguaio, a morte ocorrera poucas horas antes dos corpos terem sido encontrados. Mas nhuma explicação para os fatos. O comunicado oficial do governo uruguaio falava dos vinculos políticos dos mortos, mas não informava nada a respeito das medidas adotadas para esclarecer o múltiplo assassinato, que nem seguer era condenado no



### «Repito: não sou torturador»

Uma nova carta de Nelson Sarmento, o ex-agente da repressão mineira. Ele volta a negar a acusação que lhe fazem os presos políticos, no terceiro listão dos torturadores publicado recentemente por este semanário. Sarmento concedeu longa entrevista, ano passado, quando EM TEMPO publicou o primeiro listão, com 233 nomes de policiais e militares acusados de cometerem violências contra os presos políticos. Ele declara também que é favorável à CPI das torturas, que a ARENA rejeitou no Congresso Nacional.

Belo Horizonte, 22 de maio de Senhor Redator do jornal "EM

TEMPO"

Tomo a liberdade de dirigir-me novamente a esse conceituado e atuante semanário a fim de solicitar a publicação de mais um protesto meu contra a acusação de torturador de presos politicos.

No número 64 do "Em Tempo". página 7, sob o título "Nome por nome, os 251 torturadores", sou novamente apontado com tortu-

Na pagina 6 do mesmo jornal, sob o título "Nas engrenagens da dor", o ex-preso político Gilney Amorim Viana acusa-me, juntamente com tantos outros militares, de tê-lo torturado, no período de 30 de abril a 14 de maio de 1964.

Não estou em condições de confirmar ou não as torturas a ele infringidas por militares no período entre 1970 a 1973, porquanto naquela época (a partir de 1969) já estava afastado dos órgãos Militares de Informação responsáveis pela repressão no Brasil. Apenas contesto veementemente a leviandade das acusações à minha pessoa por considerá-las inverídicas e fantasiosas. Jamais torturei ninguém, sou

frontalmente contra torturas, conforme o que está contido em minha entrevista a esse semanário no ano passado, e hoje sou totalmente favorável à CPI das torturas no Brasil.

No caso das declarações do meu acusador, evoco como testemunha dois de seus antigos colegas, presos na mesma ocasião, em circunstâncias idênticas, que poderão comprovar o tratamento hu-mano e respeitoso da minha parte na qualidade de autoridade repressora. São os ex-estudantes: Hipérides Dutra de Oliveira Atheniense e José Otaviano de Oliveira Lage (hoje repórter do "Estado de São Paulo", em Belo Hori-

zonte). Se porventura a memória do acusador esteja fraca, quero lem-brar-lhe que, em 1966, ele foi um dos beneficiados pela absolvição unânime dos 200 estudantes mineiros indiciados no IPM. Isto se deveu ao fato de eu ter solicitado à Auditoria Militar da 4.a RM clemência para aqueles jovens que se deixaram influenciar pelos acontecimentos políticos da epoca. Minha atitude foi comentada em publicação do "O DIA-RIO" de Belo Horizonte, em 2-2-66, considerada a primeira manifestação pró-anistia no atual Sistema. E isto partiu não de um Comitê ou de uma Imprensa Alternativa, mas sim de um autên-tico "Gorila" revolucionário de primeira linha que fazia parte do

esquema da Repressão na época.

Minha atitude foi considerada "herege" pelos meus antigos companheiros de luta revolucionária, que jamais perdoaram aquele meu ato "liberal e audacioso", mas coerente com a minha consciência.

Portanto, Sr. Redator, de acordo com os ditames da Lei de Imprensa, peço a publicação desta carta, bem como da cópia da publicação do "O DIARIO". Nelson Galvão Sarmento

### Cordel da anistia ampla,

Por Lourdes Teodoro

Qualquer coisa meio triste, Que não atinge o seu fim: que nao resiste, Um samba sem tamborim, Vitória sem carnaval; É mais ou menos assim, Uma anistia parcial.

Qualquer coisa quase triste, Que cerceia a liberdade, Como um opressor dedo em riste, Que só quer meia-verdade, Calando o canto geral; É assim que se apresenta A anistia parcial.

Sempre conquista do povo, Ampla e geral Anistia Descortina um mundo novo Que inspira a democracia. é fruto de um só trabalho Que harmoniza divergências. Permite viver em paz As diversas consciências.

Desde o Brasil Colônia, Com a invasão holandesa, Que a Anistia fez parte Do sistema de defesa Do brasileiro oprimido Nas garras da realeza. Reinstalou a justiça, Abriu direito à defesa.

A ditadura imperial Quis negar a independência. Mas surgiu a consciência Dos cidadãos varonis Que reclamaram Anistia A militares e civis, Que juntos, deliberaram Derrubar forças hostis.

Frei Caneca inconformado. Com toda aquela opressão, Lutou ao lado do povo Pela paz de seu irmão. Como hoje D. Helder Câmara, Que considera a ditadura A maior das violências Que caem sobre a criatura.

Por muitas vezes o Brasil Conseguiu a Anistia: Irrestrita, ampla e geral: Cada vez que todos juntos, Numa só voz nacional Fizeram ouvir sua voz A defender sem temor A justa causa geral.

O operário esquecido. Que não aceitou o arrocho E em gesto destemido A sua fome gritou, Também sofreu o acoite Do elemento repressor, E precisa de Anistia Para mostrar seu valor.

O pequeno agricultor Defendeu seu pedacinho, E por engano ou maldade. Foi acabar na prisão. Sem direito ao trabalho Honroso pelo seu pão; Precisa da Anistia Prá alimentar a Nação.

No palco universitário Muito jovem de valor Não sendo compreendido Por defender com ardor O nome de um professor, Foi sendo logo "enquadrado" Conhecendo muito horror.

Criando com todo zelo Movimento e União, Cabe à mulher brasileira Bom destaque nesta ação Que defende a Anistia: Total pacificação; Eliminando rancores, Reconstruindo a Nação.

Alguns de armas na mão Lutaram por maiorias, Desarmadas e oprimidas, Sem poder de expressão, Ignorando até mesmo Quem lhes tira o próprio pão; A Anistia vai trazer-lhes Direito à voz e à razão,

O exilado brasileiro. A exilada brasileira Que sonham com seu rincão, Precisam de Anistia Pra transpor toda fronteira E vir pra junto de nós Defender nossa bandeira Dar mais vida à nossa voz.

Os banidos e seus filhos Passam vergonha e privação. Têm passaporte pra fome Mendigam trabalho e pão. E o brasileiro nem sabe Das penas de seu irmão. Mas o tempo há de mudar Graças à nossa união.

. . . Para haver Democracia E liberdade de pensar É necessário Anistia. Para haver progresso Beneficiando a todos Sem a menor distinção, É preciso dar-se fim A toda segregação.

A segurança nacional Não pode assim depender Da força do trabalho Que constrói no dia a dia A Unidade da Nação: A consciência coletiva Fruto da livre informação.

ANISTIA E LIBERDADE! Pensamento é dom de todos É um dom que Deus nos deu. A Nação e o Estado Ao homem devem servir Pois é dele seu legado. Construir o bem de todos Sem a ninguém oprimir.

SOMOS MAIS DE CEM MILHÕES COM LIBERDADE QUEREMOS A ANISTIA CONHECER "TODOS JUNTOS SOMOS FORTES NÃO HÁ NADA PRA TEMER.

# Sequestros de massa: 60 refugiados em apenas duas viagens

Embora ainda possa parecer longinquo o dia em que as autoridades argentinas e uruguaias sentarão no banco dos réus para responder por crimes desta natureza, o SIJAU constata que "é certo que os governos responsáveis por estas práticas ilí-citas, violatórias de suas obrigações internacionais, não tem conseguido ocultar as pistas das que foram planejadas como operapões clandestinas". E mais: "o acúmulo de intermação reunida sobre a responsabilidade de ambos os governos é hoje tão amplo que torna possível em tir uma sentença condenatóriā baseada em provas dignas de fé em juízo" garante o dossiê do SIJAU.

Entretanto, a movimentação dos familiares desaparecidos uruguaios os recursos jurídicos, os protestos na imprensa, a solidariedade militante das igrejas, a interferência expressa das Nações Unidas através da ACNUR não conseguirem nos primeiros momentos retirar os governos da Argentina e Uruguai do mutismo a respeito do assunto.

Por outro lado, a escalada da violência era tal que milhares de refugiados políticos na Argentina preferiam viver na clandestinidade, sem se beneficiar de nenhuma ajuda internacional, clássica para os casos de exilados políticos. Em novembro de 76, a ACNUR interpelou o governo militar uruguaio para saber como os presos sequestrados na Argentina iam parar nas cadeias uruguaias, chegando à acintosa ocorrência de dois sequestros massivos que envolveram 60 refugiados uruguaios. "A segurança dos 20 mil refugiados políticos latino-americanos na Argentina se encontra exposta à repressão combinada das forças de segurança argentinas e os organismos

de segurança de seus próprios pal-ses que estão autorizados a operar ai", reconhecia o próprio New York Times, talvez o jornal de maior influência mundial.

Enquanto à repercussão internacional não conseguia abalar o go-verno militar argentino para tirá-lo de seu silêncio absoluto, o governo uruguaio emitiu dois comunicados sucessivos, nos quais informava que detivera 62 pessoas, acusadas de planejar "atividades subversivas" contra o regime militar. Os comunicados ofereciam uma descrição minuciosa dos supostos "planos subversivos", mas só liberou o nome de 14 dos 62 presos. E todas essas 14 pessoas que as autoridades uruguaias reconheciam estar em seu poder estavam incluídas na relação de refugiados sequestrados na Argentina.

Mas, é claro que as autoridades uruguaias não admitiram a ação do refoulemente. O texto dos comunicados dava conta de que estas 14 pessoas haviam "simulado" ser vítimas de sequestro ou prisão na Argentina. para poder assim enganar às forças de seguranças e ingressar clandestinamente no Uruguai com o fim de realizar uma campanha de desprestigio contra o governo militar. Como se vê, a "imaginação criadora" não é uma patente a formação dos generais brasileiros. O ceticismo geral foi a resposta a esta tentativa ingênua de passar a perna na opinião pública.

Pouco depois, enquanto persistia as dúvidas sobre a versão oficial fornecida pelo governo uruguaio, um novo acontecimento lançou uma luz definitiva para esclarecer o que realmente vinha ocorrendo com os refugiados políticos uruguaios. Um dos 59 nomes constantes da

lista de vitimas do enroulement no periodo de fevereiro a outubro de 75, foi liberado pelos serviços de inteligência militar uruguaios e conseguiu sair do país. Era o jornalista Enrique Rodrigues Larreta Piera, um homem de 55 anos de idade e muita reputação profissional no Uruguai. Na Europa, para onde se dirigiu em seguida. Larreta procurou a sede da ACNUR e pouco depois concedeu uma corajosa entrevista coletiva à imprensa, relatando em minúcias o episódio em que estivera envolvido. isto é, desde seu sequestro em Buenos Aires, até a libertação em Montevidéu. O testemunho de Larreta alcançou grande repercussão internacional pelo seu prestigio e credibilidade no país, tem servido como um dos documentos principais de comprova-ção da existência de uma internacional da repressão no Cone Sul. Junto com sua nora. o jornalis-

ta havia se dirigido a Buenos Aires para realizar gestões junto a insti-tuições democráticas e organismos oficiais, a fim de localizar c paradel-ro de seu filho, Enrique Rodrigues Martinez, sequestrado misteriosamente na capital argentina. Larreta e a nora foram também sequestrados. O testemunho posterior em Lon-

dres indicou que:

— ambos foram transportados inicialmente para uma prisão clandestina, onde estavam detidos outros uruguaios, alguns dos quais Larreta pôde reconhecer;

o interrogatório era feito por oficiais uruguaios, utilizando métodos de tortura, ou seja, membros do exér cito daquele país estavam operando na Argentina, enquanto os militares deste país cediam-lhes as prisões e davam-lhes a cobertura necessária:

- a deportação de Buenos Aires para Montevidéu era feita em aviões. a partir de aeroportos militares :

- mediante coação, os refugiados urugualos eram forçados a firmar confissões em que admitiam terem sido presos no Uruguai e não na Ar-gentina. Com base nestas declarações tribunais uruguaios montavam toda a farsa publicitária e jurídica para ocultar o refoulement. Além disso, Larreta esclarecia

que só conseguiu se livrar da policia política uruguaia, dada sua desvin-culação de toda atividade política no país. Ele fez também detalhadas descrições dos lugares por onde passou e dos militares que participaram das operações de sequestro, tortura e refoulement. O SIJAU formulou assim sua conclusão sobre os desdo-bramentos do episódio: "o silêncio total em que se encolheu o governo uruguaio acerca de um caso que al cançou grande repercussão na imprensa e na opinião pública de muitos países, agrega uma nova peça de convicção acerca de sua responsa bilidade nestas gravissimas violações dos direitos humanos e obrigações Internacionais respeitadas por todos os países civilizados"

> mulheres grávidas nas listas de "desaparecidos"

Na próxima semana, a

última: crianças e



A realização do Congresso

# Um sucesso inquestionável

Qual o balanço mais geral que vocês fazem no XXXIº Congresso?

Luís Antônio: Eu acho que foi uma vitória levando-se em conta que há cerca de 11 anos nós estudantes não realizávamos nenhum Congresso nacional Reunirmos então num mesmo local cerca de 5.000 estudantes para discutir e deliberar sobre assuntos de seu interesse e a organização de seu movimento é um marco deste período de reconstrução do movimento que já vinha de alguns anos. Muitos órgãos de imprensa estão destacando as vaias, a agitação etc. Na verdade o que houve foi um entusiasmo muito grande dos estudantes pela participação, pelo debate político e não o tumulto que muitos têm tentado mostrar. As vaias e os aplausos não são senão um sintoma desta intensa participação que houve em Salvador.

Um outro aspecto positivo foi termos trazido a que toda a população brasileira se unisse em apolo a este Congresso de Reconstrução através das mais diversas formas de solidariedade. Desta forma foi uma vitória não somente dos estudantes mas de toda a população brasileira. Mas não foi somente isto: o Congresso teve falhas, limitações, etc., mas nos achamos que saímos dele tendo aprendido como conviver com elas e como

superá-las. Por exemplo as discussões políticas prévias nas várias delegações se revelou precária e tomamos assim a consciência da necessidade de aprofundá-las ao máximo dagui para frente

O maior congresso da história da UNE

-- Paulo Massoca: Eu acho que ao se fazer um balanço do Congresso é importante se ter uma visão histórica do momento em que ele se realiza. Apesar de todas as dificuldades que a situação política atual do país impõe sobre os estudantes o que nós pudemos ver em Salvador, concordando com o que o Lula disse. foi o maior Congresso já realizado pela União Nacional dos Estudantes em toda a sua história. Todos os Estados presentes, quase 3.000 delegados e uma movimentação social intensa de toda a população no sentido de apoiar a realização do Congresso.

É verdade que não pudemos esmiuçar no Congresso todo um programa de lutas, mas colocamos a luta contra o ensino pago, a luta pela anistia, a constituinte, a Amazonia, etc., mostraram um grande coesionamento dos estudantes. Por certo houve também debilidade, mas elas são fruto de que? Ora, nós passamos mais de 10 anos sem UNE: de parte do governo autoritário só recebemos ameaças e desincentivos demonstrando a clara indisposição com a reconstrução da UNE.

Então as debilidades são impostas pela ditadura e que mesmo assim muitas delas os estudantes bravamente souberam vencer. E aprendemos com elas; veja bem. temos que criar muitos mais pontos de discussão dentro do Congresso: temos que saber captar todas as idéias e iniciativas que os estudantes tragam de suas bases para o Congresso. Condições de local, tempo, preparação, todas estas questões saberemos melhor realizá-las de uma próxima vez. Assim as debilidades não são devido à falta de representatividade do Congresso, ao fato dos estudantes serem incapazes de saberem onde queriam chegar. Isto é fundamental destacar. O nosso problema não foi chegarmos lá e vermos um monte de delegados assim, incapazes, indecisos em assumir um posicionamento ou outro por não saberem se teriam ou não o respaldo dos estudantes. Pelo contrário nós vimos os delegados ali até 4 horas da manhã, discutindo. valando, aplaudindo, defendendo propostas. intervindo, votando, convictos de sua representatividade, eram delegados perplexos sem saber o que fazer. exemplo, quem tem propostas? 100 propostas apareciam

O que não conseguimos foi captar integralmente toda esta vitalidade que o Congresso demonstrou em iniciativas, disposição, idéias, etc. Por tanto as debilidades são fruto do estágio atual de amadurecimento dos estudantes e não de outras razões. Esta é uma questão

Outra questão são as disputas políticas entre os idantes. Muita gente ficou assim: puxa vida, vaias, estudantes. aplausos, palavras de ordem, será que isto não é mal? Não, de forma alguma isto é anormal; aconteceu neste Congresso, aconteceu em outros e val acontecer no futuro. Esperamos que isto continue, porque democracia é isto mesmo: debate, votos, vaias, etc., luta política.
O que as pessoas às vezes estranham é porque neste país, depois de anos de ditadura, só vendo convescote da Arena, pacotes embrulhadinhos para as pessoas baterem palmas, alguns ainda não se acostumaram com o clima de debate político que teremos daqui para frente em assembléias de trabalhadores e outras, porque altuão tem Lei Falcão, cerceamento de liberdade de aventa de liberdade de l não tem Lei Falcão, cerceamento da liberdade de expressão. etc. Pergunta-se então: estamos divididos? Não, estamos coesionados em cima de uma diretoria provisória, de uma carta de Principios, de algumas lutas fundamentais. A UNE està de pé.

### A Carta de Princípios

# Quem é a favor da exploração e da opressão!

- Registrado este saldo mais geral de vitória do Congresso, poderiamos passar agora a uma análise mais interna dere, avaliando as polêmicas surgidas, as votações em especial na questão da Carta de Princípios e o caráter da diretoria.

Marcelo Barbieri: Estas colocações mais gerais sobre as debilidades do Congresso iluminam, a meu ver a questão da Carta de Principios. Acho que no debate travado não ficou claro qual era a questão política mais de fun-do para o plenário, apesar da deliberação havida. Não estava claro qual deveria ser a concepção de uma Carta de Principios. Considero que a Carta aprovada foi repre-sentativa, mas ela passou por cima de uma questão: o que deve ser uma Carta? Qual sua filosofia, o que deve regê-la. quais itens deve conter etc., são questões que não ficaram claras para o plenário. Com base nisto eu considero que a Carta contém pontos que não deveria conter, ela deveria ser mais geral, não incluindo por exemplo a defesa de uma cultura nacional e popular que é algo muito mais próprio para um programa de uma chapa. Portanto àcho que a Carta tendeu a incorporar questões que são de caráter programático.

Outro ponto que acho que deveria ser melhor explicitado é a questão do apoio da UNE à luta dos povos contra a exploração e a opressão... neste sentido assim... é que deveria ter ficado mais bem explicitado... e da maneira como ficou lá colocado não contribui às vezes para ficar mais claro isto ai.

### Duda: "uma unidade num palamar elevado"

Eduardo Albuquerque: Numa avaliação do Congres so, gostaria de levantar além das questões já postas, das vitórias e das fraquezas, como que as resoluções mesmo tória geral que os estudantes tiveram. E o primeiro sinal desta vitória é a própria Carta de Principios que — discordando portanto do Marcelo -- demonstra em torno a que os estudantes reconstroem sua unidade, sua entidade máxima; e é justamente isto que cabe a uma Carta: explicitar aquilo que hoje unifica o conjunto dos estudantes brasileiros.

E a grande contribuição que a Carta de Principios traz para a luta política em geral é, ao lado das definições de representatividade e independência, apontar em que perspectiva os estudantes se colocam tanto dentro da universidade, enfrentando seus problemas concretos como no conjunto da luta que hoje é travada na sociedade como um todo. Assim, a UNE bater-se por "um ensino público e gratuito em todos os níveis e voltado para os interesses da maioria da população" é uma perspectiva para se enfrentar as lutas dentro das escolas, a questão da qualidade do ensino, dos currículos etc. Ou seja, a referência são os interesses da maioria da população. Por outro lado, a nível mais geral da sociedade, a definição de que a unidade dos estudantes se dá "contra todas as formas de opressão e exploração", solidária portanto aos trabalhadores, é talvez um dos saldos maio res do Congresso. Definirmos que a luta contra a dita dura é parte da luta maior contra toda forma de opressão e exploração; por uma transformação social profunda. é nos colocarmos lado a lado com os movimentos sociais que também são cada vez mais não só pela liberdade mas também contra-patrão.

Esta definição vai permitir que nos situemos mais concretamente dentro da conjuntura política atual. E isto é tão mais importante se compreendemos que para a ditadura, a absorção da organização de um setor das ca madas médias pode ser muito mais facil do que a dos trabalhadores, por exemplo, a criação da CUT. Por isto mesmo é que é importante deixarmos claro o tipo de perspectiva que os estudantes querem e o significado político desta vitória.

Com relação ao debate em torno desta questão como colocou o Marcelo eu acho que lá se polarizaram duas visões: uma, vitoriosa, que se colocava como contra toda



Os diretores: Luis Antônio (PE), Sérgio (RJ), Humberto (Br), Massoca (SP), Eduardo (MG) e Rui (BA).

forma de opressão e exploração e outra, alternativa, que colocava a solidariedade a todos os povos oprimidos. Eu não vejo que tenha havido problema devido a uma con-fusão sobre o caráter da Carta. No grupo preparatório. por exemplo, antes da questão ir para discussão e votacão no planário, ficou muito claro o que é uma Carta e, tendo isto em conta é que os estudantes se posicio naram por uma e não por outra. Assim, não foi por confusão que esta definição de uma unidade e num patamar mais elevado rol aprovada. Ela reflete o gran de avance dos estudantes dentro da conjuntura do país.

Sérgio Carneiro: Eu acho como o Marcelo colocou que a forma mais correta de aprovar uma Carta de Princípios é a sua discussão e votação como um todo, refletindo assim sua unicidade, o que acabou não ocorrendo. acho até que per um equivoco nosso de encaminhamento lá na mesa, que acabamos propondo um encaminhamento de ponto por ponto.

Eduardo All equerque: Mas as propostas foram apresentadas em bloco: uma do DCE-UFMG, outra do DCE-PUC do Rio e uma terceira pelo Valdélio. Isto ficou claro; a votação simplesmente é que foi por ponto.

### "O plenário se manifestou

como numa assembléia estudantil"

Sergio Carueiro: Mas mesmo assim eu acho que aprovação de uma Carta ponto por ponto acaba dando lugar a um programa de lutas e não a uma Carta propriamente. Assim o Marcelo tem razão: a questão da cultura popular é muito mais um ponto de programa do que de uma Carta. É como disse o Massoca, passados tantos anos sem democracia não podemos agora querer que os estudantes discutam tanta coisa em apenas dois dias. Então o plenário vaiar, aplaudir etc é muito bom e assim mesmo é que deve ser; mas tem hora que isto pre judica, o que foi o caso na questão da Carta. Nesta ques tão, por exemplo, muitas vezes o plenário se manifestou como numa assembléia estudantil — o que não há nada de mais nisto, assim mesmo é que deve ser Congresso eu acredito que o clima deva ser outro de maior discussão e eu acho que isto não houve.

E é por isto que en discordo do Eduardo: este ponto teve a expressividade que ele coloca -UNE aos trabalhadores -- e inclusive a formulação que prevaleceu me parece um tanto ou quanto estreita. Os es tudantes devem se solidarizar com um número muito grande de setores sociais progressistas pela sua libertação, com amplos setores sociais que têm contradição com o autoritarismo, com a opressão etc. Portanto acho que foi uma formulação estreita e que não se deu como fruto de maturidade mas pelo contrário devido à nossa condição de... de 15 anos de autoritarismo, de uma certa empolgação dai decorrente.

Eduardo Albuquerque: Mas o fato da discussão

prévia no grupo, mais serena portanto, ter apontado o mesmo resultado não é prova de que a questão foi devidamente amadurecida?

Sérgio Carneiro: Olha, eu vou me omitir de apreciar isto porque eu não estava presente no grupo e não sei portanto como se deu a discussão lá. Mas eu acho que a unidade neste momento é muito importante e nós pudemos ver nestes dois dias de reunião da diretoria provisória que estamos sabendo nos pautar em cima daquile que os estudantes decidiram em Salvador.

Luis Antônio: Eu acho que na avaliação do Congresso devemos aprender o que Marcelo apontou, que não soubemos diferenciar entre Carta de Princípios e programa. Nós, todos os estudantes que estávamos lá não soubemos fazer esta diferenciação. Os Princípios deven ter a maior amplitude possivel pois devem nortear a ação

Em segundo lugar, porque reconstruimos a UNE? Foi para ter a nivel nacional uma entidade representativa dos estudantes e não para colocar a UNE na rua contra a ditadura militar. Devemos reconstruir a entidade em torno da defesa dos interesses dos estudantes e não na luta contra a ditadura. A UNE só se consolidará no seio, não dos estudantes mas de toda a população, através da luta pelo ensino público e gratuito para todo o povo, pela melhoria das condições de vida da população etc. E é nesta prática, e não em palavras que os estudantes farão a sua unidade e a unidade com o povo. Por estas razões o ponto 5.0, 6.0 e 7.0 não deveriam constar da Carta Isto não quer dizer que seja ela uma Carta ruim, que deva ser jogada, na lata dè lixo, pois ela se insere dentro das vitórias do Congresso. E a disposição da diretoria provisória é de ser o mais fiel possível à vontade dos estudantes, reafirmando-a a todo momento. Mas não está fora das possibilidades que seja eleita uma chapa que não concorde com determinados Princípios. E aí como é que fica? A coisa fica bastante complicada. A diretoria vai falar em cima de seu programa eleito. Portanto temos que aprender com este erro. Mas até lá a diretoria atual vai respeitar e veni respeitando a Carta aprovada.

### Lula: "o importante é a prática"

Que formulação alternativa você proporia para os

Luis Antônio: Veja bem. eu sou contra a opressão exploração, mas num programa. E vou fazer tudo para que isto conste de um futuro programa. Agora acho que que numa Carta tem que ser diferente. Eu seria a de formulações mais abrangentes para a Carta.

Rui Cesar: Concordo com a avaliação dos companheiios sobre a forma como a Carta foi aprovada e sobre a função que tem uma Carta. Ela tem que ser suficientemente ampla para ser aprovada pela maioria absoluta dos estudantes. Agora eu acho que a Carta aprovada não compromete e pode ser defendida pela maioria dos es-

- Sérgio Medeiros: A gente também acha que não nouve clareza sobre o que é uma Carta. Ninguém aqui é contra que se lute contra a opressão. Mas a gente acha que a Carta deva ser aprovada pela maioria dos estudantes e, neste sentido, algumas questões como esta são mais programáticas do que de Carta. Por exemplo a Carta não tem, e não devia ter mesmo, que a UNE é contra a ditadura, porque é claro que ela é contra, só que esta é uma questão mais para a diretoria levar no seu programa do que para figurar na Carta ma do que para figurar na Carta.

Eduardo Albuquerque: Eu acho que há aí algumas confusões. A Carta não deve ser neutra. Basta ver mas contusoes. A Carta não deve ser neutra. Basta ver a história da UNE; sempre suas Cartas se posicionaram sobre temas candentes, por exemplo pela campanha do petróleo, pela estatização dos setores básicos da economia etc. Ele não é uma coisa neutra, mas aquilo em torno do que se constrói a unidade dos estudantes. E que os princípios sejam diferentes do programa também e claro, mas não é o caso em questão. A unidade dos estudantes se constrói em cima de alguns eixos básicos, dentre eles ser contra todas as formas de opressão e explotre eles ser contra todas as formas de opressão e exploração. Agora se isto se materializa numa Constituinte ou

noutra proposta, por exemplo, ai sim já se trata de ques-tões propriamente programáticas.

Essa vitória do Congresso num patamar mais eleva-do não e fruto de encaminhamentos mal feitos mas sim do momento que estamos vivendo onde vê-se claramento a emergência de setores populares em mobilizações massivas enfrentando o regime e se armando para enfren-tar a exploração. Aí estão as greves dos trabalhadores que são anti-governamentais e anti-patronais. Por outro lado a situação do estudante mais do que nunca é agora sair da universidade e se tornar um assalariado, ser também um explorado, muito mais próximo do conjunto dos trabalhadores do que dos patrões. Estes dois fatores. o momento político e a situação do estudante é que possibilitaram elevar o patamar de nossa unidade de ação.

### Todo mundo contra a exploração?

Luis Antônio: Veja o exemplo histórico que você deu. Acho que deveriamos aprender também com o passado. Eu seria contra entrar a questão do petróleo numa Carta embora a defendesse num programa.

Eduardo Albuquerque: Não, naquele momento a questão do petróleo era fundamental e divisora de águas dentro da sociedade. E o mesmo hoje: estamos no plano mais geral do lado de quem? Isto de forma alguma estreita; isto pelo contrário é que vai nos possibilitar uma unidade maior e mais efetiva com a enorme maioria da população que são os trabalhadores. O reverso é que poderia nos isolar da maioria da população.

- Paulo Massoca: Eu acho que a discussão está mal posta. Ninguém aqui encaminhou no Congresso frontalmente à Carta aprovada. E muita coisa que a Carta contem os estudantes já estavam fazendo e vão continuar fazendo ainda mais.

A questão fundamental é se esta Carta une ou desune os estudantes? E eu acho que está unindo. Esta è uma conclusão fundamental que todos devemos destacar: esta Carta não está nos dividindo.

Este debate aqui está dando a entender que esta Carta nos divide o que não é verdade. Neste debate sobre o que deve ser uma Carta eu me posiciono mais como o Rui, Marcelo, Sérgio e outros colocaram. Mas isto não é o fundamental. Não podemos dar a impressão de que estamos rachando nos princípios. A questão do petróleo dividia os estudantes? Não. A UNE não surgiu naquele momento para lutar pelo petróleo, mas esta luta também unificava os estudantes. Hoje, igualmente, a UNE não surge para solidarizar-se com os trabalhadores. Mas esta posição está também unindo, os estudantes vêm apoiando os trabalhadores e isto é que é o fundamental.

- Rui Cesar: É. é bom deixar claro que ninguém aqui, nem nenhum estudante discorda em si desta questão, mas sim do fato dela estar na Carta.

- Sergio Carneiro: É, eu acho inclusive que não tem porque nos ficarmos aqui insistindo tanto nesta dis-

### As deliberações da reunião da diretoria

Ensino Pago Em sua próxima reunião que se realizará em Brasilia, nos dias 26 e 27 próximos, a diretoria da UNE levará um convite ao ministro da Educação Eduardo Portela, para participar de um debate público ser transmitido pela televisão sobre: ensino pago, verbas, projetos de autarquização da universidade e representação estudantil. Desde já está em preparação um estudo a ser publicado brevemente sobre a questão do ensino pago em seus vários níveis formas. Pretende-se realizar ainda dentro dos meses seguintes um simpósio nacional sobre o tenia e finalmente para agosto, os estudantes de todo o país serão chamados a se manifestar em plebiscito sobre a questão do ensino pago

### Anistia

A UNE se farà presente no encontro nacional de entidades em luta pela anistia que se realizará no Rio de Janeiro no próximo fim de semana e, igualmente, pretende enviar representação ao encontro sobre direitos humanos no Brasil que se fará em Roma (Itália), no final do mês. A entidade começa já a preparar uma lista assinada pelo maior número possível de entidades oposicionistas populares para ser enviada a Brasília. protestando diante do caráter parcial da anistia com a qual o governo acena e, insistindo no desmantelamento do aparato repressivo como indispensável a uma verdadeira anistia. Decidiuse também abrir campanha pelos estudantes presos, exilados e desaparecidos e prestar solidarieda-

de à iniciativa do deputado gaucho Américo Copetti que pede a extinção do DOPS estadual.

### Eleiçõε

Está sendo confeccionado um cartaz anunciando as eleições para a diretoria definitiva da entidade em final de setembro O regimento que definirá os procedimentos eleitorais deverá ser apresentado ao Conselho Nacional de Entidades Gerais que se reunirá nos dias 15 e 16 de julho no Ceará, simultaneamente à realização da reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SBPC. As inscrições de chapas para as eleições deverão se dar no dia 19 de agosto num local público seguidas de um debate entre as chapas. Serão realizados posteriormente pelo menos um debate entre as chapas em cada uma das 8 regiões em que os estudantes estão classificados. As urnas para as eleições deverão estar presentes em todas as escolas filiadas à UNE Chegou-se a ensaiar uma

discussão sobre o controle do poder econômico na campanha, mas. constatada a divergência-Minas se posicionando por um controle centralizado e com critérios iguais para todas as chapas e, principalmente Bahia, se posicionando pelo não controle da campanha - resolveu-se deixar em suspenso a questão por enquanto.

### Filiação

A filiação de entidades estudantis à UNE se dará sob controle das entidades que compõem a atual diretoria, nas suas respec tivas regiões. A centralizacão deste processo ficará por conta da UEE de São Paulo que, como sede da UNE, fará os serviços de Secretaria. Para a filiacão é necessário que a en-Sul

tidade esteja de acordo com a Carta de Princípios e o Estatuto aprovados no Congresso de Salvador. A filiação se fará também mediante o pagamento de uma taxa na base de CrS 1.00 por estudante da escola da respectiva entida-

### Divisão de Trabalho

Foi feita uma divisão das tarefas que a atual diretoria deverá enfrentar. ficando estabelecido a seguinte centralização para o funcionamento: Secretaria e Tesoura

ria: UEE de São Paulo Relações Exteriores: DCE da PUC do Rio

Imprensa: DCE da Bahia Atividades de Cultnra: DCE da Bahia

Assuntos de ensino DCEs de Minas e Pernam-Contactos parlamen-

tares: DCE de Brasília Luta pela anistia: DCF do Rio Grande do

Simultaneamente foi reafizada uma divisão de regiões que ficarão a cargo das entidades participantes da diretoria para levar adiante a campanha de filiação bem como centra lizar os encaminhamentos - DCE do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul e Santa Catarina

- UEE de São Paulo Paraná e São Paulo DCE da PUC do Rio Rio de Janeiro e Espírit

Santo

DCE de Minas: Mina DCE de Brasilia: Dis trito Federal, Goiás, Mat-Grosso do Norte e do Sul DCE da Bahia: Bahia

Piauí. Ceará e Sergipe DCE de Pernambuco: Pernambuco. Alagoas Rio Grande do Norte e Pa

DCE do Pará: Pará Amazonas. Acre e Maranhão

### Legalização

Após um relato do deputado federal do MDB Airton Soares, sobre a situação legal da UNE, a diretoria concluiu o seguin-A UNE, criada em 1937

omo sociedade civil. ganhou de imediato legalidade, como qualquer outra sociedade civil, bastando para tanto o registro devido num cartório do Rio Em 1942. Getúlio reconheceu a UNE oficialmente mas, introduzindo no texto legal de reconhecimento o dispositivo de que os estatutos da entidade deveriam ser sempre provados pelo Presidente da República, castrando asism a autonomia e inde pendência da entidade Mas logo depois veio a queda do Estado Novo e este atrelamento ao longo dos anos 46/64 nunce 'ni efetivo

Com o golpe militar, lo go depois de 64 é retirado o reconhecimento da UNF através da lei Suplicy Mo ela continuava uma entidade legal, só que não mais reconhecida pelo go-

verno. Mais tarde, em 1966, Castelo Branco determina à Procuradoria da República que abra processo judicial pedindo a extinção da UNE mesmo como sociedade civil autônoma. Este processo entra na Justica e, como demoraria anos para ser iulgado - de fato só velo 1 sè-lo em 1976 — forjou--se na época uma declaração do cartório carioca onde a UNE era dada por extinta. Com base neste documento falso, é que muitos estudantes vieram posteriormente a serem condenados na Lei de Segurança Nacional sob acusação de tentar recriar entidade extinta por lei. Ein 1976 a Justiça julga o processo, confirmando o deseio de Castelo Branco e extinguindo a sociedade civil UNE, sob alegação de rregularidades formais em eus estatutos

Diante desta história o que cahe aos estudantes Conclus no páz. seguinte)

- Passando para a outra polêmica sobre o carater provisório ou definitivo da diretoria como voces situariam os termos do debate travado?

Rui Cesar: Este foi o debate principal do Congresso e o que mais atenções chamou. Tem chegado à opinião pública uma visão deturpada desta questão. Em primeiro lugar tem sido dito que este debate estava colocado em cima de uma luta basicamente pelo poder. Em segundo lugar tem-se afirmado que este debate se deu através de conchavos não envolvendo portanto a maioria dos estudantes. E em terceiro lugar que. em função disto as pessoas que estavam sendo apontadas para a direção da entidade teriam saído desgastadas do Congresso. O centro da questão foram duas posições: uma achava que os debates não tinham sido o suficiente maduros para se tirar já uma diretoria e que portanto a eleição definitiva deveria se dar no segundo semestre através de urnas: a outra, achava que já era possível retirar dali uma diretoria que viesse a solidificar as lutas dos estudantes. Este foi o grande debate travado no Congresso, cujo resultado em parte foi favorecido pela forma como a questão foi encaminhada

De outro lado é bom frisar que de forma nenhuma as pessoas que vinham sendo apontadas para a direção da entidade saíram desgastadas deste processo to-E o fato de estas pessoas estarem sendo deliberadamente desgastadas, achamos que é altamente prejudicial para o movimento estudantil, pois são pessoas reconhecidas, testadas por anos de lutas. Estas pessoas são caras ao movimento popular e não podem ser tratadas desta forma. A segunda questão, do suposto conchavo, que é uma palavra pejorativa, também não 🕯 real. A formação de chapa para a UNE envolve a discussão de todas as correntes de opinião do movimento estudantil, as tentativas de unidade, etc. Isto é altamente positivo, e negativo seria se todas as pessoas que fossem ao Congresso priorizassem as divergências e ficassem brigando entre si.

Assim, nada mais válido que as pessoas das várias correntes de opinião tentarem o diálogo para buscar a unidade, é claro, sem escamotear as divergências. Isto foi feito, abertamente e deve continuar sendo feito. Isto é, não somente natural mas positivo: e o processo eleitoral que vivemos tanto como o que teremos pel frente agora é muito rico do ponto de vista de se retirar uma chapa representativa dos estudantes

### O cupulismo em questão

Mas o fato de não ter havido uma discusãso nas bases em cima de chapas e programas não leva a que a tentativa de lá se retirar uma diretoria definitiva seria burocrática e cupulista?

Rui Cesar: Esta é uma critica que se poderá fazer mesmo em cima das eleições que teremos daqui a alguns meses. Eu acho que seria possível ter realizado no

gramas E como hoje não há lideranças reconhecidas nacionalmente, caberia no Congresso às várias regiões indicarem os nomes para a composição de uma chapa. Se você entende a eleição de um programa em cima daquelas lutas que os estudantes hoje, consensualmente, estão travando, e em cima de nomes representativos das várias regiões, então o problema da preparacão não teria sido previamente em cima de nomes e programas não se colocava como cupulismo para o

Eduardo Albuquerque: Acho correta a diretoria saída do Congresso: caráter provisório e composta por entidades. Isto porque o referencial político necessário para se tirar uma diretoria definitiva no Congresso inexistia. O que foi discutido e preparado nas bases foi a Carta de Princípios e uma plataforma de lutas que possa orientar os estudantes nas suas lutas mais imediatas. Um programa político — e que é imprescindível para uma direção definitiva de uma entidade - não foi possível.

Assim a diretoria provisória saída do Congresso é a expressão real da unidade preparatória para a reconstrucão da entidade e que foi discutida a nível nacional. Fazer como o Rui disse — tirar a diretoria definitiva em cima da própria plataforma de lutas - é insuficienpois uma diretoria definitiva da UNE não pode se furtar de um posicionamento inequívoco diante dos fatos importantes da vida nacional, o que é impossível de se inferir a partir da plataforma. Basta ver o exem-

plo aqui agora. Nós, enquanto diretoria provisória, tivemos dificuldade em posicionarmos em torno até mesmo de ques tões de ensino - por um pequeno reajustamento das anuidades ou contra qualquer reajustamento, por exemplo - o posicionamento em torno do Encontro de São Bernardo e das articulações dos trabalhadores foi vago. genérico, etc. Então é claro que se nestas condições a diretoria tivesse sido feita definitiva, ou ela iria se abs ter de posicionar ou o faria por votações entre seus membros mas que não foram debatidas, explicitadas aprovadas pelo Congresso. Seria assim uma decisão claramente de cúpula, ou então omissão.

### Massoca: "conchavo não decide"

Paulo Massoca: Concordo plenamente com o Rui em combater a imagem que se tenta vender do Con-Não houve conchavos, mas sim a discussão natural e correta entre as correntes de opinião na tentativa de se chegar à unidade que expresse os estudantes. Além disto, é sabido que acordos nunca resolveram nada. Conchavo não decide: você pode discutir. acertar etc.. mas é o plenário quem decide e isto é o que garante o processo democrático. Nada há portanto que desabone o Congresso e a prática eminentemente democrática que lá tivemos. Agora, minha posição particular, e que é diferente da postção da dire-

já do Congresso com uma diretoria definitiva, completando assim inteiramente a reconstrução.

Ora, afirmar que os estudantes não estavam preparados para isto não é verdadeiro. Quando eles se posicionaram pela reconstrução da UNE o que queriam é que a entidade saísse do Congresso apta a transformar aquelas lutas que são de seu interesse em campanhas para conseguir vitórias. E o instrumento para isto seria uma diretoria definitiva. E não concordo com o Eduardo que tivemos dificuldade em discutir e deliberar questões referentes a cusino, à conjuntura politi-

Então se os estudantes foram para Salvador tendo claro quais são as lutas principais que hoje devem ser travadas não há porque exitar, não há porque ter receio de levar adiante a reconstrução completa da en-

Luiz Antônio: Eu acho que também se poderia ter avançado mais. Tanto assim que logo de cara a maioria se posicionou por uma diretoria, ainda que sem precisar o seu caráter. Em primeiro lugar argumenta-se que não havia um programa. Acho que esta é uma visão equivocada do problema. O programa que UNE precisa é exatamente aquele que foi aprovado na plataforma de lutas. E este programa não é insatisfatório: se conseguíssemos realizar 3% dele esta seria a UNE mais forte de toda a história brasileira.

Em segundo lugar a suposta ausência de discussões nas bases. Ora, quem está pensando que vai ser possível a mais ampla e profunda discussão programatica nas eleições, que os estudantes se posicionem sobre tática e estratégia vai se frustrar, porque hoje, infelizmente, o nível de consciência de nossos colegas é ainda muito baixo para isto. O que vai levar a UNE a se consolidar entre os estudantes é fundamentalmente o posicionamento e as lutas contra o ensino pago, contra a ditadura militar, pela anistia etc. e isto foi discutido e votado na plataforma de lutas.

Em último lugar quero deixar clara minha concordància com o Rui sobre o processo do Congresso ocupando, negando portanto taxativamente as versões que falam de conchavos e outras práticas anti-democráticas que teriam ocorrido

Marcelo Barbieri: Nós nos consideramos vitoriosos com esta resolução que saiu sobre a diretoria. E o que vinhamos defendendo há muito tempo. Temos que assumir com naturalidade, sem alarmismo, sem nenhum pessimismo que havia debilidades na preparação para se tirar já uma diretoria definitiva.

As eleições que teremos pela frente com cerca de 600.000 votos serão uma verdadeira aula para a ditadura sobre como fazer eleições no país.

> O que é um programa de fato Eduardo Albuquerque: Acho que o caráter pro

mento em que o movimento estudantil ainda transita de um nivel regional para um nivel nacional. Isto de um lado. De outro, e é bom deixar bem claro, o que tiramos em Salvador foi: Carta de Princípios, Estatutos e — é bom frisar — Plataforma de Lutas. Ainda que num momento do Congresso a mesa, por ato falho talvez. tenha chamado o ponto em pauta de programa mínimo. Como travar a luta contra o ensino pago, como tratar a luta pela democracia na universidade, como levar a anistia, a constituinte. a Amazonia etc.? São

tou um programa como deve-se entendé-lo: um todo coerente e articulado de reivindicações. Ora, é só falar de PT aqui que esta diretoria explode em divergências. Não vamos escamotear os problemas: o que o Congresso definiu foi uma Plataforma de Lutas, que não garante uma direção efetiva para a en-

meros nomes, títulos e dizer que isto é um programa é

forçar a barra. Definitivamente o Congresso não vo-

Por fim. e em termos de comparação, já com a Plataforma de Lutas do Congresso, gostaria de dizer o que acho que deveria ser um programa para uma diretoria da UNE hoje. Tem que ser um programa em sintonia com o momento atual e que concretize de maneira mais completa e abrangente aquilo que o Congresso estabeleceu na Carta. Deve ser um programa que combine o caráter anti-ditatorial com o caráter anti-burgues que. juntos se acham hoje nas lutas populares do país. Um programa que concretiza a ação dos estudantes, dentro e fera da universidade, já ao lado dos trabalhadores na construção de sua democracia. Isto, é inegável, se manifesta a nível de propostas na universidade, é uma grática e não mera retórica. Tem a ver com a gestão democrática, paritária, pela qual devemos lutar hoje nas escolas: tem a ver com o conteúdo dos curriculos que devemos pleitear, etc. E fora também: o desmantelamento do aparato repressivo na luta pela anistia. a maneira de levar a luta pela constituinte; o posicionamento frente à rearticulação partidária etc. Bem. este tipo de debate, para a aprovação ou rejeição desta proposta não houve no Congresso. De outro lado tampouco no Congresso houve intervenções estabelecendo claramente como, mediante que critérios, se definiriam nomes para a composição de uma eventual diretoria definitiva que de lá saísse. Se assim era, então é óbvio que o que tenderia a prevalecer em termos de uma escolha de diretoria que la houvesse, seriam articulações prévias em torno de nomes, e não uma ampla e clara

Marcelo Barbieri: Eu acho, e estes dois dias de reunião da diretoria vieram comprovar que este tipo de diretoria tirada pelo Congresso é exatamente aquela necessária para as tarefas que o próprio Congresso definiu. Como disse o Eduardo, questões propriamente programáticas não teriamos condições de tirar aqui porque não houve discussão no Congresso sobre o assunto



Luis Antônio, Sérgio e Humberto.



Massoca, Eduardo e Rui.

### A democracia na UNE

# A forma das eleições

ebes serem diretas ou indiretas, ou então, em urna ou

Marcelo Barbieri: Eu acho que não é que uma forma seja mais democrática que a outra. Depende do momento, da conjuntura política. E eu acho que hoje, a participação do estudante seria maior através de um processo de eleições diretas. Paulo Massoca: Todos os dois processos são bons

para apurar posições e escolher a diretoria. Eleger a diretoria agora no segundo semestre em diretas culminaria bem o Congresso, que poderia ter já indicado a diretoria definitiva. Rui Cesar: O processo em urna não é que seja me-

nos democrático, mas o processo de Congresso aumenta o debate, a participação ganha uma outra qualidade. Eduardo Albuquerque: Eu acho que o Congresso como forma de escolha da diretoria tem todas as vantagens da urna e nenhuma de suas desvantagens. No Congresso, a participação não é somente um momento, mas sim um processo de três momentos que se somam numa democracia de nível superior. Na hora da escolha dos delegados, a massa discute ao igual que no processo de sufrágio universal em cima de chapas e programas e vota nos delegados segundo estes critérios. Mas não fica só nisto. Há em seguida um segundo momento onde os delegados se encontram num forum nacional para travar um debate mais rico e mesmo influenciar na formulação final das chapas e programas :temos aí portanto uma participação ativa e não a mera escolha numa cédula: e finalmente, estes delegados de volta do Congresso cumprem o papel de elos entre a diretoria eleita e a massa. como uma instância intermediária.

Sérgio Medeiros: Não se trata de que as eleições Congresso sejam bionicas, semelhantes às eleições da ditadura como muitos argumentaram. É que no momento uma eleição direta contribuiria em muito para popularizar a UNE entre os estudantes

### A conjuntura e a reordenação partidária

# Encontro de São Bernardo

contro de São Bernardo?

Luís Antônio: Scu plenamente favorável. Trata-se de um marco fundamer, il para se encontrar hoe uma alternativa para os setores populares da socie-E' o inicio de algo muito importante no país. mais particularmente da construção de um partido

Paulo Massoca: E' o sintoma de que amadurecem cada vez mais as condições para a criação de uma frente popular: ou seja uma forte unidade para derrotar a ditadura militar e implantar as liberdades democraticas no país: é assim que forjaremos no dia a dia uma grande unidade popular que possibilitará transformar o MDB num Partido Popular

Eduardo Albuquerque: O Encontro apontou para a unidade dos oprimidos, dos trabalhadores em particular, em união com estudantes e demais setores explorados. Pode sair daí uma frente que seja a consequência prática daqueles Princípios da UNE aprovados em Salvador. Uma articulação anti-ditadura, sem patrões e que no horizonte contemple a construção de uma sociedade socialista.

Marcelo Barbieri: O trabalho no MDB ainda é importante mas temos que estar atentos às iniciativas dos setores populares que como esta agora podem vir a contribuir para a construção de uma frente de mobilização popular.

Rui Cesar: Foi um grande passo para a consolidação da unidade dos diversos setores populares na luta contra a ditadura militar, pela mais ampla liberdade de organização e expressão partidária. E' importante reforçar e participar do MDB atualmente, tendo claro contudo que ele não é o partido que vai realizar as transformações sociais que queremos. Ele é uma frente importante de luta até que surja a ampla liberdade de organização e manifestação

(Conclusão da pág. ant.) hoje é, em primeiro lugar. lutar pela legalização da UNE, o que, no plano jurídico. significa entrar com uma ação na Justiça denunciando a farsa de 1966 e rebatendo as supostas irregularidades formais que foram alegadas em 1976. Isto obtido, o passo seguinte. é atualizar as atas da sociedade civil no cartório carioca onde ela está registrada. a entidade estará lega-O passo seguinte, o reconhecimento é meios jurídicos e principalmente político, já que envolve uma relação com o governo, com o executivo portanto e não somente com o judiciário como é no caso da legalização. Dependerá portanto da luta mais geral que se trava hoje pela liberdade de organização a nível dos vá rios setores populares, pois de forma alguma os estudantes aceitarão um reconhecimento que lhes Imponha a perda de independência e autonomia

De imediato no entanto há o projeto de lei que o governo enviou ao Congresso, onde se propõe o reconhecimento dos Diretórios Acadêmicos e Diretórios Centrais dos Estudantes - DAs e DCEs como órgãos de representação estudantil a nível de escolas e universidades. A diretoria da UNE combi nou reuniões com parlamentares do MDB para estudar a possibilidade de emendas substitutivas a este projeto que mantém es DAs DCEs atrelados ao Ministério de Educação e Cultura. Esta comissão conjunta com parlamenta res estudará também a possibilidade de apresentação futura de um projete integral de representação estudantil ao Congresso onde, globalmente, se defina a representação estudantil independente no

Uma luta que contudo já se abre agora para os estudantes, tão logo eles tenham obtido a legalização da UNE, é a obtenção da posse de seus bens cas-

sados pela ditadura. Só no Arsenal da Marinha, no Rio, há 7 toneladas de materiais apreendidos na sede da UNE no Rio após o golpe de 64. A sede no Rio. o antigo Clube Germanico, nunca foi juridicamente de propriedade da UNE, pois era tão somente cedido pelo governo par i o uso dos estudantes. Mas há prédios das Uniões Estaduais dos Estudantes em várias capitais do Estado que agora no processo de reconstrução das UEEs se colocam como objetivos 2 serem readquirides. Enfim, neste campo da

legalização bem como do reconhecimento, a questão ainda não está de toda clara, embora seja evidente que o lado político do problema é o que pesa fundamentalmente Portanto tudo dependerá de como a UNE se reconstrua junto aos estudantes e à população em geral para que as conquistas sejant totais e rápidas.

Mocões

Por fim, a diretoria resolveu aprovar uma série de moções de apoio a vá rias causas do momento.

- Encontro de São Bernardo: "A UNE, através de sua diretoria provisória vem publicamente manifestar seu apoio à Carta de São Bernardo, fruto do encontro de trabalhadores, parlamentares e intelectuais. Considerando a necessidade dos setores populares de nossa sociedade se unirem pelo fim da ditadura militar. pela construção de uma sociedade mais justa, sem opressão e exploração. Por isto desde já ressaltamos a nossa solidariedade as iniciativas dos trabalhadores, intelectuais e parlamentares e de todos os setores oprimidos no sentido de avançar sua organização independente bus cando influir decisiva mente na vida política e institucional do país e em sua transformação".

Adiamento das eleições de 80 e voto distrital A UNE considera que o adiamento das eleições de 80 defendido pelo governo, junto com a implanta

cão do voto distrital são atis arbitrários que visam ajenas manter por força a fasa maioria governista não se submetendo à maoria da população".

\*provou-se ainda outras mções contra o jubilamento de estudantes nas unversidades e pela solidajedade ao povo da Nicangua contra a ditadura le Somoza.

### Nicarágua A União Nacional dos

Estidantes vem a público maiifestar sua total solidaredade à luta do povo nicraguense contra a ditadra sanguinária daque-

### A composição

CCongresso de Salvadordecidiu por uma diretcia provisória, composa de representantes de entidades que, no entanto ainda não fo ramdefinitivamente escollidos por suas respectvas entidades. Par-

Ao mesmo tempo exige do governo brasileiro a ruptura de relações diplomáticas com a Nicará gua e o fim do fornecimento de armas à ditadura de Somoza.

Finalmente, nos posicionamos contra toda e qualquer intervenção externa na Nicaragua. e conclamamos os demais setores oposicionistas brasileiros a se solidarizarem também com a luta do povo nica-

Finalmente aprovou-se também um "Manifesto ao Povo Brasileiro", onde a UNE agradece o apoin prestado na reconstrução da entidade.

### da Diretoria

ticiparam da reunião de Sao Paulo os seguintes

- União Estadual dos Estudantes de São Paulo: Paulo Massoca, Marcelo Barbiert, Arnaldo Calil (\*). Igor Fuzer (\*), Fernando Peregrino (\*), Celso Figueiredo (\*) e Terezinha Lelis (\*) (7 pessoas com direito a voz, porém com direito a um voto, como as demais entidades).

dos Estudantes — DCE - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Luis Marques (\*). - DUE da Universi-

- Diretório Central

dade Federal de Minas Gerais: Eduardo Albuquerque (Duda). - DCE da Pontificia

Universidade Católica do Rio de Janeiro: Sérgio Carneiro (Sergi-

- DUE da Universidade Federal da Bahia: Rui Cesar Costa Silva. - DUE da Universi-

dade Nacional de Brasiha: Jose Humberto Almeida (\*).

- DUE da Universidade Federal de Pernambuco: Luis Antônio Falcão (Lula).

- DUE da Universidade Federal do Pará: Sérgio Medeiros. (\*) Participaram da

reunião da diretoria mas não puderam ficar para a mesa redonda.

### **Flataforma** de lutas

Pelo ensino público e gratuito em todos os níveis

Por mais verbas Pela filiação dos estudantes à UNE

Pela Anistia ampla, geral e irrestrita

Pela Constituinte - Pela defesa da amazônia

de 15 a 21 de junho de 1979

dianio do Estado.

EM TEMPO 7

lhões de pessoas que vivem nas margens do Rio São Francisco, ao longo de cinco estados do Brasil - Minas Gerais. Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe - este curso d'água e a sua própria vida sempre tiveram destinos

A vida não poderia ser compreendida sem o rio. O rio era a fonte da vida. Ele indicava quando era época de plantar, de colher, de pescar. Ele se oferecia com o que podia trazer de bom para todos aqueles homens que viviam dele e faziam também as suas exigências: no tempo da cheia, tudo já devia estar colhido. Homem e

rio se entendiam. Nas terras fertéis da vazante, na margem e nas muitas ilhas do rio, os homens plantavam o milho, a mandioca, o feijão de arranque, a abóbora, a batata. Sabiam que depois da cheia. as águas tinham deixado as terras muito boas para plantar. Nas inundávels, em várzeas outros pontos do rio. os homens plantavam arroz. E nas águas calmas. ao longo de quase todo o rio enorme. eles se acostumavam a pescar. Lançar suas redes e em tempo bom trazer os pequenos barcos com muitos peixes.

Quase sempre, os homens que plantavam com a vazante também tinham em terra firme, perto do pequena roça. onde plantavam com chuva e onde além do feljão, da mandioca, do mi lho, costumavam ter algumas fruteiras - mangueiras, umbuzeiros, bananeiras. Nessas pequenas terras em ponto firme, eles costumavam ter algum gado, ou a criação miúda, cabras, ovelhas entre outros bichos.

Mas a cada ano que passa essa situação vai sendo modificada. como pode constatar facilmente quem percorrer as margens do "Velho Chico". como também é conhecido o Rio São Francisco, nos seus 2.600 quilômetros de extensão. da nascente até o mar.

### Convivência dificultada

Num pequeno povoado. cinzento em parte. em parte avermelhado, cerca de dez homens assistem em torno de uma árvore à matança de um cabrito. Ele será a comida de uma parte considerável das familias que moram nas 100 casas do lugar, naquele

O pequeno povoado chama-se Marcos, ou Marcos Novo, um distrito do municipio de Remanso. na região de Juazeiro, no médio São Francisco, represadas com a barragem de

Sobradinho. Olhando pacientemente a morte do cabrito, Gabriel Gomes da Silva. 44 anos. 14 filhos, começa a contar: "A gente plantava cinco, seis ou sete tarefas de terra na Ilha e todos tinham a vazante. Sabla quando o rio ia encher, sabia quando ia vazar. Plantava feijão. milho, melancia, mandioca, sabendo tudo isso. Nesse novo Marcos, a gente não tem nenhum controle do rio. Anunciam uma enchente, ela não vem e a gente fica sem saber como plantar. O rio agora está fechado para pesca e a gente que tava vivendo nesses tempos só de peixe. tem que se virar. Ainda bem que o pessoal do mato é igual a animal, passa com tudo ou com qualquer .coisa"

Com a voz firme, Gabriel resume: "Aquilo (o povoado antigo de Marcos) era nosso. A pesca era direto. A criação tava segura. Agora, longe do rio como ele era, tem que esperar a chuva pra ver se vai plantar"

Bartolomeu Gomes dos Santos, um dos que esperam um pedaço dé cabrifaz a sua confissão: "Sabe. eu tou fazendo é um negócio que dei o nome de assaltar — pescando escondido pra conseguir comer"

A muitos quilômetros de distância, no município de Porto da Folha, em Sergipe, região do Baixo São Francisco, Pedro Santana, Pedrito para os amigos, um lider de uma comunidade descendente dos indios Xokó, conta das suas relações com o rio e dos que se fizeram donos do rio no caso, a familia Brito, de Propriá, Sergipe, da qual o prefeito Antonio Brito é um dos representantes:

'Na lagoa da fazenda Caiçara, a pescaria sempre foi na base de três por um - o pescador fica com um peixe e entrega dois ao patrão. Mas isso só depois de ele já haver separado para ele mesmo os peixes melhores e no dia grilagem.

ARA cerca de oito mi- que era marcado para a pesca. Plantação era na base de meia. Só que a meia dada tinha que ser maior que a que fica pra gente. O resto, vendido

ao patrão mesmo" Pedrito, entretanto, achava isso melhor do que a situação da comunidade agora, quando os Brito estão dispostos a expulsá--los da terra de qualquer maneira.

"Agora a gente está proibido de plantar. A va-zante ta la e não pode plantar, não pode criar. Se for pegado pescando escondido, a gente apanha e vai preso. O rio tá ai. na frente da gente, e ninguém pode fazer nada".

### As grandes acusações

Na fazenda Caicara, onde estão quase 30 casas de estuque, se desmanchando pouco a posco. o rio realmente está a poucos passos. E os descendentes diretos dos Xokós estão obrigados a viver quase que de doações de outras comunidades vizinhas.

Mais abaixo, em Pindoba, no município de Neópolis, Sergipe, o velho Antonio Vieira Barbosa, sentado na sala de sua casa. olha a antiga plantação de arroz, em frente à casa, que se estendia até o riacho Mussuipe, adiante terrinha dai, sempre consegui comprar roupa pros nove filhos no fim de ano.

Denúncia: é crescente a miséria social dos lavradores do vale do Rio São Francisco. Uma reportagem feita pela Comissão Pastoral da Terra.

# Agonia à margem

Um futuro cada vez mais incerto perse gue nada menos que oito milhões de habitantes do vale do Rio São Francisco. Em nome do pro gresso, o governo e os empresários vêm nos últimos anos intensificando a exploração do po tencial hidrelétrico do rio e das possibilidades agro-industriais das suas margens em cinco Estados, de maneira tão predatória que o "Velho Chico", como é conhecido também, agoni za. A CHESF e a CODEVAF, órgãos do governo, aliadas aos grileiros, espalham o pânico nas mais diferentes localidades e mereceram a recente condenação da Comissão Pastoral da Terra, que está divulgando uma substanciosa vários metros: "Com essa reportagem de Mariluce de S. Moura, que per correu as regiões mais atingidas. A primeira parte do texto vai condensada nesta página.



Essa terra era herança do meu pai. Aqui nasci e me criei e me acostumei a trabalhar. Sabia quando a várzea alagava, sabia quando a várzea descia. tirava arroz bom dai"

"A terra foi desapropria-- prossegue ele. Cons truíram uns diques, o rio não vaza e não enche. As águas estão niveladas. Eles ainda não fizeram nada. E eu só aqui olhando. Todo mundo está perdendo as terras e a gente, quase nenhum tem mais do que viver. Quem ficou com alguma rocinha no alto, ficou mais pobre, mas ainda dá pra se virar. Mas é uma tristeza"

São todos eles - Gabriel, Bartolomeu, Pedrito ou Antonio Barbosa homens que sempre estiveram ligados ao rio. De forma diferente, sempre foram explorados por outras forças que eram contra o rio ser generoso para eles. E hoje, por diferentes circunstâncias são expulsos de uma convivência estabelecida com o

Esses homens, como milhares e milhares de outros que se espalham em volta do Rio São Francisco, têm hoje a sua história modificada por três seres que se apresentaram no Rio São Francisco: a CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco), a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e a

o Rio São Francisco, nestes anos 70, um nome se transformou em terror. quase Para milhares de lavradores ele passou

a significar a perda de suas terras, a perda de suas culturas, a expulsão do lugar onde sempre viveram, a destruição de comunidades formadas ao longo de muitos anos. E também a significar o fim de suas cidades e povoados o enterro sob as águas de suas casas, suas igrejas e até a perda de seus mortos nos cemitérios. Este nome é CHESF

Expulsos da beira do rio, com quem sempre se entenderam, jogados na caatinga, em muitos casos. os lavradores perderam um pouco da sua força e da sua segurança. Dentro de cada um, perderam um pouco do que eram Tentando explicar isso, o bisbo de Juazeiro, na Bahia Dom José Rodrigues diz assim: "O Rio São Francisco fazia parte da paisagem espiritual dos lavradores que viviam has suas margens. Quando lhes tiraram o rio, arrancaram alguma coisa de sua al-

Foi por isso que um velho - é Dom José Rodrigues quem conta - da cidade de Casa Nova, inundada pelas águas do lago de Sobradinho, olhava o dia inteiro para as bandas do Rio e comecava a chorar. Olhava e chorava e desse jeito foi definhando até morrer

Até um tempo não muito distante, o "Velho Chi-

co" era conhecido como o "rio da integração nacional" porque ligava diferentes regiões do Brasi! Mas, desde que se come çou a implantar a usina Afonso em 1948, e principalmente com a sua inauguração em 1955, o governo passou a ver o Rio São Francisco, antes de tudo como gerador de energia

O rio ia passar a servir para alimentar com energia as indústrias que de viam se instalar no Nαdeste e as cidades que deviam crescer muito com essas indústrias. Para 15 pessoas que dependiam lo rio para viver, essa energa pouco ou nada la adiantar, porque eles nem tinham energia elétrica na maioria de suas comuni-

Depois de Paulo Aforso. veio, em 1962 a construção da represa de Três Marias, em Minas Genis. perto das cabeceiras do rio, que prejudicou mito a pesca no médio e sib--médio São Francisco

Veio a construção de mais duas usinas em 'aulo Afonso, a PA-2 e aPAesta terminada em 973. para completar o que a CHESF chama de um sistema integrado veio em 1970 o projeto da brragem de Sobradinho, junto com as usinas 'aulo Afonso — 4. Moxotó, Pedras, Itaparica, mais uma hidrelétrica abaixo d represa de Sobradinh outras ainda em prieto. No total, 11 usinas.

A hidrelétrica de Ioxo-

tó, inundou, em 1973, a cidade de Glória e vários de seus povoados, desalojando alguns milhares de pessoas. Sobradinho trouxe o major deslocamento de população já verificado até hoje, retirando de suas terras mais de 70 mil pes-

A hidrelétrica de Itaparica, na região de Petrolândia, Pernambuco, começa a desapropriar, já agora, alguns milhares de pesosas. Mas a CHESF ainda não respondeu a perguntas como: que área de terras será inundada? Quantas mil pessoas perderão suas terras, seus bens, suas formas de vi-

São todas obras gigan-

tescas, que representam

bilhões de cruzeiros gastos. E tudo isso para garantir energia suficiente para o Nordeste só até 1990. Dentro de mais 11 anos. todos os sacrificios impostos diretamente a mais de 100 mil pessoas (e indiretamente a um número muitas vezes maior) já não vão assegurar nem mesmo a energia que o governo diz que o Nordeste precisa. Até lá já se terá tirado do rio tudo o que ele pode oferecer de energia. Depois disso, segundo disse um engenheiro da CHESF, só com energia nuclear ou gerada na Amazonia.

Por causa dessas coisas. falando de Sobradinho. que está na área da diocese é que o bispo Dom José Rodrigues diz: riam mesmo necessárias essas obras nas proporções que estão sendo fei tas? E se são necessárias por que antes de se pensar nas britadeiras, no cimento armado, nas máquinas não se pensou no homem esse homem do São Francisco? Por que tem que se fazer um progresso para enriquecer quem já é rico e desgraçar o pobre?" um lugar quente e

desolado, que transmite uma certa sensação de tristeza e desanimo, se levanta a cidade de Nova Glória. Casas simples, algumas vendinhas, a igreja. a escola, ruas empoeiradas e um movimento tão pequeno que, chegando lá. pode-se pensar que a ci-

dade está abandonada. O município de Glória tem cerca de 10 mil habitantes e fol atingido pela hidrelétrica de Moxotó em 1973 Passou todo esse tempo e a nova sede construída para o municí pio é uma cidade não terminada

Sentado na sala de sua

casa, "seu" Armando Fer-

reira Soares, um velho de 72 anos. fala comovido: "A gente tinha uma ilha e a beira da vazante na Glória antiga Tinha uma casa grande com duas salas tinha uma canoa. Plantava feijão, batata, melancia. Conseguia, às vezes tirar da roça, um caminhão de melancia, para vender nas balsas. Aqui tenho só essa casa que prometeram a escritura e até hoje não veio. Por tudo que eu tinha a CHESF me deu somente cinco

Ele passa a mão nos olhos e continua seu depoimento: "Lá em Glória, o Exército amarrou corda na cumieira das casas de quem não queria sair e derrubou tudo. Eu não queria assinar, não concordando com o preço que eles queriam me dar para indenização. Mas eu não podia fazer nada contra uma companhia poderosa dessas, que tinha 40 advogados, o Exército e o governo, tudo ao seu lado. E aí foi tudo assim a gente aceltou a indenização que eles queriam dar, e foi jogado aqui, sem assistencia, sem nada"

"Seu" Armando conta que avisaram que ele tinha que sair seis meses antes: "Ai foi aquela coisa — vendi umas 50 ovelhas por 1.500 contos, quase de graça. Das 20 cabeças de gado que tinha, morreram olto, o resto vendi por besteira. Vendi 70 bolas de arame por 1500 contos e na verdade valia uns 35 mil. Era o desespero, o medo de não ter coisa nenhuma. Na Nova Glória fiquei dentro dessa casa, três vezes menor do que a que tinha, recebendo 1.404 cruzeiros de aposentadoria da Prefeitura, onde trabalhei 43 e terminei como chefe do serviço de finanças. Do INPS recebo pou-

co mais de 500 cruzeiros" A diretora do ginásio de Glória conta que na beira do rio, perto da nova cidade, muitas pessoas que sairam da antiga não conseguiram fazer roças. porque outras pessoas de Paulo Afonso chegaram primeiro e ali plantaram: "A cidade ficou muito dependente de Paulo Afonso, porque antes era pequena mas tinha feira, tinha tudo. Agora só tem as vendinhas mesmo e o jeito é comprar comida e tudo em Paulo Afonso".

Nem todos que sairam da sede de Glória Antiga se relocalizaram na nova sede do município construído pela CHESF. Muitos foram para Quixaba e outros povoados. Um desses é o velho lavrador Manuel Barbosa Fortes. o Lelé Parreira, de 65 anos. Quando ouve falar na

inundação da Glória, "seu" Lelé Parreira olha firme e diz assim: "Falar nisso é mexer com a coisa que tenho mais raiva na vida. Eu saí da Glória rebocado pelo Exército. Quando veio essa história dessa barragem de Moxotó, o que se viu no começo foi o Lindolfo, um doutor da CHESF, botando tudo que era cabra brabo no bolso. Sabia salivar o homem e a gente nem esperneava. Era uma conversa bonita de que a gente ia receber outra terra adjante, A CHESF iria irrigar terra pra gente, ser a melhor das maravilhas'

Ele tinha uma terra grande com capim e gado. Era propriedade com escritura, registro no cartório de imóveis "e tudo isso, essa papelada ficou no serviço jurídico da CHESF sem nunca ser devolvido" No dia que chamaram "seu" Lelé na CHESF para o pagamento, um empregado da companhia buxixou no seu ouvido que valia 12.800 contos. Mas, quando no escritório lhe comunicaram o preço. ele só tinha a receber 1.400

Depois de criar muito caso, resistir aos doutores da CHESF e até mesmo aos sargentos que foram até à sua casa para botá-lo para fora na marra, Lelé Parreira acabou recebendo 5.260 cruzei-

Quixaba, o povoado on-de mora Lelé Parreira, tem 266 casas. Quase duas mil pessoas. Mas, quase ninguém resistiu como ele à CHESF. A grande maioria aceitou as indenizações propostas, sem discussão. Para eles, como diz dona Elza Soares de Souza, que tem nove filhos, "era como se ninguém pudesse fazer nada. Todo mundo tinha mesmo que sair. Isso era o que a gente sabia. Desse modo, preferia receber qualquer coisa, para não ficar sem nada". Outra perda que ela não se conforma. igreja era muito bonita. Desmantelaram tudo. alto, tinha uma cruz iluminada e já daqui vi um dia quando a torre caiu e

a cruz também foi cortada. A gente ficou mais

seu longo caminho, o "rio da integração nacional" aparece com caracteristicas diferentes e por isso se divide em quatro zonas: Alto São Francisco, em Minas, on de está sua nascente; Médio São Francisco, de Pirapora, até a barragem de Sobradinho, no Estado da Bahia; sub-médio São Francisco, de Sobradinho até Paulo Afonso (nessa zona, ele divide a Bahia de Pernambuco); e Baixo São Francisco, de Paulo Afonso até o mar, e que é o trecho onde ele passa por Alagoas e por Sergi-

O Vale do São Francisco — ou seja, as terras que estão sob a influencia desse rio — é uma região enorme, com aproximada-mente 640.540 quilôme-tros quadrados. Todo rio grande como este, de alguma forma, é uma riqueza natural e por isso atral sempre as populações para suas margens, para o seu vale. Em toda a bacia do São Francisco, calcula-se que vivem oito milhões de pessoas.

Os primeiros e antigos habitantes do Vale do São Francisco foram os "coronéis", com digenas. Mas depois vieram os "coornéis", com uma história de violências e prepotência, misturada com paternalismo. As populações formadas por indios, escravos e brancos, com menor poder econômico, foram sempre subjugadas.

Colonos "posseiros" são uma velha tradição n**o** Vale do São Francisco e por muitos anos eles foram apenas tolerados pe-"senhores de terra". Nessa época. o pais estava mais interessado no café, na cana, no cacau 🖲 a economia no São Francisco se arrastava. O governo não tinha um gran-

de projeto para ele. Foi em 1948, que veio 2 decisão do governo de aproveitar o Rio São Francisco como uma fonte importante de energia. E a CHESF chegou com suas hidrelétricas, pouco pouco invadindo tudo. tal ponto que as obras que estão sendo executadas ou estão projetadas hoje. esgotam o potencial de energia do rio.

Vieram depois as idéias de desenvolvimento do Vale, com projetos de agricultura irrigada. Mas isso não resolvia a questão de um projeto para o Vale. E, já no final da década de 60. havia o interesse de atrair empresários do Centro-Sul. para investir no vale. Para isso o governo precisava criar o que chama infra-estrutura: estradas, órgãos de assistencia técnica à produção. programas especiais crédito, aeroportos, etc.

No final de 1972, o Ministério do Interior e o Ministério do Planejamento patrocinaram a viagem de empresários às áreas mais ricas do vale. A essa altura. glebas imensas jā haviam sido tomadas por norte-americanos, conforme apurou uma Comissão Parlamentar de Inquérito, cujos trabalhos se encerraram em abril de 1968. O resto poderia ser entregue aos empresários do Centro-Sul - asim pareciam pensar eles.

Mas pode-se dizer que a idéia de ocupar o São Francisco com grandes empresas agro-industriais tomou mais corpo em 1973. Esse ano marcou o fim de uma época de muito crescimento econômico no país que o governo chamou de "o milagre econômico"

No campo o que passava a ser importante para o governo não era a distribuição de terras aos agricultores, mas a chamada "modernização" e a chamada "ampliação da fronteira agricola". Essa "modernização" e essa "ampliação" — com violência. expulsão de posseiros. substituição do meeiro pelo diarista, etc. - tinha que ser através da grande empresa: a empresa que compra máquinas e equipamentos, que planta produtos que dão mais lucro para ele do que o feijão. o milho, e que, algumas vezes, industrializa o que

### Na próxima semana

. O contraste do ufanismo de Sobra. aho, "o maior lago artificial do mundo" e a desagregação da vida de uma comu nidade de 70 mil pessoas. A agricultura arrasada. Os lavradores tocados como animais. A grilagem com o apoio do qui verno. A chegada das grandes empresas A resistência.

### Goiás: a oposição sindical brota no campo

Xô, pelego! Saia fora do meu arrozal!

Por Gisele Nogueira

Um movimento de oposição sindical começa a sacudir o imobilismo do espantalho presente no sindicalismo rural do estado de Goiás. O outrora seguro e tranquilo reduto de notórios pelegos do campo sofreu nos últimos meses reveses significativos. Cinco chapas de oposição às diretorias de entidades em cidades diferentes conseguiram se inscrever para concorrer às eleições, o que já é uma facanha diante das manobras e fraudes dos pelegos, que no campo ainda são mais velhacos que seus similares da cidade. Duas delas conseguiram sair vitoriosas — em Nova Veneza e Bela Vista. Além disso, os trabalhadores rurais tomaram a iniciativa de organizar vários sindicatos, independentes da influência da Federação dos Trabalhadores Rurais, Metaeg, entidade que comanda o sindicalismo atrelado ao governo e aos empresarios em Goiás e é dirigida por Antonio Bueno. E. mais recentemente, no Congresso Nacional da Contag, realizado em Brasília, o movimento de oposição sindical se fez presente criticando a FE-TAEG e defendendo alternativas sindicais que realmente representem os interesses do homem do campo.

### Desarmando os pelegos

A história das Oposicões Sindicais em Goiás. na verdade, começou em 1976, no pequenino municipio de letaquaru, próximo de Goiania, com o lancamento da primeira chapa que possuia um programa que realmente refletia os interesses dos trabalha-Naquele ano deveria acontecer a segunda eleição para o sindicato a primeira foi em 1973 com a diretoria eleita através chapa única. Isso, no não aconteceu.

ob a alegação de que ns dos candidatos da oposição não cumpriam a exigência de comprovação de dois anos de profissão no município, a Delegacia Regional do Trabalho, a pedido da FEanulou o registro da chapa. O antigo presidente, Geny Alves de Deus

uma vez que são feitas determinações as mais absurdas, como por exemplo a posse do número do Faz parte também do ritual a apresentação do tal atestado de residência e trabalho no municipio, num periodo minimo de dois anos, aos que quiserem se candidatar. completando o quadro de artimanhas utilizadas pela Federação, para poder eleger os seus pupilos além das ameaças pessoais, ela própria participa ativamente das campanhas financiando-as, fornecendo carros para buscar os eleitores. lanches e difamando candidatos.

Pelo lado dos sindicatos as manobras não são muito diferentes, e muitos deles somente divulgam a lista dos votantes no dia da eleição. Isso porque alguns costumam cobrar certas taxas extras dos associados, não permitindo votar os que não estiverem em dia com os pagamentos.

Mesmo assim as oposi-

ções conseguiram sair vitoriosas em alguns sindicatos, em eleições realizadas nos meses de abril e maio Em Nova Veneza. apesar do prazo para o registro das chapas ter sido comunicado com apenas 5 dias de antecedência os pelegos foram derrotados. E a tentativa de bolcote não ficou só al, pois além das eleições (no caso dos pelegos, é claro) terem sido articuladas com muita antecedência e por baixo do pano, pressões foram feitas, sobre os que apoiavam a "Chapa 2" culminando com o afastamento de dois funcionários do sindicato dos car-

gos que ocupavam Já em Bela Vista a vitória foi maior ainda, pois a pelegada apesar dos esforços de Antonio Nunes, presidente da FETAEG não conseguiu sequer formar uma chapa. Dessa

forma o trabalhador Nelson Teles foi reeleito.

### Um jogo de cédulas marcadas

Também em Carmo do Rio Verde, a oposição conseguiu lançar a sua "Chapa 2", nas eleições para o sindicato que, fundado em 1975, conta hoje com cerca de 1.700 associados. Ali a noticia sobre a data de registro de chapas salu com apenas 48 horas de antecedência. Mas a irregularidade maior seria constatada no momento mesmo da votação: nas cédulas constavam os nomes de um sindicato de outra unidade e os candidatos de uma terceira localidade. A oposição marcou o pé contra os pelegos do sindicato e da FETAEG e as eleições foram anula-

Em contrapartida a Federação entrou com tudo. em Jussara e Itirapuã, e lá conseguiu derrotar a opo-O trabalho maior desenvolvido pelos pele-gos, nesses dois municipios, foi junto aos aposentados, que por serem isentos de pagarem as taxas (mais de Cr\$ 50 mensais) cobradas pelos sindicatos -- quantia essa que, em se tratando dos trabalhadores da região pesa bastante - estavam com o direito de voto garantido. Estes foram buscados em suas casas, receberam lanches e eram sempre alertados de que a "Chapa 2 era de comunistas" e que se não votassem pela reeleição dos então presidentes teriam suas opesentadorias canceladas. Isso sem contar as tais exigências com a papelada de registro de candidaturas, que obrigava muitos a terem de viajar até Goiania, para con**Sindicatos** livres

Os sindicatos de Uruana e Mossamedes são dois exemplos típicos de entidades que surgiram criadas pelos próprios trabalhadores, sem nenhuma intervenção da Federacão. No primeiro caso, há muito tempo que eles reivindicavam a sua existência e, chegaram mesmo a enviar um abaixo-assinado à FETAEG com centenas de assinaturas. Como ela não desse mostras de ter tomado conhecimento do pedido, eles recorreram à CONTAG — Confederação Nacional dos Trabalhadores Agricolas - para receberem as orientacões sobre os encaminhamentos a serem efetuados para a fundação de um sindicato. Isso foi conseguido em abril de 1977 e nesse mesmo ano foi reconhecido. A Federação. por seu lado, continuou o boicote, sob a tutela da Delegacia Regional do Trabalho, que até hoje não deu autorização para a realização de eleições. Sindicato funciona desde então com uma diretoria provisória, arcando sozinho com todas as despe-Nem mesmo um prometido ambulatório médico, em convênio com o Funrural, foi instalado. O dinheiro recolhido de contribuições sindicais, depositado em nome da FE-TAEG, desde 1977, até hoje está retido.

Em Mossàmedes a tuação vai mais longe, pois, fundado em 1977, em uma assembléia com mais de 500 trabalhadores rurais. até hoje não foi reconhecido pela Federação. As pressões sobre seus dirigentes chegaram ao ponto dos mesmos receberem intimações a comparecerem à Delegacia para deperem sobre as atividades da entidade, que teve até suas atas vistoriadas.

- Por organização de

- Por uma reforma agrá-

- Por negociação direta



### "Há movimentos de base no estado inteiro"

O grupo de trabalhadores rurais que compareceu ao Congresso da Contag como Oposição à direita da FETAEG concedeu uma entrevista a Em Tempo, sobre o seu movimento.

"Aqui foram citados apenas alguns sindicatos, mas existem movimentos de base em vários outros lugares, no Estado inteiro. Movimentos de trabalhadores que já enxergaram um pouco além e querem caminhar, mas são barrado: pressionados. A gente tem dificuldade até pra concorrer nas eleições. Mesmo assim queremos fortalecer a nossa luta, nos ilgando torização e vagas para ir-ao movimento sindical, e mos a Brasilia", explica não fora dos sindicatos", Vanderlei. Segundo a pró-assinala um trabalhador um deles. Segundo a pró-

"Nós sentimos a necessidade de nos unirmos prossegue ele - para podermos enfrentar as pressões dos patrões, das autoridades, da injustiça agrária que está aí, do esquema do sindicalismo que é pelego. E ainda por cima vem a Federação, caprichando com tudo, querendo marginalizar mais ainda os trabalhadores do

O primeiro passo para a consolidação dessa união, em termos regionais, foi Por uma melhor assisdado em abril, quando mais de 90 trabalhadores rurais, Por uma melhor preprovenientes de 25 municipios, se reuniram em Goiânia e tomaram a dec!são de denunciar, em todos os níveis, a situação da classe e também o pele-

guismo instalado em suas entidades, a começar pela Federação do Estado. Decidiram, ainda, particém-fundados cipar do III.o Congresso

campo."

uma vez que a FETAEG, ao contrário do regimento di-vulgado pela CONTAG, definindo que os delegados deverlam ser retirados em assembléia dos sindicatos, após cada um ter discutido em suas bases, quais os pontos a serem apresenta-

dos no Encontro. "Aqui não foi feito nada disso. A FETAEG escolheu quem ela achou mais conveniente. Então os sindicatos, e trabalhadores que ja estão mais esclarecidos e levando algum trabalho junto às casas, nos reunimos e resolvemos pedir diretamente à CONTAG aupria direção da Confederação, que acatou o pedido, a participação de oposições sindicais no Encontro um fato inédito, pois antes elas nunca haviam conse-

guido chegar até lá Um dos objetivos do grupo, com cerca de 10 representantes das oposições goianas foi, justamente de. nunciar a atuação da Federação, segundo eles mesmos descrevem;

"Ela não dá assistência, atrapalha mais que ajuda, e sentimos que era preciso que o Brasil todo tomasse conhecimento disso, do que a gente está sofrendo. Ela (a FETAEG) por fora apresentam-se com uma cara e aqui dentro com ou-

Para eles, o problema que mais tem afligido o trabalhador rural Golás, além do peleguismo comandado pela entidade maior no Estado e da legislação sindical "injusta",

é a questão da expulsão do homem do campo para as cidades, que tem provocado a incidência de bóias-frias em outros Estados e o desemprego nas cidades: "A gente vê o homem sendo substituído pelo boi e pela máquina, em nome do progresso. Os fazendeiros dispensam os peões, que vão inchar as cidades, morar em corredores, pois não tem condições de viver com mais dignidade. A conclusão que a gente chega. então, é que faltou a terra

faltou tudo" A solução que apontam é uma Reforma Agraria "am-pla e total": "O governo não vai fazer nada pra melhorar a nossa situação, e o que eu vi nas palestras Social, Trabalho e Agricultura) não passam de uma farsa, promessas para acomodar mais ainda o trabalhador rural e fazer com que ele continue esperando", assegura um dos en-

trevistados. Um dos aspectos que eles consideraram mais importantes da participação no Congresso diz respeito ao encontro com outros que pensam e tem atuado da mesma forma: "Aqui nós descobrimos não somente que a situação do trabalhador rural no Brasil inteiro é a mesma, mas principalmente que em outros Estados tem pessoas atuando como a gente. Para nós a descoberta desses companheiros foi importante, pois è essa ligação que vai nos dar condições de continuarmos lutando em defesa da classe e em busca de terra pro homem trabalhar", disseram eles

### **DOCUMENTO**

### O programa da oposição rural

### Situação do povo do campo

Sem terra para plantar, sem lugar de morar Alguns que consegue uma terrinha para plantar do jeito que quer, ainda não manda no preço da sua

Sem liberdade, acaba sendo mandado e contratado pela classe patronal.

Os pequenes proprietários e os posseiros não tem assistência e acabara sendo usados pelos grandes para ser contra os trabalhadores rurais, e com isso cada vez mais mingua-

- Os trabalhadores do campo acabam nas beiras das cidades, viram bólasfrias e as mulheres muitas das vezes, viram prostitutas, os filhos sem alimentação.

sem condição de trabalho. de estudo, e acaba virando ladrão as filhas é obrigada se prostituir entrando no jogo do sistema que FERE O PRINCIPIO MORAL DO TRABALHADOR RURAL. Se o homem da cidade fosse jogado no campo como eles se sentiriam? será que

novamente assumiu o sin-

dicato até que outras

eleições fossem marcadas.

Em 1977. com a oposição

desorganizada, ele mais

uma vez concorreu sozi-

nho. devendo permanecer

na presidência até setem-

bro do ano que vem quan-

do seu mandato se encer-

Não resta dúvida que.

para as oposições goianas,

o principal entrave tem si-

do a FETAEG, que prati-

camente possui uma má-

quina de fazer e manter

pelegos nas diretorias dos

sindicatos rurais. Instru-

mento este pronto a ser

acionado nos períodos

eleitorais. O sigilo até

praticamente às vésperas

do encerramento do prazo

de registro de chapas tem

sido uma das táticas mais

utilizadas. Além disso são

incontáveis as dificulda-

des impostas aos oposito-

res para conseguirem a

documentação

campo? — As leis que foram fei-tas para ajudar fixar o trabalhador rural no campo por um lado ajudam. por outro lado jogam o traba-lhador rural fora da terra, e com isso o trabalhador rural sobre pressão de todos os tipos. é marginali-

fariam como os homens do

zado a toda hora e em tudo que faz. CONCLUSÃO: Faltou a terra pro ho-mem do campo faltou tudo.

Falta terra falta tudo

Falta alimentação Faz o caboclo ficar na tris-

O povo doente e fraco prejudica a Nação Faz o homem cachaceiro Faz o outro virar ladrão Faz mulher mudă de vida Prá poder ganhar o pao Traz a fome e a miséria Na cidade e no sertão.

)0( Diante dessa situação, que essa esrtutura sindical está fazendo para resolver essa situação do trabalhador rural? Diante dos fatos acontecidos, e estudos e debates realizados pelos proprios trabalhadores, especialmente no nosso caso de estado de Goiás. a diretorla da Federação não esta ajudando nos trabalhadores a sair dessa situação, e quando nós Trabalhadores

Rurais tenta organizar pa-

ra ver uma saída, ela usa — Por melhor condições tudo para atrapalhar, usa de vida o poder do sindicalismo pelego que está ai por cima classe em total liberdade de nós trabalhadores ru- dentro do sindicato ras. O Sindicato dos Es-

tado está voltado para o ria global, com a participa assistencialismo e muito ção do Trabalhador Rural fraco que não corresponde as necessidades do Traba do produtor ao consumdior lhador Rural, e tira o verlhador Rural, e tira o ver— Luta pelo funciona-dadeiro objetivo da luta do mento da lei que defende c homem do Campo pela ter- trabalhador

segui-los

Os dirigentes Sindicals tência de saúde viraram uns verdadeiros Funcionários do FUNRU- vidência social RAL sem receber nada da parte do FUNRURAL.

### Reivindicações: lutas

Por fixação do homein erra mento dos Sindicatos dos Por melhor condições Trabalhadores Rurais re-

### — Luta para acabar com as intervenções do Sindi-calismo dos Trabalhadores Rurais, especialmente o de - Luta para reconheci-

# O que é o "Saco Agricola" do Delfim?



O que o recente "saco agrícola" de medidas destinadas ao setor agropecuário visa na realidade é consolidar a base de apoio social ao regime através da garantia da reprodução de pequenos produtores rurais, capazes de servir de respaldo ao partido do governo e abrir uma "fronteira agrícola" para a expansão do capital mercantil financeiro.

por F.N. Costa e J.C. Miranda

Historicamente os esforços conjugados das áreas fiscal, monetária, e de preços, acionados para o combate à inflação, têm levado à economia brasileira a "crises de estabilização". As consequências imediatas destas são uma queda dos níveis de renda e emprego, com profundos reflexos sociais. Num momento em que o governo tem de conjugar política recessiva com "abertura politica" e garantir niveis minimos de vida à população, a ênfase no setor agropecuário surge como a alternativa que se de-para com "menores resistências" para ser acionada

Senão vejamos. Em primeiro lugar, desde a tentativa de implemen-tação do II PND, não se chegou. a nivel das facções dominantes do capital, a se compor um novo "pacto de poter" capaz de viabilizar uma retomata dos investimentos produtivos. Portanto, o que se observa é que o setor industrial encontra-se em compaso de espera até que, tanto a nivel la utilização do seu excesso de capacidade ociosa. quanto a nivel institucional, se possa viabilizar uma nova trajetória de crescimento. Como a crise de superacumulação

provoca por parte da política-econômica medidas retracionistas, o piso minimo de crescimento do produto global da economia será dado pelos gastos das empresas estatais - desde que estes não sejam profundamente alterados - e pela agropecuá-Esta deve se expandir, tanto 'produzindo excedentes exportáveis quanto "ampliando o mercado inter-

O programa de "corregores de ex portação" já é bastante conhecido. A novidade das diretrizes do Governo Figueiredo está no projeto de dinamização da agricultura de mercado interno, favorecendo aos pequenos e médios produtores.

O Governo parte de duas suposicões na elaboração desse projeto. A primeira é a de que o elevado custos dos alimentos estaria onerando cesta do consumidor urbano sendo assim, componente importante da elevação do indice de preços.

### A ESPECULAÇÃO

Na verdade, uma questão que hà muito se vem debatendo no Brasil, é se a estrutura de oferta agrícola constitui-se num entrave à acumulação urbano-industrial. As evidências são de que a taxa de crescimento da agricultura para o mercado interno tem sido satisfatória face às necessidades de alimentos e matérias-primas dos centros. A restrição pelo lado da estrutura de preços relativos seria devido a intermediação, realizada pelo oligopsônio mercantil, que especula com estoques, elevando cs preços finais. Nesses termos, as diretrizes governamentais, ao propor um novo encaminhamento à questão agrária, deixaram de lado, entre outros, um problema central: o controla da intermediação mercantil,

A segunda é a de que garantindose credito rural, sistema de preços mínimos e de compra da produção aos produtores, estes se fixariam em seus locais de origem, sem engrossarem as fileiras de desempregados des grandes centros urbanos. Essas medidas não só garantiriam ao partido do governo o apoio dos pequenos • médios produtores rurais, como também marcariam o inicio de uma politica de controle do crescimento urbano-industrial. Como declarou o ministro Deifim no 3.0 Congresso da CONTAG, "o governo considera extremamente importante a constituição de uma classe média rural para a estabilidade do país"

Existiria, ainda, uma outra razão bastante forte para a garantia de preco e crédito aos pequenos e médios produtores rurais: a abertura de perspectivas de novas dívidas primárias para o capital mercantil-financeiro explorar.



Ninguém tá a fim de aceitar a anistia "maneta e perneta" que Petrônio Portela e Figueiredo querem impor ao país. Entre eles, os trabalhadores que reivindicam para já, a concessão da Anistia Trabalhista Sem ser divisionista, incluindo-se na luta mais geral pela anistia. ampla. geral e irrestrita que a maioria quer (é só ver a resolução do Congresso dos Metalúrgicos, em Poços de Caldas), ela é mais do que necessária. pois permitirá a indenização, reintegração nos cargos e a recuperação dos direitos sindicais a centenas de trabalhadores demitidos e aposentados com base no Ato Institucional n.o 1.

A aposentadoria ou demissão de funcionários regidos pela CLT com base no AI-1, é duplamente ilegal: primeiro, pela própria ilegalidade do chamado "édito" de força; segundo, porque ele mesmo limitava seu alcance apenas a servidores públicos. E foi com base nele que o governo afastou do trabalho ou de funções sindicais centenas de radialistas (como Mário Lago e Paulo Gracindo), portuários, petroleiros, ferroviários e bancários (foram 67 bancários em todo o país), que passaram a ser considerados "mortos" juridicamente: suas famílias recebem, desde então, míseros salários

A Anistia Trabalhista já foi proposta por quatro projetos no Congresso Nacional: agora, a comissão de Bancários - o setor que mais vem se mobilizando - decidiu, em reunião realizada no fim de maio, em Brasília, centrar fogo na tramitação do projeto do deputado arenista Marcelo Linhares, ora em tramitação nas Comissões técnicas da

### NA MODA

Com Ato ou sem Ato, patrão não vacila, quando se trata de demitir trahalhador: é o que vem acontecendo, em São Paulo, por exemplo, em alguns grandes bancos como o Itaú, Comind e Mercantil. Centenas de demissões - principalmente com funcionários antigos e de melhor remuneração (fala-se que já ultrapassou a cada dos dois mil demitidos) ocorreram no último mês. Motivo: fala-se que os banqueiros estão in-timidados pela possível inclusão, no projeto de atualização da CLT, de dispositivos que contemplem o pagamento de indenizações por tempo de serviço, além daquela já prevista no Fundo de Garantia

### NA OSRAM TAMBÉM

E a "onda" se estende à Osasco: lá, a "Osram Companhia de Lâmpadas" demitiu 18 funcionários, entre faxineiros, auxiliares de produção. No lugar deles, a Osram está contratando outros trabalhadores através de locadoras de mão-de-obra, como a "Meka" e "Vera Cruz" Direitinho como o diabo gosta: os patrões não têm nenhum compromisso de direltos trabalhistas e, além disso, pela legislação, os trabalhadores eventuais não podem associar-se ao sindicato dos metalúrgicos.

### SACO CHEIO

Os companheiros da Estrada de Ferro Leopoldina, em Campos, RJ., está com as caldeiras quase estourando, de tão cheios que estão com as perseguições e injustiças praticadas pelos engenheiros da companhia. Particularmente por um tal de Bazani, que cismou de botar a culpa nos maquinistas, auxiliares de maquinistas e auxiliares de trens pelos contínuos descarrilamentos das composições, ao invés de admitir que tudo é culpa do descaso com que é tratada a ferrovia pelo governo. Eles estão reclamando, também, dos baixos salários que recebem e do peleguismo do pessoal do sindicato. Se a coisa continuar assim, os "ferrinhos" prometem sair da linha, de uma vez.

### PREPARANDO A PARADA



Comissões de greves em várias seções, formação de grupos para encaminhar o fundo de greve e a forma-ção de uma comissão de base para acompanhar as negociações com os patrões, são essas que o pessoal da Light em São Paulo, anunciou na assembléia realizada na segunda-feira, 11. E o pessoal não aceitou as ponderações de um morador que lembra o fracasso da greve dos motoristas e dos jornalistas da capital. para mostrar a inconveniência do movimento. Neca, o negócio é continuar, decidiu a moçada, ainda mais que a diretoria da Light parece estar pedindo arreglo: já ofereceu uma antecipação de 20 por cento. Mas o pessoal, nem quer saber: o negócio é bater pé e pedir 30 por cento de aumento e um fixo de Cr\$ 2.000,00.

No dia 26 tem outra assembléia, a última antes da data marcada para a greve, prevista para o dia 28 de junho. E não se assustem: conforme adiantou um futuro grevista ao PIQUETÃO a cidade não fica sem luz: é a empresa que deixa de faturar (não serão medidas as contas, o serviço de atendimento não funcionará, etc.).

### MOTORIZADA

E no Rio, o pessoal do transporte coletivo não deixa por menos: prometem um repeteco da greve que paralisou a cidade por 36 horas e na qual conseguiram um aumento que beneficiou principalmente os motoristas. Acontece, que tudo não passava de promessas — e ninguém vive delas: os patrões acabaram não cumprindo, não deram aumento, os cobradores foram prejudicados, houve represálias e demissões. Equiparação com os funcionários da Companhia de Transportes Coletivos (do governo do Estado) ou greve é a palavra de ordem que os motoristas, cobradores e despachantes de ônibus levarão para a assembléia do sábado, dia 16.

### DIA 18 VEM Af

E com os motoras e os do troco aqui de São Paulo a situação não está menos conturbada: o pessoal não aguenta mais com tanta enrolação como a que vem sendo feita pelos patrões e pela prefeitura, que estão cozinhando a turma em "banho maria": já se esgotou quase todo o prazo para as negociações, estabelecido depos da geve que paralisou toda a rêde urbana, no mês passado. Se até o dia 18, segunda-feira não acontecer nada de mais positivo, a conduça desaparece, novamente.

### ENTREGANDO O OURO

A diretoria do Sindicato e o pessoal da Comissão de Salários dos trabalhadores das Minas de Ouro de Curral D'El Rey de Nova Lima. MG entregaram muitos quilates para os patrões: entraram na conversa de que tinham que amolecer, porque a empresa (ainda por cima, Sulafricana) teve muitos prejuizos durante as enchentes, no começo do ano E os mineiros, que queriam 70 por cento de aumento, acabaram ficando com 25 por cento de antecipação (descontável no próximo dissídio) para os que ganham até Cr\$ 4.700,00, 20 por cento para os que ganham até Cr\$ 15.000,00. e 15 por cento para os que panham acima

# Eis a resposta às mentiras do "Estadão"

U presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Sao Paulo, David de Moraes, encaminhou no último dia 12 à direção de "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde" uma carta-resposta às matérias e editoriais publicados por esses jornais sobre a greve dos jornalistas. A carta foi enviada nos termos da Lei n.º 5.250 de 1967 art. 29 e seguintes, para fundamentalmente restituir a verdade dos fatos, cinicamente deturpados pelos dois jornais.

Nesta página, está a integra da carta de David e uma nota sobre a Carta aberta dos jornalistas ao povo brasileiro", aprovada no dia 9 de junho, no Rio de Janeiro, por representantes de 12 Sindicatos de Jornalistas Profissionais de todo o país.

Na página seguinte, um debate com jornalistas que tiveram papel destacado na direção da greve e a avaliação do movimento feita pela diretoria do Sindi-

Na última sexta-feira, no Largo de São Bento, em São Paulo, funcionários públicos e jornalistas realizaram um ato público de solidariedade aos demitidos e punidos após as recentes greves realizadas pelas duas categorias.

- "1. Do dia 24 de maio o dia 4 de junho, os jornais "O Estado de São Paulo" e o "Jornal da Tarde" publicaram diversas matérias sobre a greve dos jornalistas profissionais do Estado de S. Paulo: nessas matérias, diversas afirmações factuais não correspondem à verdade.
- Não correspondem à verdade as afirmações de que a campanha salarial e a greve não tenham sido desejadas e decididas pela grande maioria da categoria profissional; do início da campanha até o presente momento, a direção sindical, bem como as diversas comissões que a auxiliaram nos diversos passos da campanha, sempre exprimiram a vontade da grande maioria dos jornalistas profissionais.
- Não correspondem à verdade as afirmações de que o quorum qua-lificado de dois terços, para decisão da deflagração de greve, tenha obe-decido a imposições da lei ou de corporações deste ou daquele jornal. O

quorum qualificado de dois terços foi, única e exclusivamente uma exigência da grande maioria da categoria, que, em duas assembléias consecutivas, separadas pelo espaço de uma semana livremente debateu e aprovou proposta nesse sentido apresentada pela direção sindical.

4. Não correspondem à verdade as afirmações de que a deflagração da greve tenha sido decidida por "aclamação". Estabelecido o quorum qualificado de dois terços pela grande maioria das assembléias .essa mesma grande maioria livremente debateu e aprovou os sistemas de aferição desse quorum. Na primeira assembléia, a maioria decidiu que essa aferição seria feita, em primeiro lugar, pelo sistema de votação individual de braço erguido; se, com isso, não fosse possível aferir a proporção exigida de dois terços, se adotaria o sistema de separação física da assembléia em dois sitios do local em que a assembléia se realizava: se ainda assim não fosse possível determinar com precisão a maioria de dois tercos, se passaria à votação por cédula, depositada em urna. Na segunda assembléia a maioria debateu e aprovou um sistema simplificado de aferição, eliminando o passo intermediário da separação física dos votantes em dois sitios: a votação da propos-ta de greve foi realizada pelo sistema individual de braço erguido e, logo no primeiro passo do sistema de aferição do quorum qualificado, verificou-se que a quase totalidade (muito mais do que dois terços, portanto) aprovava a greve, tornando-se assim, absolutamente desnecessária a utilização de qualquer outro sistema de aferição de quorum. O resultado dessa votação não foi contestado por absolutamente ninguém.

- Não correspondem à verdade as afirmações de que participaram das decisões de deflagração da greve elementos estranhos à categoria. Em todas as assembléias foi feito rigoroso controle de entrada de participantes.
- Não correspondem à verdade as afirmações de que tenha havido profanação do tempo da Consolação. A responsabilidade de sua utilização foi de nossa categoria. A iniciativa de procurar outros locais para as diversas assembléias partiu, única e exclusivamente, da direção sindical. E a Igreja de São Paulo, ao ceder aos jornalistas a Consolação, por sinal o templo das comunicações na Arquidiocese, seguiu uma das tradições eclesiásticas mais caras: a cessão da igreja para aqueles que têm dificuldade em encontrar um local para seus encontros.
- Não correspondem à verdade as afirmaçõese de que, nos jornais "O Estado de S. Paulo" "Jornal da Tarde", a média salarial é de trinta mil cruzeiros mensais, e de que os salários dos jornalistas variam de Cr\$ 13.850,00 a Cr\$ 125.000,00. Em pri-

metro lugar, a média é uma medida estatística absolutamente inadequa-da para analisar salários, melhor descritos por outras medidas estatisticas, como a mediana e a moda, Mesmo, contudo, se se aceitasse a média como uma medida ilustrativa, ela foi incorretamente aplicada no caso dos salários desses dois jornais. Conforme se verifica da Relação Mensal da Contribuição Sindical de Março de 1979, há 132 jornalistas na faixa de Cr\$ 8.000,00 a Cr\$ 12.999,00, dos quais cerca de uma centena com salários de Cr\$ 8.000.00. Incluidos todos os salários, a média desses jornais é de Cr\$ 24.626,51. e não Cr\$ 30.000,00. Mas, como a média salarial não significa absolutamente nada numa empresa em que há salários iguais ao mínimo legal de Cr\$ 8.000,00 maiores de Cr\$ 124.000,00, outras medidas estatísticas devem ser empregadas: o salário modal (salário ganho pela maior proporção dos jornalistas da empresa) é de Cr\$ 11.283,58: o salário mediano (salário abaixo do qual estão 50% dos jorna-listas da empresa) é de Cr\$ 20.900.00. O primeiro decil da escala de salários da empresa é de Cr\$ 9.750.00 (ou seja, dez por cento dos jornalistas da empresa ganham até esse salário); o segundo decil é de Cr\$ ... 11.500,00; o terceiro decil é de Cr\$ 13.600,00 e o quarto decil é de Cr\$ 17.300,00. Dos 467 jornalistas da empresa, apenas pouco mais de 30 ga-nham salários acima de cinquenta mil cruzeiros. Esses dados todos talvez expliquem aos proprietários desses dois jornais o fato, aparentemente para eles incompreensivel, de que mais de 60% dos jornalistas de Estado de S. Paulo" e a quase totali-dade dos jornalistas do "Jornal da Tarde" tenham aderido à greve.

Não correspondem à verdade as afirmações de que um caso isola-do de violência policial tenha sido generalizado e apresentado como se todo o movimento grevista estivesse sendo combatido violentamente. verdade é outra. Iniciada a campanha salarial dos jornalistas, os proprietários demonstraram desde logo sua intransigência fechando-se no mutismo: depois, passaram a acenar com supostas benesses, não reivindicadas: depois, contrapuseram ridiculas contrafacções às reivindicações solicitadas; mais tarde, quando começou a greve, solicitaram e se utilizaram das forças policiais, belicosamente armadas, para dissolver violentamente as concentrações de grevistas diante das portas dos prédios e prender jornalistas; não contentes, determinaram aos caminhões de entrega que saissem dos prédios a qualquer custo, sob o amparo da proteção armada da policia militar, mesmo que essa determinação viesse a significar o atropelamento de jornalistas; (e aqui é importante ressaltar que a atitude dos diretores desses dois jornais foi particularmente descabida, pois, contrariando a postura liberal que pretendem pa-

ra sua empresa, permitiram que uma tropa de choque da Policia Militar fizesse manobras no pátio interno do jornal, para, dali, avançar sobre os jornalistas que estavam à entrada do prédio); ainda não contentes, mantiveram sua intransigência inicial mesmo nos derradeiros minutos da audiência de conciliação e instrução do Tribunal Regional do Trabalho, não cedendo sequer aos apelos conciliatórios do presidente desse Tribunal, que se viu, assim, impedido de apresentar uma contraproposta capaz de levar a um acordo entre as partes; finalmente, através do advogado que os representava no TRT, pediram a decretação da ilegalidade da greve; e, para coroar esse rosário de prepotência, começaram, assim que acabou a greve, & punir arbitrária e ilegalmente centenas de jornalistas, fazendo absoluta questão de incluir, nessa dizimação vingativa, dirigentes sindicais e empregadas grávidas.

9. Não corresponde à verdade e, mais que isso, significa um desrespeito à inteligência de seus leitores irresponsável insinuação desses dois jornais de que ... desesperados, os integrantes de um pequeno grupo armado discutiram a temerária hipótese de reprimir os não grevistas baleando-lhes as pernas". Afir-mação tão leviana só pode ser atribuída a uma intenção deliberada desses jornais de lançar a confusão e semear o terror, aos moldes da odiosa campanha macartista ocorrida nos Estados Unidos na década de 50. Igualmente irresponsável e leviana, além de evidentemente inverossímil é a afirmação desses jornais de que duas revisoras de "O Estado" tiveram o carro interceptado em uma das pontes sobre o rio Tiete e "por pouco não cairam no rio".

10. Não correspondem à verdade as afirmações de que os proprietá-rios de jornais defendem, sobretudo, a liberdade de imprensa. Tanto o "O Estado de S. Paulo" e o "Jornal da Tarde", quanto os demais jornais, além de terem omitido e deturpado as informações durante a campanha salarial e a greve, mantêm agora o silêncio quase total não apenas sobre a sanha atrabiliária das centenas de punições que estão aplicando sobre seus empregados, mas igualmente sobre as manifestações de protestos contra essas punições e de solidariedade aos jornalistas punidos.

11. Finalmente, todas as demais afirmações contidas na série de matérias aludida no início, ou não se referem a fatos, ou se referem a fatos inexistentes, ou deturpam fatos. e, todas elas apenas exprimem, única e exclusivamente, a peculiar maneira de pensar dos proprietários desses dois jornais."

a) DAVID DE MORAES Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estade de S. Paulo.

### Luta Operária na Zona Leste de São Paulo (12)

# Bombas na Conferência de Paz do

Toda uma semana fora tomada na preparação do ato, com repetidas visitas às casas dos companheiros, distribuição de convites 2 população, colocação de cartazes e faixas nos pontos estratégicos do bairro, pequenas palestras em portas de fabrica. Para executar essa tarefa foram chamados desde os dirigentes até os membros menos ativos, dado que era uma questão de honra revelar à opinião pública a capacidade de mobilização do Partido também em favor da paz mundial. Na época, a campanha em defesa da paz ultrapassava fronteiras, chegava a todos os lugares onde existia um conglomerado de pessoas, e todos eram concitados a assinar listas e abaixoassinados, remetidos depois a um comitè mundial instalado em Paris.

O comitê feminino do PC no Tatuapé, recém-constituido, foi encarregado de preparar o ato, procurando um local apropriado para sua realização e incumbindo-se ainda de adorná-lo com os motivos inerentes aos seus objetivos, assim como ficara responsável pela convocação das mulheres dos companheiros. Estas deveriam comparecer em massa, acompanhadas de suas crianças e sobraçando buquês de flores. Combinou-se o clamor pela paz mundial com o Dia das Mães, porque ambos tinham sentidos semelhantes. e isto sensibilizou o prefeito paulistano que, tocado pelo alcance da realizacão, cedeu de bom grado o salão de leitura da biblioteca municipal do Tatuapé. As mulheres enfeitaram o recinto com rosas e ramos ce alecrim, e até apareceu um quadro de Portinari no qual via-se uma mulher de olhar manso e uma romba pousada em seus ombros. Sobre a mesa reservada ao conferencista. elas estenderam uma alvissima toalha. com pombinhas nas bordes caprichadamente bordadas. E num grande quadro negro, no alto da parede, escreveram com giz bianco: "Mães, a luta pela paz é principalmente nossa, porque são nossos filhos que morrem nas guerras."

Na noite da véspera do ato numa sexta-feira, Otilia na qualidide de secretária política do Comitê Feminino, convidou Gentil para una visita ao local da conferência. Queria mostrar-lhe como as companheiras tinham transformado a fria ala da biblioteca, com suas cadeiras e mesas rústicas, num ambiente acolhedor e cheio de calor humanc Otilia estava orgulhosa do bom-osto de suas companheiras designads para

A conferência de Paz do PC estava marcada para o dia das mães. O partido põe todos os seus quadros para trabalhar duro cunhos e ia começar a falar quando na preparação do ato. Era importante dar uma mostra de sua explodiu a primeira bomba. capacidade de mobilização. O dirigente, Gino, tem mais uma de suas brilhantes idéias. Convoca camaradas para explodirem bombas e causar agitação.

Por ANTONIO CARLOS FELIX NUNES

aquele trabalho. Apontou ao Gentil todos aqueles adornos e, segurandose no braço esquerdo, do companheiro, falou numa voz carinhosa:

Veja, não é lindo esse quadro da paz! Foi a camarada Mirma quem o conseguiu. Tomou-o emprestado de um velho amigo, seu ex-professor de ginásio, um sujeito rico que vive ho-je entre a alta sociedade. E a mesa. com essa toalha toda bordada, não está parecendo um altar de igreja? Só não colocamos o Cristo ai na parede, acima dela porque sua imagem mitológica é mostrada sempre sangrando, e o sangue destoa do espírito da paz. E as flores e esses ramos verdes, não estão bem arrumados? Experimente só o seu perfu-

me! Elas inspiram amor. Ao pronunciar a palavra amor. Otilia suspirou fundo, apertando-se ao corpo de Gentil. Em seguida completou: "Paz, amor, caricias... Ah. como é bom tudo isso!"

Dali ambos se retiraram para a última providência da noite relacionada com à solenidade: lembrar o cientista Mario Schemberg de que sua participação no ato estava de pé. Ele deveria proferir uma conferencia sobre o perigo nuclear, com início marcado para às 20 horas, e aguardava a confirmação do convite. Gentil e Otilia poderiam comunicar-se com o cientista pelo telefone e assim cumpririam a tarefa em poucos minutos. Entretanto, preferiram faze-lo pessoalmente. Era oportuni dade para um passeio naquela noite morna de maio, unindo-se o útil ao agradável.

Nesse mesmo momento, Gino per corria as residências dos camaradas das células. Igualmente empenhado na realização do ato, decidira agir por conta própria, visando a reforçar a convocação e, ao mesmo tem po, levar outras idéias aos compa nheiros com vistas a dar uma maior amplitude ao acontecimento Nestas últimas horas, fez funcionar sua imaginação fertil, e chegou a algumas conclusões. A comemoração do Dia das Mães e o protesto em prol da paz mundial não podiam ser uma manifestação suave. Havia de ser

ruidosa para despertar a atenção das Nada de cerimônia muito pessoas. solene, tipo pregação clerical, limitada às modernas e didáticas palavras do respeitável físico nuclear. Nenhuma ação política (e esta era uma grande ação política, na qual empe-nhavam-se todos os PCs a nível universal) alcanca a repercussão desejável quando empreendida em termos

pacíficos, sem grande agitação.

Sim - pensava Gino - há de se fazer estardalhaço para que os objetivos dessa manifestação sejam en-tendidos como obra do Partido. A massa aprecia barulho, gosta de ver o Partido desafiando a reação com empreendimentos espetaculares. Não será uma conferencia em recinto fechado, ouvida em silêncio por pacatas mulheres e crianças, que engajará a massa na luta pela paz mundial. Vendo isso ela até pode pensar que seja coisa de padre, do próprio governo ou de político conservador. É preciso animar o ato, dar-lhe uma conotação festiva, pelo menos.

D casa em casa Gino usou esse argumento, e conseguiu formar um grupo de militantes para por em prática o seu plano. Mais uma vez, sentia-se vitorioso, lograra convencer alguns militantes do acerto de mais esta sua fantástica ideia. Nesse mesmo instante, Gentil e Otilia regressavam da casa do cientista, alegres, de braços dados, conversando sobre coisas fúteis. Estavam a pouco menos de 24 horas do ato de sábado, e não havia mais nada a fazer em função

O salão ficou logo repleto. Vieram mulheres e crianças, como estava previsto. Os buquês de flores foram colocados na mesa, para serem, ao fim do ato, entregues pelas crianças às suas mães, num gesto simbólico da convivência das famílias num mundo de paz. Otilia, alegre com o sucesso do comparecimento. aguardar o grande cientista no portão de entrada, juntamente com outras companheiras. O cientista não demorou. Foi anunciado e recebeu palmas, em seguida houve um completo silêncio no plenário para ouví-lo. Antes disso, Otilia fez uma rápid apresentação do conferencista.

O cientista ajeitou-se na cadelra, consultou um caderno de rasblantes assustados voltaram-se para a porta de saida. O conferencista ergueu a cabeça, sem perder a sua peculiar calma, e aguardou que o plenário se recompusesse. Retornou & construção de sua primeira frase e novamente foi interrompido por outra explosão. Mais três vezes tentou iniciar o seu discurso e não pôde faze-lo: as explosões ocorriam alternadas e sempre em cima da sua fala. Com certeza, estava-se diante de uma provocação de grupos de direita ou

da própria polícia.

A platéia ficou apreensiva, com algumas pessoas ameaçando se retira-rem, e o conferencista já dava sinais de impaciência. E não era para menos, pois de minuto a minuto, ouvia-se um estampido. As detonações pareciam feitas atrás do prédio, porque não se divisava nada de anormal diante da porta de entrada. Decidiu-se então averiguar, e Gentil foi destacado para percorrer os arredores da biblioteca. Era um pátio enorme, escurecido por arvores frondosas. e ali podiam estar escondidos os provocadores. Por precaução, Gentil caminhou pela calçada da rua, com a intenção de circundar o pátio antes de adentrá-lo. Não avistou polícia. e o local estava até meio deserto, com poucas pessoas circulando pela calçada fronteiriça. Andou mais alguns metros e. lá de outro lado. num canto de calçada, viu uma pessoa em atitude suspeita, com um pacote junto aos seus pés, e preparando-se para acender um morteiro. Para sua surpresa, o "provocador" não era nada mais nada menos do que um antigo militante, o gari Joaquim. E gritou-

- Hei, camarada, como é que pode! Você viera soltar bombas no ato da paz! Pare com isso senão o cientista não pode falar". Ao que o outro respondeu:

- É ordem do camarada Gino. Ele mandou que, de 60 a 60 segundos eu soltasse um foguete, para alegrar a festa. E eu estou obedecendo. Só paro quando ele mandar.

Como Gino não surgisse para revogar sua ordem Joaquim prosseguiu explodindo suas bombas, e o cientista só iniciou sua conferência dai uns vinte minutos, quando o estoque dos explosivos se esgotou.

Na próxima semana: O dirigente Gino suspende os direitos políticos de um militante.

# A DIRETORIA "Objetivos corretos e uma greve justa"

1º) Nós partimos do principio de que não houve erro na fixação dos objetivos do movimento. Ou seja, consideramos que o pedido de 25% de aumento e imunidade para os represen-tantes de redação no CCRR é justo para o momento. Como já dissemos acima, a categoria perdeu poder aqui-sitivo nos últimos 15 anos e atualmente ganha mal. E mais: mesmo o pedido de aumento sendo justo, e ainda pequeno em relação ao que perdemos, não fomos intransigentes com relação ao índice, tanto que três dias após o início da greve baixamos a reivindicação econômica em função da intransigência patronal que estávamos encotrando. É bom lembrar que sempre foi derrotada em nossas assembléias a proposta "25% ou greve", que demonstraria uma intransigência por parte dos jornalistas impossível de se sustentar em termos da correlação de forças. (.

2º) Partimos do princípio, também, de que não houve um erro na utilização de um instrumento de pressão mais forte, como é a greve. Os patrões são intransigentes e hoje, mais do que nunca, mostram a sua verdadeira face de inimigos ferrenhos da categoria. Não vamos recuperar o que perdemos nos últimos 15 anos apenas com argumentações justas e firmes. Sem pressão, não pode haver melhoras econômicas substanciais para a categoria. (...)

O descompasso de mobilização entre nós e os gráficos, radialistas e demais categorias que trabalham em empresas de comunicação não nos impede a utilização do instrumento da greve, apenas muda o caráter da greve. Uma greve de jornalistas atualmente não pára imediatamente, nem necessariamente, a produção e distribuição de jornais e revistas e a emissão de noticiários pela rádio e peia tevê. Uma greve de jornalistas, isto sim, produz em pouco tempo uma diminuição sensível do nível quantitativo e qualificativo da informação e queda da qualidade de sua apresentação. Além disso, causa transtornos na programação industrial das empresas. Esses são os nossos trunfos. Não são pequenos. Não há quem possa afirmar que uma greve de desgaste, como deve ser a de jornalistas, não obrigue os patrões a negociar. Não é uma greve de curtissima duração, é claro, mas é eficaz se levada sem vacilações.

No entanto, apesar de o Comando Geral de Mobilização ter feito essa análise des e o inicio e ter definido que não amos impedir a distribuição dos jornais, ele não deixou essa posição suficientemente clara para toda a categoria, seja nos documentos por ele emitidos, seja em seus pronunciamentos has assembléias. Assim, a categoria não estava suficientemente convencida do caráter da greve. Era uma greve de desgaste ou uma greve para parar totalmente a produção e distribuição, de jornais e revistas e cortar a emissão dos noticiários de rádio e tevê? Essa indefinicão se refletiu no próprio Comando Geral de Greve, que teve orientações contraditórias sobre o piquete de saída. Os piquetes nos dois primeiros dias de greve desenvolveram um heróico mas infrutifero esforço para impedir a saída dos caminhões de distribuição. Havia a definição de que os piquetes deveriam apenas controlar a entrada de jornalistas fura-greve, mas havia também a tradição da greve de 1961— quando, numa conjuntura política muito mais favorável, foi possível barrar a saída dos caminhões de distribuição. A falta de orientação mais clara e de comunicação Comando-piquete-categoria criou a confu-

Criou-se a expectativa de que conseguiríamos parar a distribuição dos jornais e o sucesso da greve passou a ser medido pelo horário em que os caminhões fatalmente saiam pelo número de páginas de classificados que eram impressas, e não por aquilo que realmente demons-trava o sucesso da nossa paralisação: a baixa qualidade da informação produzida pelas redações biônicas Essa desorientação foi, sem dúvida alguma, explorada por alguns participantes da greve que eram contra a greve. Nunca se viu um desmereci-mento tão grande da importância profissional do jornalista! Os patrões e seus acólitos diziam que os jornais eram bons mesmo que estivessem cheios de erros de revisão, sem fotos, títulos errados, sem informação importante; os comentaristas de es-portes das rádios eram bons mesmo que confundissem o lateral com o centro-avante e assim por diante. Chegou-se a dizer que a greve estava apenas servindo para mostrar que os jornais poderiam ser feitos com menos gente; como se os patrões fossem ingênuos a pouto de virem empregando gente demais apenas por goria dos jornalistas (...)

3.9) Os objetivos da campanha foram discutidos previamente redações, em debates encaminhados pelos representantes de redação, e nas assembléias realizadas ainda no auditório Vladimir Herzog, na sede do Sindicato. No entanto, quando a campanha atingiu a quase totalidade dos jornalistas, não houve suficiente esclarecimento a essa camada mais ampla da categoria — que então iniciava sua participação na campanha da justeza de nossas reivindicações, o que permitiu que lo-go após a deflagração da greve, os patrões lançassem o falso argumento de que os 25% eram absurdos, pois a categoria seria rica ou estaria gandando muito ham. nhando muito bem. E, a partir do terceiro dia da greve, mesmo uns poucos companheiros nossos, que já haviam sido atingidos pela contrapropaganda patronal, passaram a lançar na categoria dúvidas sobre a justeza de nossa reivindicação econômica. E. aos pouços, grande parte da ampla maioria que ganha mal foi se sentindo isolada. Aos poucos foi sendo criada uma situação absurda, em que um jornalista que ganha o piso salarial (e são muitos), se sen-tia, numa assembléia, o único mise-rável ao lado de 1.500 companheiros

4°) Mesmo com esses erros iniciais, na sexta-feira teria sido possível reorientar a greve e fortalecer o animo do movimento. O Comando,

# Debate

A greve dos jornalistas de São Paulo

Dia 20, quarta-feira, será a assembléia-geral de avaliação da greve dos jornalistas de São Paulo, convocada pelo Sindicato. EM TEMPO, logo na semana do fim da greve, publicou uma análise do movimento, visando estimular os debates. Com o mesmo objetivo, aqui estão três depoimentos de companheiros jornalistas que tiveram uma participação destacada na greve e os principais trechos do balanço da Diretoria do Sindicato, divulgado na última sessão da Assembléia Geral Permanente da categoria, realizada no último dia 6. Os depoimentos são de: José Américo (eleito em assembléia para compor o Comando Geral da Greve; iornalista da Agência Folhas, agora demitido): Ricardo Moraes (entrou para o comando por indicação da Coordenadoria do CCRR, da qual faz parte deixou o CGC no final da greve para

defender o seu término imediato —, é da redação da Gazeta Mercantil); **Perseu Abramo** (indicado para compor o CGG pela Coordenadoria do CCRR, da qual faz parte; é editor de Educação da Folha de São Paulo, tendo sido afastado da função pela empresa).

por Carlos Tibúrcio

acertadamente, procurou fortalecer os piquetes de entrada de jornalistas e ampliou consideravelmente a divulgação do movimento junto à opinião pública. Foram feitos faixas, cartazes, propaganda em ruas, bares e campos de futebol. E nesse momento notamos um de nossos erros: não estávamos suficientemente preparados para a tarefa de divulgação desde o inicio do movimento. O Comando procurou ainda aumentar a comunicação entre os piquetes, com soluções inventivas como a Rádio Piquete.

Essa reorientação do Comando, mais o fato objetivo de que as redações permaneciam vazias como no início da greve e que os jornais saiam com péssima qualidade poderiam garantir uma vitória para o movimento, ainda que parcial. Mas os erros iniciais do movimento foram bem aproveitados pelos patrões. As propostas de "trégua" surgidas na assembléia de sexta-feira acabaram dando aos patrões o sinal de que havia vacilação no movimento.

A partir de sexta-feira, os pa-

trões, que vinham negociando de alguma forma e que tinham oferecido uma contraproposta, não deram mais qualquer sinal para a comissão de negociações. Os patrões jogaram, acertadamente, com o crescimento do desânimo e da vacilação dentro do movimento e esperaram — mesmo que à custa de prejuízos editoriais, econômicos e operacionais.

5º) Parte da diretoria considera que os erros maiores foram cometidos

5°) Parte da diretoria considera que os erros maiores foram cometidos na parte inicial da campanha salarial, em sua fase anterior à deflagração da greve. Esses diretores opinam que, influenciadas pelas criticas à campanha do final do ano de 79, que foi considerada pela categoria excessivamente arrastada longa. e desgastante, as assembleias e a própria diretoria imprimiram este ano um ritmo demasiado rápido à campanha, queimando etapas. Um desenvolvimento mais lento e cuidadoso proporcionaria uma avaliação mais correta da capacidade da categoria de levar uma greve geral, e não apenas de sua vontade de ir à greve, claramente manifestada nas assembléias e nas consultas às redações. Foi apontado, ainda, o erro de terse iniciado o contato com outros sindicatos e com as sucursais das empresas jornalisticas paulistas apenas no meio da campanha, não havendo uma comunicação rápida e eficaz,

em muitos casos.

Parte da diretoria considerou excessivamente desmobilizadora a proposta final do Comando na assembléia que decidiu o retorno ao trabalho. As alternativas de luta ficaram muito diluídas: não se apresentou nenhuma perspectiva concreta de manutenção da mobilização.

Essas são as principais conclu-

sões que chegamos até agora. O debate amplo que se espera pode dissipar a dúvidas e aumentar as certezas não so da diretoria, mas de toda a categoria.

Contando com o apoio da histórica combatividade da categoria e conscientes da justeza de nossas reivindicações, vamos desenvolver um amplo e profundo trabalho de avalição de nosso movimento, enquanto nos mobilizamos para realizar nossas duas tarefas políticas imediatas:

sas duas tarefas políticas imediatas:

• um grande movimento de apoio aos demitidos e punidos

• a defesa de nossas reivindicações em resposta aos patrões.

# ZÉ AMÉRICO "A confiança na direção foi perdida"

Zé Américo, você que participou do Comando Geral de Greve, como qualifica o resultado a que chegou o movimento?

Embora a categoria tenha sofrido um golpe bastante duro, pelo fato de ela ter lutado durante seis dias numa greve que mobilizou pratica-mente a sua totalidade, pelo menos em São Paulo, e não ter conseguido nada, sofrendo demissões agora que chegam a 200, é evidente que ela sofreu um golpe duro, mas que não chega a ser uma derrota. Derrota é quando a categoria chega a um ponto que fica sem perspectivas. Não é o caso. As possibilidades de reanimação existem. E atribuo isso ao seguinte: a categoria não votou o final da greve porque ela não acreditasse mais nas suas forças; ela o fez porque a diretoria do Sindicato que tinha posição hegemônica dentro do Comando Geral de Greve, não cumpriu com as expectativas. E ai a categoria se abateu e não se dispôs a continuar a luta porque o referencial de unidade que ela tinha, que era o Comando, traiu a sua confiança. O que ouvi muito naquela assembléia final foi o seguinte: "Co-mo vamos continuar a greve, se o Comando está contra?" E mesmo dos companheiros que não formalizavam esta pergunta o que se ouvia eram críticas de todos os lados contra o Comando. A lição que se deve tirar é que a categoria não perdeu a confiança em suas forças, mas ele não confia mais no seu referencial anterior de unidade, que era e vinha sendo, até o final da greve, a diretoria do Sindicato e, por extensão, o

Quais os principais erros cometi-

A responsabilidade principal pela condução do movimento cabe à sua direção. Discordo dos companheiros, alguns que foram do Comando, que tentavam, nas assembléias, di-vidir responsabilidades com o conjunto da categoria. Isto é uma posição oportunista: foram companheiros eleitos para dirigir, que falharam, e depois querem dividir sua responsabilidade com aqueles que os elegeram. Muitos dos companheiros do antigo Comando Geral de Mobilização, que depois foi transformado em Comando de Greve, eram, na prática, por suas ações e não pelas intenções que declaravam, contra a greve. A proposta do quorum quali-ficado de 2/3 é uma prova disso. Esse quorum não significava a possibilidade de se obter uma unidade maior, mas sim dar o poder de veto à minoria, visando evitar que a greve fosse deflagrada. Quando isso se tornou impossivel, eles se acoplaram ao movimento, se adaptaram aos desejos da massa, mas sempre contra a greve. Eu, que fui eleito na assembléia para compor o Comando, participei o tempo todo de discussões tre os que propunham o fim imediato da greve e os que defendiam sua continuidade. Essa discussão ocupava o tempo que o Comando deveria dedicar à organização da greve, se estivesse convicto de que ele deveria prosseguir. Isso, desde os primeiros momentos da deflagração do movimento. A grande preocupação dos companheiros não era como fazer para que o movimento fosse vitorioso, mas sim a discussão sobre se ele deveria parar imediatamente ou, no mais tardar, no dia seguinte. E ai ficavam levantando argumentos desmobilizadores de que os radialistas queriam voltar ao trabalho, que a redação tai ou qual estava com a mesma perspectiva, etc. Tentando, portanto, amarrar a greve com saliva, sem dar espaço para nenhuma proposta organizativa.

Essa situação impediu que se criasse formas organizatórias que permitissem às bases participar da estratégia da greve, da perspectiva de luta dos piquetes e outros problemas. Na reunião preparatória da penúltima assembléia, por exemplo, eu fiz uma proposta no Comando de organização de reuniões por redação, organizando assim uma tendência que já existia espontaneamente. O Comando nem se quer discutiu. Mas companheiros do Comando chegaram na assembléia para combater a proposta, quando ela foi apresentada ao plenário.

Nesse contexto é que na assembléia na Igreja de São Domingos, talvez com exceção da minha intervenção, os companheiros do Comando só falavam para pedir o fim imediato da greve ou insinuar que este fim deveria ocorrer no dia seguinte. Nenhum patrão é bobo. Ele não vai negociar na DRT, diante de tal demonstração de fragilidade da categoria, dada pelo próprio Comando.

O Comando tratou a greve como quem tem uma batata quente nas mãos e só está à procura de uma saída honrosa.

E as perspectivas?
Agora não existe sa

Agora, não existe saída. A politica conduzida pela diretoria e Comando tem que ser mudada. Ela não merece mais a confiança da categoria. Logo, está aberto o espaço para a criação de um movimento de oposição. O núcleo preliminar dela já se reuniu no sábado passado e está com uma proposta de realização de uma reunião para daqui a três semanas. E digo mais: o melhor remédio para essa diretoria, depois dessa experiência desastrosa de condução da categoria, é a renúncia, para permitir uma reacomodação de forças na categoria, possibilitando a realização de um direito histórico de todos os trabalhadores, que é o de escolher, em cada momento, a direção política que mais lhes aprouver. Os jornalistas de São Paulo, principalmente sua parcela mais combativa, não vêem mais essa diretoria, encabe-cada por David de Moraes, como a sua direção política. Não sei ainda como tecnicamente isso pode ser telto, mas acho que essa questão deve ser levantada de imediato.

# PERSEU ABRAMO "A greve que saiu é a que poderia ter saído"

A greve dos jornalistas de São Paulo está sendo, neste momento, objeto de uma ampla avaliação critica. No sentido de contribuir para essa avaliação, quero indicar, neste depoimento, alguns aspectos que devem merecer acurado exame de todos

A greve eclodiu como um instrumento de pressão de uma campanha salarial que, tendo se iniciado no mês de abril, pretendia encerrar sua primeira etapa no meio do ano e prosseguir até a época do dissidio coletivo, o que se dá em dezembro. Assim, a análise crítica dessa. campanha pode sugerir alguns dos fatores que determinaram o resultado final da greve: não obtenção das reivindicações e punições em massa.

A campanha salarial iniciou-se

por meio de reuniões e determinações destinadas a estimular os Representantes de Redação a consultarem seus colegas, em cada jornal, sobre as diretrizes gerais de uma estratégia global da campanha durante o ano de 1979. Os pontos essenciais dessa consulta giravam em torno das seguintes questões: deveriam ser apresentadas aos patrões reivindicações já no meio do ano, ou apenas no fim do ano? As negociações deveriam ser feitas empresa por empresa, ou entre o Sindicato dos empregados e os dois Sindicatos dos Empregadores (de jornais e revistas, e de rádio e televisão)? Dever-se-ia pleitear uma ampliação salarial, já prometida pelos patrões, ou se deveria reivindicar aumento real de salários, bem como imunidade para os Representantes de

As consultas foram feitas e o seu resultado foi levado à direção sin dical. Todavia, os acontecimentos posteriores indicam que, provavelmente, houve falhas nessas consultas e nas discussões que a categoria, em suas Redações, deveria ter feito em torno do assunto. Algumas razões dessas falhas podem ser aqui augeridas, sem embargo de outras que as análises de outros jornalistas poderão apontar: a estrutura ainta precária do Conselho Consultivo de Representantes de Redação; a ausência de real representatividade

de muitos dos Representantes; a maneira incompleta e desordenada da avaliação dos resultados das consul-

Posteriormente, em sucessivas assembléias, a direção sindical, já agora organizada em Comando Geral de Mobilização, propôs à categoria a decretação da greve. Novamente, aí, os fatos posteriores vieram a indicar que, em algum momento desse processo, houve um desencontro entre a avaliação e a decisão. Ambos os passos do processo se atropelaram, de forma a que, não raro, a decisão precedeu a avaliação. Isso levou tanto a categoria quanto a sua direção a começarem a entrar na boca de um funil que teria de conduzir inevitavelmente à deflagração da greve.

Quero precisar melhor essa questão: não resta dúvida de que a direção sindical avaliou corretamente a vontade da categoria de ir à greve. As significativas maiorias obtidas nas assembléias para as propostas de greve — maiorias tornadas ainda mais rigorosas que o normal pela exigência do quorum qualificado de dois terços — mostram que a direção sindical exprimiu corretamente a vontade manifestada de deflagar a greve. Todavia, uma greve não depende apenas da vontade de se deflagrá-la, mas também da capacidade de ser ela conduzida a bom termo. E essa capacidade é que não foi adequadamente avaliada.

duadamente avaliada.

Essa discussão, leva à outra, sobre a qual tem incidido a maior parte das críticas dirigidas ao Comando
Geral de Greve e à Diretoria do Sindicato: a discussão sobre a "organi

zação" da greve.

Qualquer greve, pela própria natureza do que ela significa, só pode ser organizada necessariamente em duas etapas: uma, anterior à sua deflagração; outra, que se inicia no próprio momento da deflagração e continua durante o seu decurso. Sem querer eximir os membros do Comando Geral de Greve ou da Diretoria do Sindicato da responsabilidade assumida na condução do processo, é forçoso reconhecer que muitos dos "erros" apresentados de forma su-



per-dimensionada durante os dias de greve, mostram-se agora, com a perspectiva do tempo, de somenos importância. Falhas e defeitos de organização e comunicação entre o Comando e os encarregados intermediários, embora tenham existido, não foram os fatores determinantes do resultado final. Duas dessas falhas, apenas, tiveram, a meu ver, um papel preponderante (embora não decisivo) nesse resultado.

A primeira está vinculada ao objetivo tático da greve e à incapacidade demonstrada em torná-lo conhecido, compreendido e aceito por toda a categoria. A primeira greve da categoria, depois de tantos anos de silêncio, só poderia ter sido co-mo realmente o foi, uma greve pací-fica, "cavalheiresca" e "britânica", de persuasão ou "cortesia", que dificilmente poderia efetivamente impedir os jornais de serem produzidos ou colocados nas bancas. A greve, necessariamente, só poderia ser o que foi: uma greve essencialmente caracterizada pelo fato de que a grande maioria da categoria não produziu o produto. Esse carater da greve, contudo, que estava claro na mente de quase todos os dirigentes do Sindicato e do Comando, não foi, por eles, adequadamente transmitido para a categoria, nem nas discussões prévias nas Redações, nem nas Assembléias de greve. Uma greve capaz de impedir inteiramente a produção do produto, ou, no caso de isso não ser conseguido, de impedir efetivamente a veiculação do produto, jamais poderia ter sido feita nas condições objetivas e subjetivas em

que se encontra a categoria dos jornalistas no primeiro semestre de ... 1979. Portanto, a greve que saiu é a greve que poderia ter saido. Se houve erro, este erro consistiu em decidir a greve, e não em fazê-la como foi feita.

A segunda falha consistiu no atropelamento entre duas formas organizativas de sustentação da greve: dos Representantes de Redação, pré-existente, e a dos piquetes, montados no momento da eclosão da gre: ve. Estes últimos foram constituídos com jornalistas procedentes de diversas Redações, e, portanto, não guardavam nenhuma vinculação orgânica nem com cada uma das Redações, nem com as estruturas préexistentes da organização sindical; pelas mesmas razões, também não poderiam constituir - como queriam alguns companheiros para uma nova e improvisada estrutura sindical. Assim, estabeleceu-se um hiato entre a base e a direção, que poderia transformar a greve num movimento incontrolavel pela direção sindical, se ela perdurasse por mais tempo.

Finalmente, como um resumo leste primeiro depoimento: os erros undamentais ocorreram não pro-riamente na greve, mas em momenos anteriores a ela, e consistiram rincipalmente em erros de avaliação no estabelecimento da estratégia (lobal da campanha salarial. A anáise crítica e autocrítica desses eros, portanto, é fundamental para a etomada da campanha salarial dese ano e dos anos futuros.

# RICARDO MORAES "Correta foi a proposta de trégua"

Ricardo Moraes, você saiu do Comando para defender o fim da greve. Como você avalia os resultados do movimento? constatar que havia uma dificuldade grande em se deixar de lado os pressupostos iniciais e por exemplo, tentar a realização de discussões de Sin-

Houve derrota. A categoria aprendeu e vai aprender mais ainda. A derrota não está na ocorrência de demissões. Mesmo vitoriosa, é de se supor que os patrões demitissem. O problema é que não obtivemos nossas vindicações. E maís: os patrões avançaram sobre um espaço político antes ocupado pelos jornalistas, espaço esse que fora conquistado duramente ao longo dos últimos anos. O Sindicato e a diretoria sairam da greve muito desgastados.

Em suma: a derrota está no fato de não termos obtido nossas reivindicações; no desgaste do sindicato e no avanço patronal; na perda de espaço na imprensa para a cobertura dos movimentos sociais pela democracia; nas demissões, que seriam em número inferior em caso de vitória nossa; e até no teor dos editoriais do "Estadão" e "Jornal da Tarde" que, por exemplo, além da campanha contra os jornalistas, levanta uma discussão que já tinha sido ultrapassada desde a greve dos metalúrgicos do ano passado: a da legalidade e da legitimidade do movimento grevista O nosso patronato, na nossa área, que é fundamentalmente reacionário (não é nem a direita civilizada que existe num ou noutro setor industrial), bem representado pelo "Estadão", aproveitou para recolocar o problema, que já vinha sendo superado pela luta dos trabalhadores.

Outra coisa é a análise da própria conjuntura política, necessária para que se entenda o contexto em que a greve foi deflagrada. A greve de 1961 ocorreu em condiõe bem diversas das ocorreu em condições bem diversas das de hoje. A questão dos piquetes não foi suficientemente aprofundada.

Que equivocos você identifica no processo?
 Em primeiro lugar, houve problemas na compreensão da situação de conjunto, da conjuntura; depois.

houve uma subestimação da força do

nosso patronato. Fiz parte do Coman-

do - apesar de que me retirei em

determinado momento — e pude

constatar que havia uma dificuldade grande em se deixar de lado os pressupostos iniciais e por exemplo, tentar a realização de discussões de Sindicato para empresa. O David, em dado momento, chegou a colocar essa possibilidade. A Folha chegou a abrir essa alternativa, chamando o Sindicato para conversar. Mas o Comando não quis ferir aquele preceito e não compreendeu que propor isso, naquele momento, seria avançar para sair do impasse. O Comando não pensou que os patrões pudessem endurecer ainda mais talvez supondo que nossa vontade de luta seria suficiente para fazê-los recuar.

E a trégua que você defendeu?

A proposta era a de que fosse recusada, naquele momento, qualquer contraproposta patronal, pois aquela — de 2% — era ridicula e não incluía o pessoal de rádio e televisão. O objetivo patronal com aquilo era tentar nos dividir. O que nos caberia fazer era suspender a greve até a próxima terça-feira, com a perspectiva de nova greve. Talvez o termo trégua não tenha sido o mais adequado; talvez "um prazo", diante do início de recuo dos patrões.

Agora, dizer que quem faz essa proposta contribuiu para a derrota do movimento — como diz o artigo que o EM TEMPO publicou - é subestimar o conhecimento que os patrões têm do nosso movimento de como está o ânimo das redações, de quem está furando greve etc. Nós saimos daquela assembléia, depois que a proposta de trégua foi derrotada, e fomos organizar os piquetes nas rádios, onde o problema era maior. Uma critica que faço ao Comando é que sua maioria ficava esperando ver a opinião da assembléia para tomar posição. Ora, isso não é comportamento de quem quer dirigir o movimento.

E agora?

Agora, é trabalhar na linha da recuperação da categoria, do fortalecimento da unidade sindical, dando todo o apoio aos companheiros demitidos e punidos. A categoria tem muito a aprender e vai se recompor para novas lutas e vitórias significativas.

# Autênticos: fim do namoro com os pelegos

No Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, realizado na semana passada em Poços de Caldas, mais uma vez a massa ficou de fora. Para este décimo encontro, como normalmente ocorre, não houve nenhuma preparação nas bases. Os delegados não foram tirados em assembléias, sendo indicados a dedo pelas diretorias sindicais, combativas ou pelegas. Mesmo com as limitações, dessa prática cupulista, algumas resoluções importantes foram aprovadas, como a que recusa o projeto de atualização da CLT, proposto pelo governo, defende a formação de comissões de fábricas, as eleições diretas para todas as entidades sindicais, a Anistia Ampla, Geral e Irrestrita.

E marca, talvez, o fim do namoro dos "autênticos" com a pelegada, como evidencia os conflitos em plenário, e o repúdio aos métodos e manobras dos dirigentes sindicais comprometidos com o governo.

Os sincalistas chamados autênticos conseguiram dar • tom do Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, realizado em Poços de Caldas (MG) de 4 a 9 de junho, apesar do encontro ter sido organizado pelos mais notórios pelegos do país, como Joaquim Andrade, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Argeu Santos, da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, e Jorge Noman Neto. da Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

### APOIO AO POVO DE NICARÁGUA

No Congresso, que reuniu 500 delegados, representando 5 federações e 96 sindicatos de metalúrgicos do país, foram aprovadas resoluções arrancadas "no grito" durante as reuniões de comissões e plenárias, como o apoio à luta pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita, a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, o repúdio ao anteprojeto da CLT, a solidariedade a todos os movimentos grevistas que ocorrem no país, a defesa da autonomia sindical, o apoio às comissões de fábrica e até mesmo a solidariedade ao povo da Nicarágua, em armas contra a ditadura do general Anastácio Somoza.

Contudo, na direção do Departamento Nacional dos Metalúrgicos da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), os "pelegos" continuarão mandando, com a eleição de Jorge Noman, para secretáriogeral e de Nelson Gadusi, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, para secretário-adjunto. Esta eleição mar cou o fim da tolerância entre o grupo dos sindicalistas "autênticos" somados aos representantes de base, com os notórios pelegos. A decisão de se lançar uma chapa de oposição à direção do Departamento dos Metalúrgicos. mesmo sem acreditar na possibilidade de vitória, foi como lançar lenha na fogueira. Os candidatos da ovosição. João Paulo Pires Vasconcelos, de Monlevade (MG) e Francisco Gomes de Lima, do Ceará, denunciaram a omissão das entidades de cúpula do sindicalismo diante dos problemas que enfrentam os trabalhadores, propondo uma atuação voltada para as bases. Na hora da votação, a divisão no plenário era visível; os partidários de cada chapa de lados opostos. Com o simples levantamento de braços não foi possível distinguir quem havia ganho. Criou o tumulto no plenário e recusando a propesta de voto secreto, Joaquim Andrade, que presidia a mesa tenta realizar o processo de votação através da chamada nominal dos delegados. Sabendo que esta era uma forma de pressionar os dirigentes dos sindicatos das pequenas cidades, João Paulo e Francisco Lima retiram suas candidaturas. O tumulto continua no plenário.

### "PE-LE-GOS, PE-LE-GOS"

João Paulo é carregado nos ombros pelos sindicalistas autênticos que denunciavam em coro as manobras da mesa gritando "pe-le-gos, pe-le-gos". Não faltaram palavrões e até mesmo ameaças de agressão de lado a lado. Ficou impossível restabelecer a calma no plenário e Joaquim Andrade decidiu declarar o fim da sessão.

Numa avaliação do encontro. feita nos intervalos. João e outros líderes metalúrgicos acreditavam ter sido uma vitória parcial a aprovação de várias teses importantes, mas mostravam-se desiludidos quanto à possibilidade das entidades de cúpulas as levarem à prática. Não adianta decidir que as eleições para as federa confederações devem ser diretas, é necessário marcar também quando e como serão realizadas as eleições, dizia João Paulo. Mostrava também que lutar para tomar as entidades de cúpula tem pouca importância, além de ser quase impossível, devido ao controle que os pelegos exercem sobre a major parte dos pequenos sindicatos. As salas, mesas, cadeiras e telefones destes sindicatos costumam ser fornecidos pelas federações. Seus dirigentes não vão arriscar perder tudo isso votando contra os que lhes sustentam. Por outro lado, explicava João Paulo, o que mais importa são as reivindicações de base. Estas sim, têm um efeito multiplicador, "Se Monlevade consegue alguma coisa, isto reflete em Belo Horizonte, Barão de Cocais, Sabará, assim por diante. Só conseguiremos somar sindicatos se somamos as lutas comuns. Esta deve ser nossa meta essencial"

### As propostas (que os trabalhadores não viram) e as comissões discutiram

O anteprojeto governamental de atualização da CLT deve ser rejeitado em bloco, "desenvolvendo-se uma campanha de âmbito nacional no sentido de sua não apresentação ao congresso". Esta é a principal proposta que a comissão de Direito do Trabalho analizou durante o X Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgi-cas, Mecânicas e de Material Elétrico do Brasil. O documento-base propõe ainda:

"A luta pela elaboração de uma lei básica do trabalho, fixando as garantias mínimas asseguradas a todos os trabalhadores rurais e urbanos, que possa ser aplicada em todo o território nacional, independente das diversidades

a luta pela revisão do Direito de Greve, a partir da Emenda à Constituição Federal, com a eliminação do disposto pelo artigo 162 e a alteração do inciso XX do artia elaboração de leis específicas relativas à conven-

ção coletiva de trabalho, à higiene e segurança do trabalho, ao trabalho da mulher e do menor, e à organização sindical, que deverá gozar de liberdade e de autonomia perante o estado e o patronato".

Ressalvando que se não for possível impedir o envio do anteprojeto ao Congresso Nacional I. o documento propõe que os trabalhadores lutem para que seja expurgado do texto "tudo aquilo que compromete a luta sin-dical e desatende as nossas legítimas pretensões".

### Sindicalismo

"Hoje não se pode mais pensar na pluralidade sindical existente até 1930, no período do anarco-sind calismo. uma vez que ao poderio e concentração gigantesca do capital só se poderá contrapor a unidade da classe operária, através de organizações igualmente fortes e unifi-

Numa perspectiva histórica, o movimento sindica! brasileiro estaria hoje iniciando uma terceira fase, assinalaya o Informe sobre Sindicalismo A primeira, do inicio do século até 1930, foi um "exemplo típico da desenfreada exploração que os trabalhadores passaram no inicio do capitalismo industrial". Em l'nhas gerais, predominava o "operário europeu, de ideologia anarquista, aunlificado e voltado para a pequena produção artesanal". As principais reivindicações do movimento operário eram "a jornada de 8 horas, o amparo ao menor e à mulher trabalhadora e as caixas de aposentadoria e pensões". Não havia uma legislação disciplinadora e a estrutura sindical era pluralista; proliferavam vários tipos de entidade, até mesmo dentro de uma única categoria profissional. Mesmo assim, houve as grandes greves de 1903 (no Rio).

de 1907 e 1917 (em São Paulo), esta última dirigida de

forma centralizada pelo Comitê de Defesa Proletária A segunda fase do movimento sindical brasileiro começou em 1930, quando a produção artesanal foi substituida pela industrialização e o quadro político mudou (Revolução de 1930, criação do Ministério do Trabalho, repressão violenta às lideranças sindicais e. mais tarde.

Nesta fase, a burguesia industrial já se faz representar, ao lado da oligarquia agrária. no controle do Esta-A legislação de caráter social (resultante de conquistas asseguradas por algumas profissões mais combativas) é ampliada, antecipando-se a possíveis reivindicaçõe de diversas categorias de trabalhadores. E' um fator que concorrerá decisivamente para minar "a organização de base e consequente força das categorias menos combativas"

Ao mesmo tempo, o Estado "determina a estrutura sindical corporativista e fascista que vigora até hoje (número de diretores sindicais, organização e prestação de contas, número de assemblélas, intervenção e objetivo das organizações sindicais, etc.)". Durante o Estado Novo. agentes do Ministério do Trabalho dominaram o aparelho sindical, levando as entidades ao esvaziamento. Para "superar a crise". Getúlio Vargas cria o imposto sindical. que permite aos sindicatos uma sustentação econômica "mesmo quando vazios de operários"

Com a queda da ditadura, em 1945, os dirigentes mais ligados à categoria patronal e ao Estado são afastados dos Sindicatos. De 1950 a 1964 verifica-se uma dinamização do movimento operário, ao lado de um grande surto industrial e de um regime político de "relativas li-berdades democráticas". E' nesse quadro que são organizadas as grandes greves de 1955, 1957 e 1963, que paralisam, respectivamente, 300 mil. 400 mil e 700 mil trabalhadores. A última foi organizada pelo Pacto de Ação Conjunta e tinha como principal objetivo "a unificação da data-base dos dissídios coletivos, que representaria um grande poder de pressão da classe trabalhadora"

### Capitalismo e

estrutura sindical

Com a mudança da ordem política, em 1964, não houve necessidade de uma legislação especial para reprimir o movimento sindical, porque a existente "foi e continua sendo extremamente eficaz para manter a classe operária dentro dos limites estabelecidos pelos sucessivos go-vernos que detiveram o poder desde 1930". Essa longa

vigência da estrutura sindical brasileira repousa tanto no "papel coercitivo do préprio Estado" como no "ajuste entre o tipo de desenvolvimento industrial e a própria estrutura sindical"

Ainda de acordo com o documento, "a partir de 1930. sociedade se volta para o desenvolvimento capitalista baseada em empresas de capital nacional, de pequeno • medio porte e, além do mais, semelhantes entre si em relação à produtividade, tecnologia e utilização intensiva de mão-de-obra. São empresas que vão usufruir da intensa mobilidade campo-cidade, absorvendo sem majores problemas, uma mão-de-obra não qualificada". Com & alteração do processo de crescimento econômico, ao lado da conjuntura política e da organização de certas categorias profissionais, havera uma mudança qualitativa no movimento sindical. E' o que se observa hoje

Grandes e modernas unidades produtivas coexistem com empresas de pequeno e médio porte, o que terá "una amplo efeito sobre os trabalhadores e suas organizações de base". As grandes indústrias chegam mesmo a "disputar os serviços até então exclusivos do sindicato, como é o caso das cooperativas e assistências médico-dentária". Como o porte das empresas é diferente, há também diferentes formas de exploração da mão-de-obra (desde o caso dos bóias-frias até o dos trabalhadores empregados em empresas mais modernas). Há ainda conflitos gerados por regulamentações da própria CLT, que nunca são cumpridas (pagamento regular de salários, registro em carteira, férias, etc). Assim, também a legislação não registra soluções para uma série de impasses

Atualmente, verifica-se que há uma necessidade urgente de "mudança da organização sindical", fato reconhecido por alguns setores empresariais e até mesmo governamentais. Mas, de acordo com o documento, é evidente que os interesses em jogo são diversos. Os patrões, por exemplo, defendem a necessidade de mudanças, mas sob o ângulo da "pluralidade sindical", que levará fatalmente ao "enfraquecimento da classe operária"

Já os trabalhadores, ao mesmo tempo em que lutam pela autonomia das suas entidades representativas, estão interessados em manter sua união. O documento afirma, categórico: "hoje, não se pode mais pensar na pluralida-de sindical existente até 1930, no período do anarco-sindicalismo". O principal desafio que se apresenta agora § o de "conduzir a transformação desta terceira fase (do movimento sindical), de forma a manter a unidade da classe operária, aliada à autonomia de organização e contrato coletivo'

### Congresso: Quem Resoluções

Entre as principais resoluções e moções aprovadas em Pocos de Caldas durante o X Congresso dos Metalúrgicos

\* repúdio ao anteprojeto da Consolidação das Leis do Trabalho, reivindicando seu simples arquivamento.

\* O Sindicato deve ser autônomo, livre e independente.



João Paulo de Monlevade: não levou mas festejou

não tendo legitimidade qualquer instrumento que importe em sua subjugação ao Estado.

As entidades sindicais deverão ser coordenadas por uma Central Unica de Trabalhadores, para o que, as bases deverão ser ouvidas e preparadas.

Os trabalhadores se organizarão no ámbito de seu local de trabalho através das Comissões de Fábricas, eleitas por processo democrático e cujos integrantes gozarão de estabilidade no emprego.

Os trabalhadores não sindicalizados terão participação permitidas nas assemblélas que digam respeito a aumentos de salário e condições de trabalho

Repudia-se a politica de arrocho salarial implantada desde 1965, substituindo-o pela contratação coletiva. mediante negociações diretas e fixação de índices elaborados com a participação dos empregados, através do

★ E' garantido o direito de greve, sem limitações, cabendo exclusivamente aos trabalhadores interessados a deliberação de sua deflagração como também de sua

As eleições em sindicatos serão diretas, inclusive nos órgãos superiores, federações e confederações \* Imediata convocação de uma Assembléia Constituin-

De "aristocracia" à vanguarda de classe

te que possa dotar o país de uma Carta democrática, \* Concessão de anistia ampla, geral e irrestrita, inclusive com a reintegração dos trabalhadores que, apés 1964, perderam seus empregos, por motivos políticos

\* Criação de um Partido dos Trabalhadores nho dos sindicatos em ouvir as bases para que, ao final, possa ser elaborada uma carta de princípios a reger este () Partido deverá espe rária, vedada em seu meio, a participação direta ou indireta dos empresários

→ Manifestação de solidariedade ao povo da Nicarágua. que se empenha contra a ditadura militar de Somoza. \* Solidariedade à Comissão de Salário da Mannesmann, cujos integrantes foram demitidos sumariamente, após a

\* Solidariedade a Jesus Parede Souto, de São Paulo, que se encontra preso, e a Conceição Imaculada de Oliveira. ex-secretária do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, e que hoje acha-se banida

\* Solidariedade aos professores de Poços de Caldas, sede do Congresso, que se encontram em greve por melhores condições de trabalho.

\* Conclamação aos sindicatos para realizarem congressos específicos de mulheres trabalhadoras e criarem departamentos femininos de modo a integrá-las na vida

### A anistia dos trabalhadores

Foi praticamente durante a discussão na sessão pienária da moção sobre a anistia que se pôde perceber que era possível a aprovação de teses importantes no Congresso dos Metalúrgicos, mesmo não se contando uma maioria convicta de delegados. Assim, a argumentação dos representantes das Federações de São Paulo e Minas e dos sindicatos pelegos em defesa da anistia pura e simples ou mesmo restrita, foi esmagada pelas palavras dos sindicalistas autênticos e operários de base, como Efigê nia Maria de Oliveira, de Belo Horizonte, que num emo cionado discurso relatou o tempo que passou na prisão as torturas que sofreu. Falou sobre tantos outros operários que ainda permanecem nos cárceres do regime Sua fala conseguiu encher de lágrimas os olhos de quase todo o plenário, ao contar a situação de sua irmã, metalúrgica, ex-secretária do Sindicato de Belo Horizonte e Contagem, que se encontra banida do país. Assim como Efigênia, outros metalúrgicos arrancaram a aprova ção de que "ao operário só interessa a Anistia Ampla

No dia do encerramento do Congresso, sábado, o tema da anistia causou novamente emoção ao plenário, quando uma senhora idosa se apresentou como mãe do metalúrgico David Gongorra Júnior, pedindo para ler uma carta que seu filho escrevera do presidio político do Barro Branco, em São Paulo, aos congressistas.

David, torneiro mecánico, em 1968 trabalhando em Osasco, foi obrigado a entrar na clandestinidade. E nesta condição ainda continuou na luta até que mais tarde foi forçado a se exilar. Pouco depois retorna ao país indo trabalhar na categoria metalúrgica de Londrina. Preso em 1978 foi condenado a 9 anos de prisão. Eis alguns trechos de sua carta:

"Companheiros: Congratulo-me com as resoluções tomadas em nosso Congresso. Elas atestam o alto nível de unidade que vem alcançando nossa categoria e são a base segura para novas vitórias... Como metalúrgico. confinado nas masmorras da ditadura, a decisão de nosso Congresso, em favor da anistia, mais uma vez reforçou minha inquebrantável fé de que a solução dos principais problemas de nosso povo e de nosso país se encontram nas mãos de nossa classe"

Já se falou muito sobre os lucros extraordinários obtidos pela burguesia implantada no país durante os anos "milagroque vão de 1968 a 1973. Mas, agora, as greves operárias começam a mostrar a outra face da moeda que resultou do crescimento econômico desse período: o aumento da força reivindicatória do movimento operário, resultante do seu crescimento numérico e, especialmente, da sua maior concentração em grandes pólos industriais. Os metalúrgicos des-

pontam como a categoria que mais cresceu nessa expansão do operariado. Com efeito, se o número de empregados nas indústrias de transformação dobrou entre 1960 e 1974. a participação dos trabalhadores das indústrias de metalurgia, mecânica, material elétrico, comunicações e de material de transporte. no conjunto do operariado fabril cresceu de 20% para 34% no mesmo período. O nú-mero de trabalhadores metalúrgicos que era de 376 mil em 1960, cresceu para 721 mil em 1970 e em 1974 já atingia a cifra de 1.142 mil. Em relação ao valor da produção, a participação do setor metalúrgico no conjunto da indústria de transformação cresceu de 22% em 1960 para 36"

Tem importância tam bém o fato destas indústrias constituírem o setor mais dinàmico e concentrado do capitalismo brasileiro, compreenden-

Categoria que mais cresceu nos últimos 25 anos, os metalúrgicos têm sido apontados, pelo governo e pelos patrões, como uma nova aristocracia que surge na classe operária. Ao mesmo tempo têm se revelado o setor mais explosivo e na vanguarda das lutas dos trabalhadores no Brasil, hoje.

do empresas como a Volkswagen (35.028 em-pregados), Mercedes Benz (14.387 empregados), Ford (10.986 empregados), Fit (12 mil empregados). Mainesmann (10 mil empre

Crescimento numérice e concentração geográfica: maior força e melho.es possibilidades de organização. Não é sem explicação, portanto, o pasel de ponta que vêm cunprindo os metalúrgios nesta nova fase de asceiso do movimento sindial brasileiro.

ARISTOCRACIA

Os trabalhadores mea lúrgicos recebem, em nédia, salários 40 por cen to superiores aos dos emais operários da indistria de transformação P gundo dados do Censo de

Por serem, em méda melhor remunerados c'e os trabalhadores de altras categorias e. asumindo a dianteira na u ta por melhores saláros os metalúrgicos tém sdo acusados pelo Goveno de constituirem uma ais tocracia operária

Para comprovar a ua acusação. o Governo eria de demonstrar. em primeiro lugar, que cs metalúrgicos recebem im

salário significativamente superior aos trabalhadores de outras categorias. E. além disso, que essa sua condição privilegiada é estável. possibilitando a formação de uma "casta" especial de trabalhadores.

A menos que faça uso do seu tradicional artificio de manipular dados, o Governo não conseguirá comprovar nenhuma das duas condições. Em primeiro lugar. a faixa de operários que por possuirem elevada qualificação. recebem salários bastante superiores à média dos trabalhadores fabris, é infima em relação ao conjunto da categoria metalúrgica. E se considerarmos que a média salarial dos trabalhadores brasileiros é bastante aquém do necessário para o seu sustento, e que, além disso, o ritmo de trabalho nas indústrias metalúrgicas impõe um desgaste maior ao operário, poderemos concluir que os metalúrgicos estão bem longe de constituir uma "aristocracia operária". Quanto à estabilidade. há várias pesquisas como a de John Húmphrey publicada em "Cadernos Cebrap-23" demonstrando que a alta rotatividade no emprego prevalece, para a maioria dos metalúrgicos, a qual se enquadra na faixa dos operários semi-qualifica dos e de baixa qualifica

### OU VANGUARDA?

O "novo sindicalismo" ou o "sindicalismo de ponta", como tem sido chamado a prática sindical dos setores metalúrgi cos, guarda caracteristi cas bem próprias em re lação ao movimento operário brasileiro das déca das passadas. Entre elas, a prioridade concedida junto à questão salarial. aos problemas ligados à organização do trabalho e à vida interna da fábrica, a ênfase dada ao de senvolvimento de formas de organização de base como as comissões de fábrica e delegado sindical. a defesa da livre negociação e da contratação coletiva do trabalho.

Tudo isso levou alguns a prever que este sindicalismo nascente evoluiria para um "sindicalismo de negócios". isto é, para uma prática sindical do tipo norte-americano. voltada apenas para a obtenção de melhorias econômicas imediatas e "apolitica"

Tal evolução não tem se verificado. Pelo contrário, o que ocorreu é que. esbarrando na intransigência das grandes empresas e na inflexibilidade do regime, a luta sindical dos metalúrgicos. como de resto das outras categorias, tem se politi zado continuamente.
Por outro lado, diante dos impasses surgidos no confronto contra os patrões e o Estado, tem crescido nas lideranças autênticas do "sindicalismo de ponta" a percepção da necessidade da unidade do conjunto dos trabalhadores. Talvez seja esta a lição maior do episódio recente, quando os operários do ABC, sem a possibilidade de um apoio mais efetivo das outras categorias, tiveram de optar por um recuo organizado. As propostas de uma campanha nacional por um novo salário-mi. nimo e da constituição de um Partido dos Trabalhadores que realize no plano político a unidade dos trabalhadores aprovadas no Congresso Metalúrgico de Lins, por exemplo, revelam bem a disposição para a unidade.

E embora, o "sindicalismo de ponta" não tenha ainda constituido uma IIderança em relação no conjunto dos sindicatos. o mais provável é que ele vá consolidando a sua posição de vanguarda do movimento operário brasileiro que está se ges-

### ASSINE EM TEMPO Pelos telefones:

Em Belo Horizonte Em São Paulo 280-4759 - 853-6680

### JOGO DURO NO TAPETÃO DA EUROPA:

# Patrões x operários, zero a zero no placar.

Em todos os países da Europa capitalista, a burguesia reagiu à recessão generalizada de 74-75 desencadeando uma ofensiva de austeridade contra os trabalhadores. O objetivo principal dessa ofensiva é fazer com que os trabalhadores carreguem o peso da crise e paguem o custo da reestrutração da economia capitalista. As principais vias de ataque burguês são as seguintes

● 1 — Um claro esforço para bloquear qualquer aumento nos salários reais e mesmo para reduzi-los, sob o pretexto de combate à inflação. Considerando-se o rápido aumento de produtividade em muitos dos países imperialistas a brusca freada na subida dos salários reais e até mesmo seu declínio, traduziu-se num aumento considerável da taxa de mais valia. Tudo o mais permanecendo inalterado, isto significa um substancial aumento da taxa de lucro. Esta é a principal meta da austeridade.

 2 — Um assalto não menos brutal contra os ganhos do movimento dos trabalhadores em termos de seguro social e despesas públicas com serviços sociais. Em todos os países imperialistas, especialmente da Europa, tais benefícios e serviços representam uma parcela importante dos salários dos trabalhadores, no sentido literal da palavra (como "custo de reprodução da força de trabalho.") O termo "salários indiretos" traduz bem este senti-

Todos os cortes nessas despesas, mesmo quando são empreeno deficit do orçamento, "melhorar as finanças públicas" ou até mesmo de "combater a inflação" resulta num rebaixamento do padrão de vida da classe trabalhadora como um todo. Isto afeta especialmente certas camadas do proletariado tais como os trabalhadores doentes, os aposentados, os aprendizes e os jovens em geral. Um método eficaz de rebaixamento dos salários indiretos consiste em deslocar parte dos custos do financiamento das despesas sociais dos ombros dos patrões e do Estado para os dos próprios assalariados.

3 — Uma redução sistemática do emprego em todos os ramos industriais particularmente afetados pela crise. Isto inclui o fechamento de setores inteiros ou subsetores da indústria (como consequência especialmente dramáticas para as regiões nas quais tais setores se situam).

O aço, a construção civil, o ramo têxtil e de alimentos são exemplos típicos.

A reestruturação capitalista é buscada no sentido de eliminar aquelas empresas que estão trabalhando deficitariamente e ao mesmo tempo elevar a taxa média de lucro. A meta é uma reorientação coordenada das atividades industriais em direção ao mercado mundial, ou seja, a de melhorar a posição competitiva da indústria "nacional" numa situação onde a competição interimperialista foi estimulada pela crise.

Tal reestruturação às custas dos trabalhadores e dos empregos (falências em massa, fechamento de fábricas, suspensão dos contratos, aposentadorias prematuras etc.) é buscada para permitir a cada economia imperialista concentrar-se nas atividades industriais "avançadas" em detrimento dos setores "atrasados". Isto é garantido por uma política de subsídios estatais que beneficiam os setores avançados com recursos retirados da relativa redução em gastos sociais.

4 — Uma orientação no sentido de corroer os direitos sindicais e a capacidade do movimento dos trabalhadores em responder vigorosamente à generalizada ofensiva anti-trabalho. Entre numa total paralisia da vida ecotal categoria de medidas situamse: a extensão dos períodos de contratos para reajustes sala-

Desde 1975/1976 a economia capitalista não dá mostras de sua recuperação a curto prazo, apesar da grande ofensiva da burguesia no sentido de fazer com que os trabalhadores assumam o seu ônus, com o consentimento tácito, na Europa. dos líderes reformistas dos grandes partidos comunistas

e socialistas. Depois de um período de hesitação, os trabalhadores articularam sua resposta, conseguindo neutralizar as perdas do período inicial. Mas, se a burguesia não pode impor suas soluções, o proletariado não tem ainda uma direção capaz de impor as suas. A crise continua.

da Intercontinental Press

riais (Dinamarca), as leis repressivas contra os piquetes de greve (Inglaterra), as primeiras investidas contra o direito de manifestações públicas (França), tentativas para reduzir os direitos dos delegados de fábrica, inclusive o direito de rerecorrer contra os resultados das negociações nacionais considerados desfavoráveis aos trabalhadores em relação a salários e condições de trabalho (Itália, Espanha, Inglaterra e outros).

Essa ofensiva generalizada anti-trabalho assume formas específicas de acordo com o país. Entre os exemplos mais gritantes situa-se a política dos governos de Wilson e de Callaghan para limitar a taxa de crescimento dos salários nominais na Inglaterra, os planos de austeridade do governo de Andreotti na Itália, os sucessivos governos de Portugal e o plano Barre na França.

### A capitulação dos lideres reformistas

Surpresos e irritados com a didos sob a alegação de reduzir crise econômica e suas consequências, atolados em sua estratégia geral de colaboração de classes, recusando-se a encarar qualquer alternativa global anticapitalista. os líderes reformistas dos partidos Comunistas e Socialistas e das grandes organizações sindicais em geral capitularam diante da grande ofensiva do capital.

Numa série de paises, especialmente na Inglaterra, Alemanha Ocidental e Dinamarca, mas também na Bélgica (sob os governes de Tindeman e de Van den Boeynants), Portugal (sob Soares) e Finlândia, assumiram frequentemente o papel de principais articuladores da austeridade. Optaram por "gerir" a crise do capitalismo.

Em outros países, sua posição em favor dos "pactos sociais" deram cobertura às políticas de austeridade desencadeadas pelos partidos burgueses, possibilitando sua implementação, no mínimo, em um primeiro estágio.

Este foi o caso, por exemplo, da política seguida pelo Partido Comunista Italiano (ajudado pelo Partido Socialista Italiano) sob o governo de Andreotti.

Foi o caso também do "Pacto de la Moncloa" na Espanha.

Já o Partido Comunista Francês inúmeras vezes se opôs verbalmente às medidas de austeridade do governo Barre, mas a CGT (central sindical controlada pelos comunistas) assumiu completamente a política de negociação com o governo. O mesmo ocorreu com a CFDT, cujo líder, Edmond Maire faz a política do Partido Socialista Francês.

Os líderes reformistas usaram vários argumentos para justificar sua capitulação à ofensiva anti-trabalho.

Alguns advogam o fatalismo econômico, Numa "economia aberta" (leia-se: dentro da estrutura do mercado mundial capitalista), nenhum governo pode escapar às "regras do jogo", frequentemente impostas pelo Fundo Monetário Internacional (especialmente em Portugal e na Inglaterra, mas também na Itália e Espanha), sem que isso implique numa suspensão dos créditos internacionais, em restrições severas às importações e até mesmo nômica.

Outros asseveraram que a es-

uma política de austeridade moderada implementada pelos líderes reformistas e uma política mais severa e agressiva implementada pelos partidos burgueses. E que portanto era necessário escolher a alternativa menos

nefasta para os trabalhadores.

Já outros proclamaram cinicamente que a austeridade podia ser usada em benefício do movimento dos trabalhadores, se em troca dos sacrifícios no consumo atual de alguns trabalhadores, o movimento dos trabalhadores conseguisse arrancar importantes concessões da burguesia tais como uma "ampliação da democracia" e das "reformas estruturais". Tais argumentos foram usados de modo especial pelos partidos comunistas espanhol e

Finalmente alguns argumentavam lutar contra o desemprego.

Um balanço inicial dos primeiros dois anos de austeridade (em geral os anos 1976 e 1977, com importantes variações por país) mostrou o caráter ilusório e mistificador destas justifica-

Os salários reais foram deprimidos, especialmente em Portugal, Inglaterra e na Alemanha. O desemprego aumentou. As famosas "reformas estruturais" não ocorreram. Quanto à ampliação da democracia esta ocorreu apenas na imaginação das lideranças eurocomunistas. Na realidade houve um aumento da repressão (com a única exceção das conquistas democráticas dos traba-Ihadores na Esminha durante a transição do regime franquista para o governo de Juan Carlos).

### A resposta dos trabalhadores

A classe trabalhadora em sua maioria não respondeu prontamente à generalizada ofensiva capitalista. Ela emergia de um prolongado período de relativo "pleno emprego" e de relativa melhoria de seu padrão de vida. A propaganda da burguesia, fortemente reforçada pelas lideranças dos partidos comunistas e socialistas no interior do movimento dos trabalhadores, levava a crer que as coisas continuariam daquele modo por tempo indeterminado. O programa Comum da União da Esquerda na França, por exemplo se baseava na hipótese de uma taxa regular de crescimento da economia de 5% ao ano.

Aqueles que chamavam a atenção para o fato de que as crises sob o regime capitalista são inevitáveis e que uma série de recessões teriam lugar, eram tratados como "dogmáticos" incuráveis que nunca entenderiam as transformações havidas desde a H. Guerra Mundial, no funcionamento da economia "mista" (o capitalismo planejado!).

Desta forma, os trabalhadores foram surpreendidos pela crise, desorganizados pelo desemprego crescente e confundidos pelos reformistas especialmente naqueles países onde estes assumiram a liderança da política de austeridade. E' preciso acrescentar que em vários desses países especialmente os do sudeste da Europa (Portugal, Espanha, Itália e França) a virada da situação econômica ocorreu em meio a sérias crises políticas. A situacão política impediu que os trabalhadores compreendessem de imediato a necessidade de responcolha tinha de ser feita entre der prontamente à ofensiva eco-

nômica dos patrões e dos Estados burgueses (o que foi certamente o caso de Portugal em 1976 e da França em 1977).

Em certos países a burguesia iniciou ainda uma política de desemprego parcial que acabou dividindo os trabalhadores. Quando os capitalistas são compelidos por sua necessidade de reestruturar a economia a iniciar falências em massa e fechamento de fábricas, isso ajuda objetivamente a pavimentar o caminho para uma resposta unitária da classe trabalhadora. Foi o que aconteceu em

Depois de um período de hesitação, uma amostra da extensão da resposta dos trabalhadores começou a emergir, especialmente durante 1978 e o começo de 1979 (mais uma vez com diferenças importantes país por país). Em geral tal resposta assumiu três formas:

■ 1 — Lutas salariais voltadas para ultrapassar os limites impostos para o crescimento dos salários nominais. Tal lutas foram favorecidas pelas condições de uma moderada recuperação econômica em certo número de países imperialistas e pelo espetacular ascenso dos lucros capitalistas. Elas foram levadas com sucesso na Alemanha Ocidental e na Inglaterra e em menor extensão na Espanha e na Irlanda.

2 Pressões consideráveis no interior do movimento dos trabalhadores para por fim à política dos "pactos sociais" que a austeridade pressupunha. Foram tais pressões que levaram à vitória na Espanha, onde o "Pacto de la Moncloa" não foi revivido. Assumiram uma proporção importante na Itália. Na Dinamarca resultou numa greve geral em 1978.

 3 — Lutas parciais, mas muito explosivas, contra falências e fechamentos de fábrica. A luta dos trabalhadores da siderurgia no Norte da França é um exemplo típico.

Se tomamos os três primeiros anos da ofensiva da política de austeridade, concluimos que, com exceção de Portugal, os ganhos da burguesia foram bem modestos. Numa série de países, a resposta dos trabalhadores neutralizou completamente a perda nos salários reais. A atividade sindical permaneceu bastante elevada. A possibilidade de impor ao movimento dos trabalhadores uma camisa de força de regrasrestritivas é atualmente quase

A burguesia não pode impor suas soluções e o proletariado não tem ainda uma direção capaz de impor as suas. A crise deverá então se prolongar, marcada por reviravoltas abruptas.

Nenhuma alteração importante da correlação de forças entre as classes teve lugar, a despeito do sucesso da burguesia em manter uma elevada taxa de desemprego (aproximadamente 8 milhões de trabalhadores em toda a Europa).

A razão para isso reside em que o desemprego ainda não atingiu os contingentes de maior peso do movimento organizado dos trabalhadores (com exceção da siderurgia). Seus efeitos foram concentrados nos setores mais fracos e vulneráveis da classe trabalhadora — os imigrantes, as mulheres e os jovens.

Não obstante precisamente porque esses estratos são menos organizados do que os demais (o que em parte explica sua vulnerabilidade), os golpes que eles tem sofrido ainda não esmoreceram o potencial de combatividade do movimento organizado. Mas fica claro que, a longo prazo, essa evolução traz o germe da divisão e outros perigos para a classe trabalhadora, se o movimento dos trabalhadores organizados falhar na defesa intransigente dos estratos mais fracos da

## Os perigos de um somozismo sem Somoza

A Frente Sandinista controla a maior parte do país e as principais cidades na mais enérgica ofensiva guerrilheira contra a ditadura de Somoza. Mas, a vitória militar só não basta para garantir a formação de um regime democrático no país. Os Estados Unidos estão aproveitando a confusão da guerra civil para articularem um governo de "oposição moderada", na Nicarágua, reunindo os despojos do somozismo. Assim, a Frente terá que usar no plano político da mesma força que mostrou no terreno militar para consolidar sua própria altenativa de Poder.

por Vilma Amaro

Uma decisiva e coordenada ofensiva dos três setores que integram a Frente Sandinista de Libertação, o apoio das organizações de massa que congregam operários e camponeses no país e, possivelmente, um erro de cálculo dos Estados Unidos que esperavam elaborar um plano alternativo para a queda de Somoza somente no final do ano (sem prever a força da atual ação guerrilheira), estão levando a Nicarágua rumo a uma nova etapa histórica.

O ditador Anástacio Semeza, duro na queda, chegou a admitir, no entanto, que os sandinistas estão bem armados, bem treinados e abastecidos, o que equivale na prática a uma confissão de derrota. Nos últimos dias os guerrilheiros conquistaram 29 cidades, incluindo León, a segunda cidade do país, e levaram os combates até à capital Manágua:

Somoza, refugiado em uma fortaleza, dentro do quartel-general da Guarda Nacional, acusa de intervenção a Costa Rica (que não possui exército, apenas uma Guarda Civil), o Panamá ("Torrijos me odeia pessoalmente") e a Venezuela, cujo presidente de-mocrata-cristão Herrera Campins foi acusado de "ingênuo esquerdista", pelo ditador nicaraguense e Cuba. Ao mesmo tempo que vocifera contra seus vizinhos, Somoza pede a intervenção do Condeca — Conselho de Defesa Centro-Americano — para salvar o governo que qualifica como "o único regime capitalista do Caribe". Em Washington, alguns porta-vozes de Jimmy Carter levantam a hipótese de intervenção, mas não se arriscam a maiores vôos, porque o desmoralizado governo de Somoza não encontra parceiros dispostos a uma nova aventura da região (aliás o México deu o primeiro passo no sentido de isolar o ditador, ao romper suas relações com a Nicarágua no início da atual ofensiva sandinista).

No sul do continente, a preocupação é com os ataques de Somoza ao governo de Rodrigo Carazo, na Costa Rica, e uma possível extensão dos conflitos àquele país, enquanto o Brasil apareceu repentinamente em cena como fornecedor de armas ao ditador (já que os Estados Unidos cortaram "formalmente" sua ajuda à Nicarágua).

AS ALTERNATIVAS DE PODER A maior preocupação dos

Estados Unidos atualmente é descobrir uma fórmula mágica capaz de fazer surgir às pressas um comitê governante, da "oposição moderada" em substituição



ao regime de Somoza, uma vez que fracassaram todas as tentativas para uma queda lenta e gradual da ditadura, inclusive o plebiscito proposto pela OEA, mas são muito favoráveis, uma vez que a Nicarágua não possui uma burguesia forte, que possa se constituir como classe hegemônica em uma nova estrutura de poder na Nicarágua. O início do desenvolvimento industrial na Nicarágua é recente — menos de 20 anos e limitado — e, de fato, quem controla a economia do país é o clã Somoza (cerca de 26 importantes companhias nicaraguenses são de sua propriedade, assim como um sexto das terras do país e 30 por cento dos latifúndios produtivos). Além disso, o setor burguês está dividido e as várias correntes de opinião que compõem a Frente Ampla de Oposição, a frente moderada criada o ano passado para combater o regime de Somoza, são uma prova da falta de um projeto sólido para a constituição de um novo regime, que prepetue por outras vias, o mesmo sistema de explo-

Além disso, a Frente Sandinista de Libertação tem manifestado com firmeza sua decisão de não permitir um somozismo sem Somoza, o que significaria a continuação da luta armada.

OS SANDINISTAS A reunão dos três setores da Frente Sandinista (os terceiristas que defendem uma aliança maior com os setores burgueses). a Tendência Guerra Popular Prolongada e a tendência proletária), e mais o apoio da Associação dos Trabalhadores do Campo, das organizações de mulheres foi importante para a consolidação de uma frente revolucionária de oposição a Somoza — o MUP — Movimento Povo Unido, com alguns meses de existência. O MUP seria o braço político da Frente Sandinista de Libertação que, no entanto, compreende a necessidade de manter-se organizada de forma independente dentro da agrupação. Recentemente o MUP fez um apelo a outros setores incluindo a burguesia — o que alvoroçou os setores moderados de oposição para unir-se à Frente Patriótica, pela derrubada da ditadura no país.

O rápido desenrolar da ação armada no país e a ofensiva contra Somoza não permitiram vislumbrar uma correlação de forças dentro dessa Frente. No entanto, os setores mais avançados, inclusive o poeta Ernesto Cardenal, porta-voz dos guerrilheiros (atualmente na Costa Rica), reitera que qualquer mudança de regime no país tem que ser operada sob controle dos sandinistas, que foram os que puseram em xeque a ditadura.

Quanto ao futuro governo, apenas um ponto está claro: a expropriação dos bens de Somoza. Talvez subestimando a própria força, os guerrilheiros acreditavam ainda não estar preparados para levar o país diretamente ao socialismo, e uma forma de transição "democrática" surgia como alternativa entre alguns líderes. Evidentemente, a situação nos últimos dias mudou repertinamente seu curso e a Frente Sandinista, além do controle militar da guerra civil, é a única organização que tem o absoluto respeito das massas. E estas, que engrossaram substancialmente, nas últimas semanas, as filas da Organização, terão um peso decisivo na reformulação do projeto político sandinista.

Trata-se de afastar do Caribe a imagem de uma nova Espanha (agora até almejada pelos Estados Unidos), para construir uma Nicarágua socialista.

Em Betim os patrões da Fiat e da FMB querem que os operários façam greve, já. Estão com os estoques atolados e preparados para decretarem o lock-out patronal. Atrás disso viria a repressão, o desemprego e a desmoralização da classe operária. Os operários descobrem a manobra. Começa a luta pela conquista da unidade operária na fábrica e no sindicato: as mangas já estão arregaçadas para a operação tartaruga. Até setembro, época do dissídio da categoria, os operários querem a sindicalização em massa, a conquista do poder no sindicato pelas assembléias e depósitos das fábricas vazios. Aí poderá sair greve.

Por: João Batista dos Mares Guia

Em Contagem e Belo Horizonte, a campanha salarial antecipada dos Metalúrgicos da Belgo Mineira começou com 300 operários reunidos no sindicato. Alguns dias depois, uma assembléia de 1.800 trabalhadores da Belgo encerrava a campanha cantando vitória. Tinham arrancado da empresa um aumento salarial não descontável na época do dissidio, marcado para 1.0 de setembro próximo. A trilha da Belgo foi o caminho da Mannesmann. No início de maio, 70 operários da companhia alemā, na qual trabalham 10.500 homens na produção de aço, se reuniram no sindicato para organizarem a luta pelo reajuste salarial antecipado. No dia 23 de maio, quarta-feira, às 22:00 horas, a Mannesmann parou, e permaneceu sem produção durante 8 dias. A greve terminou com os operários arrancando da companhia um reajuste de 20% para a maioria dos operários da Mannesmann, e de 15% e 10%, respectivamente, para aqueles que tinham salários mais eleva-

A estratégia de luta baseada na antecipação das campanhas salariais se alastrou, desde então, pelo BBC. como passou a ser chamada a região industrial formada pelos municípios de Belo Horizonte, Contagem e Betim. Neste último, nas fábricas, corre solto o "zum-zum" da greve. No dia 3 de junho passado, 120 operários da Fiat, Krupp e FMB, reunidos da igreja de São Francisco de Assis, em Betim, abriram a campanha salarial antecipada. Na reunião ficou clara uma grande preocupação dos operários, expressa na denúncia do operário Enilton, dispensado da Fiat durante a greve de setembro de 1978:, "Os companheiros nas fábricas querem greve. Qual o melhor momento de nossa greve? Os patrões estão acumulando estoque. Eles querem a greve agora. Tiveram problema de abastecimento de chapa de aço, por causa das enchentes, e de auto-peças, por causa das greves do ABC paulista. Eles estão preparados para enfrentar a greve operária. E nós? Não temos organização suficiente e o sindicato tem sido incapaz de levar nossa luta. Mas o sindicato é a massa. Temos que organizar todos os companheiros evitar a greve que os patrões querem para dia 11, e preparar a nossa, depois de esgotados os estoques dos patrões" Em Betim trabalham 16 mil meta

lúrgicos em 25 fábricas. A Fiat tem 10 mil operários, a FMB em torno de 1.800 e a Krupp ao redor de 700. São as maiores. Fica a pergunta: o que acontece nas fábricas, a partir de uma assembléia operária que reune 120 trabalhadores, correspondendo a menos de 1 por cento do total da categoria, na qual é tomada uma decisão sobre greve? Como é possível. a partir de 120 operários, a organização de uma greve total, como aconteceu na Mannesmann, por exemplo? O que passa pela cabeça dos operários? Com o objetivo de esclarecer estas questões. o EM TEMPO partiu para as portarias da Fiat e da FMB. Fizemos entrevistas relampago nas saídas de fábrica, e papos mais longos em boteco e na casa de um operário, que reuniu um grupo de companheiros. O que a seguir se lê a transcrição literal dessas conversas entre operários, feitas um dia depois da assembléia que abriu a cam-

### Fiat, dia 4, 14 horas

(os operários utilizam pseudônimos)

JONAS - Cara. dirigindo-se a Manoel, voce que vai sempre ao sindicato, o que aconteceu ontem, vai ter aumento?

MANOEL - Não deu p'rá decidir nada. Cem operários numa assembléia não têm força para decidir por uma classe inteira. Por que você não

- Não adianta, eu não acredito no sindicato. Lembra da greve do ano passado? Nós fizemos tudo e o sindicato tirou o corpo fora. TONINHO — Você tá certo. A di-

nós chegamos lá só na última hora. MANOEL - O sindicato só faz o que a gente quer, nos não soubemos exigir da diretoria. Também nos não. estavamos preparados para isso, por isso o sindicato falhou.

TONINHO - Mas o 'sindicato ta lá p'rá defender o interesse da classe. Por que ele não insistiu mais. quando as fábricas estavam para-

PEDRO — Eu já tenho a carteira do sindicato. Quando preciso de dentista para a mulher e os meninos, è muito fácil. P'rá outra coisa ele não

presta. - MIRANDA .- Você viu-la, né, fatando para o repórter, a gente con-versou sobre aumento de salário; a necessidade de trabalhar só 40 horas por semana, como é na Itália, para não morrer neste inferno aqui; o abono de 240 horas após as férias, e outras coisas. Mas tinha pouca

PAULO - Eu não fui porque não gosto deste sindicato. Acho que o presidente não vale nada. Eu moro em Betim e conheço aquele cara faz muitos anos. Antes de ser presidente não tinha nada. Agora ele tem uma casa nova, tem carro, tem uma discoteca em Betim, empregou a familia toda no sindicato.

MIRANDA -- Eu vou às assembléias. Infelizmente o que se sabe deste sindicato é só coisa ruim. E se a gente deixa de participar, voseham que as coisas vão melho

SILVA É bom participar, mas. não sei se vai adiantar muito. MIRANDA — Eu não quero descul-

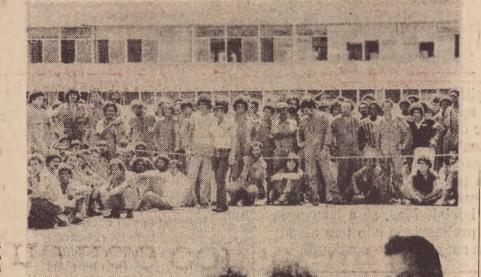
par o presidente, más acho que nós também temos a nossa culpa, muitos de nós somos mesmo moles: só gostam de entrar na coisa quando tudo vai bem. Não é o caso agora de participar do sindicato e obrigar o presidente a fazer por nossos inte-

resses ou para tirá-lo de lá?
PAULO — Mas isso é difícil e pe rigoso, sei que tem gente dedurando

MIRANDA - De fato é isso ai. Mas você já analisou por que? Se em todas as assembléias participarem 1.000 metalúrgicos será que háveria possibilidade de dedurar? Vai pouca gente, é fácil dedurar. No final da conta a culpa ainda é de nossa

PAULO - Você não me convence. Com esse presidente mesmo não tem

# Greve na Fiat e FMB: só com os depósitos vazios



A greve pode voltar à Fiat

jeito. Sabe, você deve saber quando o Lula veio aqui, ele falou que ia ao encontro, e depois não apareceu. E vou te contar mais: no 1.0 de Maio ele não estava com a gente na praca, mas estava pescando com o carro do sindicato.

MIRANDA - Nao concordo também. Enquanto a gente fica pensando que sindicato é presidente a coisa nunca vai mudar. O sindicato so

Eu me pergunto: como foi que no ano passado fizemos

DIRCEU - Eu sei porque. Eu participei de duas assembléias. Na primeira éramos 1.000 metalúrgicos e na segunda 4.000 — Ai a greve tinha forca mesmo.

### Portaria da FMB. Estação do trem

Momentos depois, do outro lado da avenida Amazonas, começa a sair a turma da FMB. Os ônibus estão encostados em frente a portaria principal. Atrás da fábrica fica a saída que dá direto na estação A conversa com os operários se desenrola dentro do trem, rumo

Manoel - Você acha que o sindicato é só prá isso? Olha, você está vendo no ABC, na assembléia havia 80 mil metalúrgicos decidindo o que queriam. E' assim que a gente ganha. Boa ou ruim a diretoria, se nós tivermos unidos e com grande participação nas assembléias nós conquistaremos nossos direi-

Toninho - Eu penso o seguinte: quem conhece mesmo todos os problemas somos nós. Então, nas assembléias temos que exigir soluções. A diretoria depois deve cumprir nossas decisões, ela é simples porta-voz da classe. Por isso existe a assembléia onde as decisões da maioria devem ser cumpridas.

Manoel - Na assembléia ficou combinado que cada um ali tinha que levar mais dez na próxima ... que logo nós vamos precisar da praça de Betim para fazer assembléia, que no cinema não vai caber E' prá isso que nós temos que trabalhar

(A conversa é rápida. Fica combinado: à noite o papo continua na casa do Toninho, às 19:30)

### Na casa do operário Toninho

D. Maria (a máe) - O cafezinho tá quase pronto. Mas é fraco. hoje em dia não dá nem prá tomar um café direito. Tudo é tão

José Carlos — A vida é dura Na semana passada fiz 10 horas extra.

Mangel - Você vai virar carcaça com essas horas extra.

dá mesmo. Só com elas eu pago o aluguel, e o resto fica para comida e outras despesas de casa.

-B :- Maria - Mas eu, vejo que voce esta sempre mais acabado. Manoel - E isso não tem solução, não Zé?

José Carlos - Já sei, você quer

falar de união de sindicato... . D. Maria. — Não entendo de sindicato, só tenho certeza que você vai só piorando. Se vocês homens

fossem um pouco mais unidos e ti-

vessem um pouco mais de peito... Manoel - Sindicato é isso mesme D. Maria: homens unidos com cabeca e peito.

D. Maria — Mas nesse negócio de greve, da Manmesmann : parari das professoras que não dão aulas, o sindicato tem algunia coisa com essas greves?.

Toninho - Na maior parte das vezes as diretorias dos sindicatos querem ganhar só o deles e não ter nada de brigar. Sindicato é feito

para unir a gente 'na briga pelos nossos direitos: Os professores der-

rubaram os pelegos lá do sindicato

José Carlos — E o nosso sindicato lá de Betim. como é?

Manoel. — Olha, nos metalúrgi cos de Betim somos bastante unidos. A diretoria do sindicato não quer nada. Eu acho que só preci-

Fred - Permite eu explicar me lhor. A gente precisa que muitos mais companheiros entrem na luta agora. Toro muno devete se sin-dicalizar, participar das assembleias. Daqui há um ano teremos eleicões no sindicato para colocar uma nova diretoria. e ai podemos, colocar gente das nossas fábricas.

Beto - Mas piào nào presta para sindicato, presidente de sindicato para prestar só pode ser advoga-

Toninho - Isso é uma bobagem. doutor nunca poderia ajudar a gente. Lula por exemplo, é um torneiro, por isso representou bem a vontade dos operários do ABC.

D. Maria To de acordo com você. Meu marido lutou muito nessas greves ai, fazem muitos anos. Me explique uma coisa: para votar no presidente não é todo operário

Manoel - Não. Só os sindica-

lizados, quem tem carteira do sindicato, e que faça parte do sindicato-pelo menos 6 meses antes das eleições. Por exemplo: para participar das eleições do ano que vem o pessoal deveria se sindicalizar

Paulo - O salário já não dá e pagar ainda uma taxa para o sin-

Fred - E' uma mixaria Depois, é dinheiro que vai ser bem retribuido Não é fazendo hora extra igual o Zé Carlos que resolvemos nossa situação, mas unidos, com sindicato na nossa mão.

Beto — Quer dizer que a peão-zada vai p'ro sindicato? E'... Pode atè ser. Até já quis me sindicali-zar. (Rindo muito). Vou tómar umás pingas a menos e se o pessoal, entrar p'ro sindicato eu entro também. Mas botar isso na cabeça , da peaozada não vai ser mole não.

### Hora-extra é arma dos patrões

Esta intenção governamental fo. expucitada em medidas concretas no que ficou connecido como "Saco Agricola" de 23 de maio. Suas me didas mais importantes foram: 'a'll beração do pagamento do redesconto de liquidez pelo Banco do Brasil no caso de excesso de aplicações em custeio agricola e a desvinculação de créditos de custeio agrícola dos pre ços mínimos. Alem disso, o CMN decidiu eliminar o fator "capacidade de endividamento" como um dos pa râmetros para classificação dos be neficiários do credito rural e esta belecer novo método de enquadra mento, calculado em função do valo bruto da produção de cada unidade Agregue-se a essas medidas, o aumento progressivo das ta xas de juros cobradas sobre os crêditos para investimentos dos prodi-A diferenciação das taxas de juros, que variam de 13% a 30%, estabelece 11 faixas para o crédito de investimento e "foi fixada para possibilitar maior capitalização do seto agricola, evitando-se o desvio de re cursos dos produtores para o "open market", aproveitando-se dos juros subsidiados vigentes até agora". N entanto, enquanto permanecer taxa de captação do crédito agrícola abaixo da taxa de aplicação no mercado financeiro, sem fiscalização per manece o risco do desvio.

### "QUEREMOS UMA CLASSE MEDIA RURAL"

Conforme pode-se observar pelos objetivos mais enfatizados, o governo trata o problema da agricultura como uma questão crediticia e fiscal e não como da propriedade da terra. Nas palavras de Delfim: "o problema agricola está basicamente ligado à possibilidade de ampliarmos a produção (...) representando a expansão do setor de proprietários somente uma estabilidade adicional aqueles que ainda não possuem terras"

Numa estrutura fundiária extrema mente concentrada como a do Brasil pelo Censo Agropecuário de 1970, os estabelecimentos de menos de 10 ha correspondem a 3% da área utilizada e 51% do total de estabelecimenos, enquanto os de mais de 100 ha correspondem. respectivamente. 76% e 9%) e na qual os pequenos e médios produtores - estabelecimen da produção total para merçado interno, qualquer resolução do problema da produção agropecuária deveria passar pela revisão da estrutura fundiária. No entanto, tal distorção não foi enfrentada pelo "pacote

agricola", restringindo o governo uma mera promessa de futura "reforma tributária" (sic), afetando principalmente o Imposto Territorial O primeiro grupo de medidas refere-se à "garantia de níveis de vid-1 nunimo aos pequenos e mini-produ tores": permissão de retenção de até 30% da produção para alimentação

da família: inclusão nas indenizações

do Proagro os juros de forma a de-

sonerar o lavrador desse desembolso.

Tais medidas podem aumentar a

quantidade de alimentos destinada ao autò-consumo e, em caso de frustração da safra desonerar o produtor dos prejuízos financeiros decorrentes da mesma. Por outro Tado, o decreto que desobriga os produtores a apresentarem comprovante de quitação com o Funrural para a obtenção de crédito, beneficia-os em detrimento tos trabalhadores rurais

Mas não são esses os pontos funamentais do discurso.

Estes estariam num segundo eleno de medidas, referentes a custelo crédito agricola.

Na verdade, a ampliação das disponibilidades financeiras do BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo) e o repasse de fundos governamentais às cooperativas, para que essas comprem, antecipadamente, as safras dos "mini" e pequenos produtores, aumentam os recursos do setor 'cooperativista. obrigando, de certa forma à filiação dos produtores ndependentes.

### A CONCENTRAÇÃO DA PROPRIEDADE

Por outro lado, considerar o financiamento de custeio como extralimite no Orçamento Monetário desvinculando-o dos preços mínimos. diferenciar as taxas de juros de acordo com o aporte de capital do produtor no projeto, são medidas que favorecem mais ao grande proprietário. Com a desvinculação entre os valores de financiamento de custeio e os preços mínimos, o governo pode financiar até a totalidade do exato valor de custeio. Como os maiores volumes de financiamento de custejo, são demandados por aqueles estabelecimentos cujo volume de produção l mais elevado, provavelmente o cradito rural sem limites orcamentários. não beneficiará tanto os pequenos produtores como prega a retórica governamental

Quanto à diferenciação da taxa de juros cobrada aos financiamentos de projetos agricolas, segundo a partiripação de capital do interessado, obviamente privilegiará aqueles que possuem a contrapartida de recursos financeiros próprios. Com isso o pequeno proprietário não participara desses financiamentos, pois a única garantia que ele pode apresentar

A instituição do credito rural rotativo, a elevação de 10% para 23% das aplicações dos bancos em crédito rural, espec!sicamente para atender pequenos produtores, e a permissão para que os bancos aceitem realizar contratos individuais de crédito, na realidade são medidas que aumentam o raio de ação do capital financeiro do que propriamente modificam & situação do pequeno produtor. Garante-se no máximo sua subsistência enquanto tal.

Aliás, não é outra a intenção politica do "saco agrícola": consolida: a base de apoio social ao regime. através da garantia da reprodução de pequenos produtores rurais, capazes de servir de respaldo ao partido de governo. e abrir uma "fronteira agricola" para expansão do capital mercantil-financeiro:

Professores licenciados do Estado de

Minas Gerais. Ao lado disso, out s

Após quatro reuniões, o governa-dor Francelino "Pauleira" fechou as portas das negociações com o Comando Geral da Greve, mantendo a sua proposta inicial de aumento de 40 por cento a partir de maio e 45 por cento em outubro. No último sá bado, em assembléia geral, mais de 5 mil professores reafirmavam em coro o repúdio à proposta de Fran-cellno: "O QUEBRADO JÁ SAIU/SO FALTA OS 8 MIL". Ao final uma estrondosa passeata percorreu as principais ruas do Centro de Belo Hori-

E a greve continuou, mais forte do que nunca. Agora já são mais de 90 mil professores em greve, o número sempre crescente. As cidades onde os professores estão parados se eleva a mais de 400. Em Juiz de Fora. Uberlàndia, Araguari, Ouro Preto e Governador Valadares, os professores tomaram as ruas em manifestações e passeatas. Em Belo Horizonte, onde todas as escolas estão paradas. a greve não tendo mais por onde se alastrar começa a dominar também as delegacias regionais de ensino.

Nesta última quarta-feira, nova assembléia geral foi realizada pelos professores Enquanto aguardam em vigilia na Praça da Liberdade, representantes de mais de cem oidades do Estado foram a Brasilla para levar suas reivindicações ao General Figueiredo.

Em Tempo entrevistou os professores Carceroni, Márcia e Júlio. do Co-

# Francelino não consegue mais reprimir

Enquanto o governador Francelino Pereira resolve bater pé e manter intransigentemente sua proposta de fome, os professores da rede estadual em Minas Gerais prosseguem com sua greve: são mais de 90 mil. EM TEMPO entrevista três representantes. do Comando Geral de Greve, que fazem um balanço

Greve dos professores

perspectivas de organizações do movi-A greve se aproxima do seu primeiro mês de duração Como vocês vêem o estado de ânimo do professorado e as possibilidades de

impasse criado pelo governo e as

vitória do movimento? CGG — Eu vou tratar do segundo assunto primeiro. A gente já tem algumas vitórias e não são pequenas. Acho que o saldo organizativo que se ten é definitivo, professor sentiu que se ele se organizar terá vez. podera ser escutado até a nível nacional. E, mesmo considerando do ponto de vista das reivindicações propriamente ditas, já se tem algo de mando Geral da Greve. Aqui, eles concreto. Nós podemos dizer que agi-avaliam o ânimo do professorado, o lizamos a máquina do Estado e for-

tamos esta máquina a nos ouvir. Tanto que o Estado tinha como previsão um aumento de 28 por cento a partir de outubro e sabemos se o go verno já concordou pelo menos a dár 83 por cento. Na semana passada, o próprio governo Federal baixou decreto que permite a utilização dos recursos do fundo de participação dos municípios para o pagamento do funcionalismo. Mas a nossa luta é por definir uma questão profissional. Quando nos reivindicamos um piso salarial, nós estamos forçando uma reopção política da Nação diante do professor., Quando ao ânimo do professor, o que se pode dizer é que a greve está crescendo até hoje, quan do atingimos quase um mês de para-

lisação e estamos paralisando até ór-

gãos de administração da educação.

É preciso dizer também que o Governo-não está sendo capaz de cumprir as ameaças, que está fazendo. Durante toda a semana passada. o Governo anunciou que seriam iniciadas as punições administrativas e temos certeza que o Governo é incapaz política e administrativamente de punir o professorado grevista.

EM TEMPO — O Governo assumiu a posição de fechar as negociações sem avançar o mínimo em suas propostas salariais. Além da não disponibilidade de recursos, ele alega que é impossível recuperar uma situação que resultou de 14 anos de descaso O que o CGG tem a declarar sobre

CGG - Nós não estamos reivindicando que o governo reponha, ime-

diatamente o poder aquisitivo de nosso salário. Longe disso. Nós somos extremamente modestos, nós quere-mos apenas sobreviver. E não temos ilusões de que ao longo dos próximos anos teremos de continuar lutando para que a prioridade seja dada a educação. O professorado entende que o governo tem dinheiro, mas o aplica mal, aplicando-o em mordomias e para privilegiar setores econômicos e financeiros minoritários. EM TEMPO — Que avanços organi

zativos o CGG julga possível consolidar e quais os passos que estão previstos neste sentido?

CGG -- Algumas entidades que se colocaram contra a greve foram estraçalhadas pelo movimento, como a Associação das Professoras Primárias de Minas Gerais e a Associados pos

entidades como as associações de professores de Poços de Caldas, de Divinópolis, do Norte de Minas tiveram sua representatividade enormemente aumentada durante a greve. Por exemplo, a associação de Passos, cidade do sul de Minas, que tinha 40 associados viu o seu número de filiados crescer para 800 no momento em que ela assume a paralisação. Além disso, temos notado que há um movimento natural no seio do professorado no sentido de se organizar em torno de entidades englobando micro-regiões. Agora, a grande questão é como viabilizar uma forma organizativa capaz de unificar o conjunto do professorado do Estado. O que tem se cogitado com certa intensidade é de realizar a curto prazo tao logo as condições permitam, um Congresso dos Educadores Mineiros para definir quais rumos devemos tomar. Existem já diversas propostas: a de criar uma única associação dos professores de todo o Estado, a de criação de associações nos principais centros e de uma federaão das associações, a de criação de uma federação que se apoiasse em subsedes com um determinado grau de autonomia. Outro caminho seria o de formar uma chapa de oposição à Associação dos Professores Primários de Minas Gerais, mas este caminho tem sido extremamente dificultado pelos próprios entraves do estatuto dessa entidade. Porém, o fundamental é que se garanta a democracia e a livre organizaão da participação ao profes-